

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

GRACINDA VIEIRA BARROS

**A LITERATURA MARGINAL PERIFÉRICA
NOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE**

Juiz de Fora
2017

Gracinda Vieira Barros

A literatura marginal periférica nos movimentos sociais em rede

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Rogério de Souza Sergio Ferreira

Juiz de Fora

2017

Barros, Gracinda Vieira.

A literatura marginal periférica nos movimentos sociais em rede /
Gracinda Vieira Barros. -- 2017.

189 p.

Orientador: Rogério de Souza Sérgio Ferreira

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos
Literários, 2017.

1. Literatura marginal periférica. 2. Literatura e ciberespaço. 3.
Movimentos sociais em rede. I. Sérgio Ferreira, Rogério de Souza,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, por compartilharem conosco seus conhecimentos e experiências. Agradeço a disponibilidade e espaço para diálogo dos coordenadores que passaram pelo programa: meu orientador Rogério, Ana Beatriz e Alexandre, juntamente com as secretárias Cristina, Gisele e Daniele.

Aos professores que me nortearam durante a elaboração desse trabalho, em especial a Juliana Gervason e Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, que estiveram presentes na minha Qualificação.

Aos membros da Banca de Defesa, Charlene Martins Miotti, Alexandre Montauray Baptista Coutinho, Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira, Juliana Gervason, André Monteiro, Patrícia Nora de Souza Ribeiro, Anderson Gomes e Décio Torres Cruz pela disponibilidade e pela leitura atenta deste trabalho.

Ao Rogério, pela orientação sempre gentil e sólida, pela presença constante e amizade durante esses quatro anos.

Aos colegas discentes, por compartilharem suas ideias, trajetórias e leituras, em especial ao Giovanni Verazzani, por aquela cópia do *Terrorismo Literário*, de Ferréz.

A Denise e demais colegas e gestores da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, pela amizade, por todo o apoio e flexibilidade, sem os quais esse trabalho não teria sido concluído.

Aos meus amigos, que foram tão leais e pacientes nesses quatro anos de furos (porque eu precisava terminar algum capítulo da tese), com especial carinho ao Wesley, Juninho, Pedro, Josi, Débora, Livia e Giovanni.

A minha família grande e linda, pela ajuda e apoio constante, com todo meu amor ao meu pai, Marcos, minha mãe, Rita, meu padrasto, Franco, vovó Bina, vovó Lourdes, vovô Barros, tia Lelo, tia Lore, tio Junior, Filipe, Natalia, Uri, Eugênio, Cristina, Lucas, Fran, Cacau, Matheus e Lara.

Aos meus amores, Arthur e Rafael, pela amizade, pelo apoio incondicional nesses anos de trabalho intenso, pelo café pronto às cinco da manhã, por todo carinho, amor e amizade que me mantiveram firme, por mais difícil que fosse o momento.

A todos que me ajudaram e me deram suporte de tantas formas e tantas vezes, meus mais sinceros agradecimentos.

A força estética, mas também política da palavra é descoberta pela periferia. A palavra poética que encanta, mas também o poder de que quem detém e manipula com destreza e segurança a prática da palavra cotidiana, da eficácia socioeconômica dos muitos usos da palavra. Nitroglicerina pura.

Heloisa Buarque de Hollanda

RESUMO

A literatura marginal periférica conquistou, na última década, reconhecimento crítico e espaço nos meios acadêmicos. Por sua natureza engajada e pela própria dinâmica dessa literatura, observamos que autores periféricos utilizam amplamente o ciberespaço para a livre circulação de algumas obras e divulgação de projetos culturais. Nesse contexto, pretendemos explorar a interação da literatura marginal com as novas tecnologias de comunicação e a maneira como os autores Sergio Vaz, Ferréz e Marcelino Freire utilizam esses espaços para difundirem uma literatura combativa que participa dos movimentos sociais ao mesmo tempo em que afirma um novo perfil de escritores e uma estética própria da periferia na tradição literária brasileira.

Palavras-Chave: Literatura marginal periférica; Movimentos sociais em rede; ciberespaço.

ABSTRACT

Peripheral marginal literature has achieved, in the last decade, critical recognition and space in academic circles. Due to the committed nature and dynamics of this literary genre, we observe that non-canonical authors widely take advantage of the cyberspace for a free circulation of several works as well as the spread of cultural enterprises. In this context, we intend to explore the interaction of marginal literature with the new technologies of communication and the way in which the authors Sergio Vaz, Ferréz and Marcelino Freire benefit from these writing spaces in order to disseminate an engaged literature that participates in the social movements at the same time that it affirms both a new profile of writers and a unique aesthetic of a Brazilian literary tradition.

Keywords: Peripheral marginal literature; Social networking; Cyberspace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: LITERATURA MARGINAL PERIFÉRICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO	15
1.1. Literatura e representação social	20
1.2. Literatura Marginal Periférica	24
1.3. A relação entre literatura e realidade social	29
1.4. Sérgio Vaz: Poesia e <i>Cooperifa</i>	35
1.5. Ferréz: Todos Um pela Zona Sul	38
1.6. Marcelino Freire e a Balada Literária	44
CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE EM REDE: Possibilidades da Emancipação Política e Cultural	48
2.1. Hipertexto e Redes Sociais	49
2.2. Novas posturas intelectuais	54
2.3. Entre a emancipação cultural e a “idiotização” em massa	55
2.4. Literatura Marginal na internet	61
2.5. Movimentos sociais em rede	66
CAPÍTULO 3 – DA REDE ÀS RUAS: Autores da periferia nas jornadas de junho de 2013	70
3.1. Breve mapeamento	73
3.2. Participação e demandas das periferias urbanas	78
3.3. Filmagens amadoras e as denúncias contra a violência policial	80
3.4. “Quem grita somos nós”- Sérgio Vaz e a reivindicação da representatividade da periferia	82
3.5. “O monstro acordou” – A luta pela mudança social nos textos de Ferréz	86
3.6. A ‘Jornada Mundial da Juventude’, por Marcelino Freire	93
CAPÍTULO 4 – LITERATURA MARGINAL NAS REDES VIRTUAIS	98
4.1. Marcelino Freire, poesia e minicontos do <i>Facebook</i> aos <i>Ossos do Ofídio</i>	99
4.2. Ferréz: O ser e o ter na <i>internet</i>	108
4.3. Sérgio Vaz: Poesia e intervenção artística na rede	117
CAPÍTULO 5 – PROBLEMATIZANDO A LITERATURA ENGAJADA	123
5.1. Arte pela Arte e a autonomia da Literatura	124

5.2.	Literatura e engajamento	129
5.3.	Literatura marginal periférica: uma estética de engajamento	134
5.3.1.	Por que se escreve?.....	138
5.3.2.	Para quem escrever: Questões de público e mercado.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS		145
BIBLIOGRAFIA		148
ANEXOS		156

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira observou nos últimos anos profundas transformações culturais ocasionadas pelas tecnologias de comunicação. Este trabalho pretende explorar essas mudanças em dois campos paralelos e simultâneos: o da participação política e significação cultural de populações periféricas, ambos democratizados pela difusão das mídias digitais.

No cenário político, rebeliões e protestos amparados pelas tecnologias de comunicação de massas eclodiram nos últimos anos em vários pontos do mundo, causados por crises semelhantes: a desconfiança das instituições públicas e o desejo de participação ativa na vida política. No ano de 2013, multidões se espalharam em várias cidades brasileiras exigindo melhores condições de vida, moralização das instituições públicas e expondo a indignação com os gastos para a *Copa do Mundo de 2014*. Os protestos, que começaram em São Paulo, foram causados pelo aumento de vinte centavos nas tarifas do transporte público e rapidamente se multiplicaram em número e demandas, tendo como principal forma de suporte e organização as redes de comunicação.

Encorajadas por essas mesmas mídias e sofrendo drasticamente o sucateamento das instituições públicas, entre outras questões, as populações de periferia dos grandes centros urbanos se inseriram de forma autônoma no campo cultural. Como consequência dessa inserção, a literatura marginal periférica ganhou grande visibilidade na última década, conquistando amplo reconhecimento entre leitores e pesquisadores. Esse espaço conquistado é parte importante da crítica e reconhecimento dentro do campo literário e cultural, impelindo debates sobre sua legitimidade, enquanto expressão de um sujeito social até então sem voz, ou mesmo sobre a possibilidade de criação de uma nova vertente temática e estilística, correspondente à matéria que traduzem.

A vertente, que vem à tona juntamente com a popularização das mídias digitais, está ligada a ela e as novas formas de participação e representação social avalizadas pelas tecnologias da informação, pois, seus escritores mantêm, além da sua produção impressa, *blogs* e perfis virtuais nos quais divulgam suas produções literárias e intervenções sociais. Esse texto trabalha com a hipótese de que o alcance dos projetos literários e sociais dos autores da literatura marginal periférica é facilitado em grande parte pela relação intrínseca com a internet, uma vez que os escritores se utilizam largamente das redes virtuais para a divulgação de suas obras, parcerias e projetos.

O crescente alcance da internet se torna ainda mais emblemático, pois efetiva o acesso aos bens culturais e aos movimentos sociais. Em um cenário como as manifestações de 2013, quando as indignações sociais convergiram para um movimento de rua, a intervenção da periferia foi fundamental para garantir a visibilidade de suas próprias demandas, como veremos adiante.

Nosso *corpus* é constituído pela produção literária dos autores Sergio Vaz, Marcelino Freire e Ferréz, disponibilizada pelos próprios autores em seus blogs pessoais, perfis da rede social *Facebook*, entre outros sites. Nossa análise faz um recorte temporal de textos publicados entre 2013 e o primeiro semestre de 2016, justificado pela emergência de movimentos sociais em rede, especialmente após a onda de protestos ocorridos no Brasil, em junho de 2013, visto que grande parte dessa produção literária dialoga com esses acontecimentos políticos e sociais, como veremos posteriormente.

O primeiro capítulo deste trabalho desenvolverá as definições de literatura marginal e suas especificidades contemporâneas, suas características estéticas e os desdobramentos de sua escrita e circulação, com ênfase nas trajetórias e produções literárias dos autores Marcelino Freire, Ferréz e Sérgio Vaz.

Para compreender o significado da mudança da maneira de se relacionar com a realidade, causada pelas novas tecnologias de comunicação e até mesmo as novas formas de produção e circulação dos textos literários, serão desenvolvidos, no segundo capítulo, os conceitos de redes de comunicação, ciberespaço, hipertexto e movimentos sociais em rede.

O terceiro capítulo apresentará as produções literárias desses autores no momento específico das manifestações que começaram em junho de 2013 por todo o Brasil, buscando identificar suas origens, seu desenvolvimento, as demandas trazidas pelos diversos setores da sociedade, a importância das mídias digitais e a participação da periferia. Esse capítulo trará uma breve descrição desses eventos e, a partir de textos divulgados em redes sociais e *blogs* pessoais tentaremos identificar um projeto de reivindicação de identidade e demandas sociais, assim como o posicionamento dos autores frente aos pontos de discussão levantados durante as passeatas e universalizados através da literatura.

Na continuação dessas análises, o capítulo quarto traçará um panorama das produções literárias dos autores nos meses seguintes às manifestações de 2013. Questionando como esses autores, lidos no trabalho como porta-vozes das populações periféricas, continuam

interagindo e modificando seus ambientes, apesar do retrocesso das questões surgidas durante as manifestações de 2013, na tentativa de identificar nos projetos culturais desses escritores, mediados pelas tecnologias da informação, uma maneira nova e original de reivindicação que pode ocasionar mudanças sociais concretas, através da ressignificação da identidade da periferia pela literatura. Essa produção literária será observada a partir dos perfis dos autores na rede social *Facebook* e nos *blogs Ossos do Ofídio, Ferrezblogspot e Colecionador de Pedras*.

Não poderíamos deixar de mencionar que existe no campo artístico um debate antigo que divide a funcionalidade da arte na sociedade em basicamente dois eixos: a arte engajada e a dita 'arte pela arte'. O conceito de literatura engajada tem sido alvo de constantes debates e discussões no meio acadêmico, filosófico e literário, por isso, nossa intenção no quinto capítulo é pensar o que seria o engajamento do escritor brasileiro contemporâneo, considerando com ênfase o caso da literatura marginal e dos escritores mencionados, situando esse engajamento dentro da ampliação de espaços de comunicação criados pela popularização da internet.

É preciso, no entanto, pensar a produção literária como parte de uma indústria cultural que na contemporaneidade ocupa um lugar central na configuração dos imaginários sociais e também se apoia nas novas tecnologias de comunicação. Assim, o quinto capítulo também se desdobrará sobre essas questões, considerando os *sites* citados acima, pensando a produção literária e o próprio ciberespaço dentro das contradições de um sistema de capitalismo global.

Além da produção literária, os perfis nas redes sociais e *blogs* de Marcelino Freire, Ferréz e Sérgio Vaz são verdadeiras redes de relacionamento e interação cultural. A divulgação de iniciativas de cooperação, saraus, entrevistas, feiras literárias, vídeos, músicas, peças de teatro, entre outros, indicam um uso político das tecnologias de comunicação. Além do apoio mútuo e dos constantes diálogos entre suas obras e de outros artistas, esses espaços virtuais tem sido o *locus* onde convergem obras literárias, opiniões políticas, divulgação de eventos, campanhas de solidariedade e intervenções sociais. Dessa forma, é possível perceber que, se por um lado a expansão das tecnologias de informação e comunicação não dissolve as desigualdades e exclusões, por outro, abre espaços de articulação e sociabilidade que são impensáveis sem tais recursos tecnológicos.

É possível pensar a própria cena de produção literária e criação de laços de solidariedade da literatura marginal de forma bastante semelhante aos movimentos sociais em rede, pois, ao mesmo tempo em que a abrangência dos projetos literários é ampliada pelas novas tecnologias de comunicação, os escritores criam laços de sociabilidade no ciberespaço ocasionando mudanças em suas realidades sociais, divulgando outros artistas, eventos de interesse comunitários e universalizando o acesso às suas produções literárias.

CAPÍTULO 1

LITERATURA MARGINAL PERIFÉRICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Uma das possíveis abordagens da literatura periférica contemporânea encontra-se na contextualização do pós-modernismo enquanto fenômeno estético e filosófico das últimas décadas. Terry Eagleton (2005) define o pós-modernismo como uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos.

Contrariando as normas do Iluminismo, o autor defende o mundo como contingente gratuito, diverso, instável e imprevisível: “um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades” (EAGLETON, 2005, p. 7)¹.

Uma das razões para essa ruptura se deve aos últimos anos do século XX assistir concomitantemente à divulgação maciça das atrocidades cometidas na segunda guerra mundial, à falência do sistema socialista, às descolonizações de nações na África e Ásia, à consolidação do sistema capitalista e ao acesso acelerado aos meios de comunicação de massas. Nesse cenário instável, as grandes narrativas teóricas não eram suficientes para abarcar a complexa gama de acontecimentos e o questionamento da memória histórica produzida pela academia.

A falência dessas grandes narrativas é notada inicialmente por Lyotard (1993) no final do século XIX, como sintoma de uma reorientação teórica que valorizaria as pequenas narrativas e as influências das informações tecnológicas. Dessa forma, a recusa dos grandes ideais, segundo o autor, abre espaço para a valorização dos movimentos sociais alternativos, que, por sua vez, tem grande importância na crise estrutural do capital. A consequência maior dessa recusa é a diluição da ideia de uma coletividade homogênea, permitindo o aparecimento das noções de individualidade ou de pequenos grupos.

Esse questionamento das grandes narrativas está diretamente relacionado às mudanças no pensamento ocidental e acontecimentos políticos que emergiam juntamente à consolidação do capitalismo neoliberal e ao surgimento da indústria cultural. Não obstante, essa ruptura no pensamento ocidental, juntamente com a ampliação do acesso à tecnologia da informação, foi,

¹ EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

segundo Eagleton, a grande responsável pela democratização dos Estudos Culturais. Temas e classes sociais que anteriormente não seriam dignos de estudos passam a integrar o cenário acadêmico, juntamente com discursos excluídos da historiografia e da crítica cultural.

Autores como Fredric Jameson (2002) defendem que a expressão pós-moderna é um reflexo do sistema capitalista tardio, onde a ética de trabalho se desloca para uma ética de consumo e produtos descartáveis, os valores da sociedade passam a ser, como consequência, os da transitoriedade, inconstância e fragmentação de regras: O capitalismo de consumo, para o autor, adota os valores do hedonismo transfigurado em créditos e valores sociais claramente influenciados pelo capital especulativo e o consumismo de descartar. Nesse sentido, Eagleton também comenta que “O pós-modernismo, em suma, rouba um pouco da lógica material do capitalismo avançado e a volta agressivamente contra seus fundamentos espirituais” (EAGLETON, 2005, p. 129).

Embora admita que um dos grandes méritos da contemporaneidade seja colocar em pauta assuntos que anteriormente eram considerados inferiores, o autor critica o esgotamento de assuntos que não se comprometem com uma realidade política: “O que há com alunos que estudam não a política do Oriente Médio, mas a política de masturbação; não o corpo faminto, mas o corpo erótico?” (EAGLETON, 1998, p. 133) Nesse sentido, apesar de não pensar a cultura com as mesmas premissas tradicionais, o livro apresenta a preocupação de que a teoria recente se esgote sem se comprometer a explicar ou intervir na sociedade.

Pode-se dizer que os aspectos formais desse estilo são baseados em questões como intertextualidade, ironia, esquizofrenia, questionamento do racionalismo pela exploração de outros níveis da realidade, anseio pela pluralidade, ênfase no cotidiano, retomada de textos do passado, acentuação e fragmentação do texto e da polifonia de vozes, utilização deliberada da intertextualidade, ecletismo estilístico, exercício da metalinguagem, fragmentarismo textual, na narrativa há uma autoconsciência e autorreflexão, radicalização de posições antirracionais e antiburguesas, dentre outras.

Para Fredric Jameson, o conceito de pós-modernismo é, por si mesmo, contraditório, podendo ser definido de formas conflitantes. Em *Pós Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*, o autor adverte a necessidade de conceitua-lo não apenas como um período cronológico ou um conjunto de características estéticas, mas como uma tentativa de questionar o presente e pensá-lo de forma histórica, em meio a um cenário onde a própria

cultura, como sintoma do capitalismo multinacional, tornou-se um produto mercadológico. Ao invés de um veio cultural novo, o pós-modernismo de Jameson é o reflexo da expansão capitalista na contemporaneidade, diluindo as fronteiras entre a dita alta cultura e a cultura de massas, quando as próprias categorias artísticas vão se tornando híbridas. Dessa forma, o pós-modernismo pode ser pensado como uma dominante cultural onde coexistem características estéticas heterogêneas, integradas à produção de mercado e com grandes tendências ao experimentalismo, graças a essa imersão no presente.

No caso da literatura contemporânea brasileira, como destaca Karl Eric Schollammer (2009), está inserida a ideia de um “presente experimentado”, significando não apenas o conjunto de produções da atualidade, e sim, a atualidade inserida nas contradições narrativas da presentificação: “uma inadequação, uma estranheza histórica que se afastam de sua lógica” (SCHOLLAMMER, 2009, p. 10)². Segundo a definição do autor, ser contemporâneo é ser capaz de se orientar no escuro e se comprometer com um presente no qual não é possível conciliação. Por isso a urgência do escritor contemporâneo em se relacionar com a realidade histórica dentro da impossibilidade de captar suas nuances a não ser por fragmentos:

De fato, escrevo curto e, sobretudo, grosso.
Escrevo com urgência. Escrevo para me vingar. E esta vingança tem
pressa.
Não tenho tempo para nhenhêns. Quero logo dizer o que quero e ir
embora. (FREIRE, 2008, p.10)

A fala de Marcelino Freire, no livro *Racif: mar que arrebeta*, exemplifica essa relação urgente e violenta com a realidade, que, de acordo com Schollammer, transfigura a violência em vingança no ato da escrita:

Dois argumentos se juntam aqui: uma escrita que tem urgência, que realmente “urge”, que significa, segundo o Aurélio, que se faz sem demora, mas também que é *eminente*, que *insiste*, *obriga* e *impele*, ou seja, uma escrita que se impõe de alguma forma. Ao mesmo tempo, trata-se de uma escrita que age para “se vingar”, o que também pode ser entendido,

² SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira Contemporânea**. São Paulo, Ed. Civilização Brasileira: 2006.

recuperando-se o sentido etimológico da palavra “vingar”, como uma escrita que *chega a, atinge* ou *alcança* seu alvo com eficiência. O essencial é observar que essa escrita se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade, em vez de se propor como uma mera pressa ou alvoroço temporal. (SCHOLLAMMER, 2009, p. 11)

Para Afrânio Coutinho (1997), na produção literária brasileira, o pós-moderno caracteriza-se pela pluralidade de tendências de uma sociedade cindida em meio à miséria, analfabetismo e avanços tecnológicos de computadores sofisticados. As narrativas se baseiam no cotidiano e na urgência em se relacionar com a realidade. Ainda segundo Coutinho: “é um monte de estilos, convivendo sem briga num mesmo saco, não há mais hierarquia, (...) E, claro, não há fórmula única. Por isso, joias pós-modernas pintam bem diferentes umas das outras, por toda parte” (COUTINHO, 1997, p. 13)³.

No Brasil, dentre as muitas manifestações da pluralidade de discursos advindos do pós-modernismo, encontramos justamente a cena da literatura marginal contemporânea, marcada pela tensão dos discursos entre periferia e centro e, ao mesmo tempo, pelo trânsito desses conceitos através das obras dos autores ditos marginais, como veremos adiante.

Partindo da argumentação de Eagleton e sua crítica ao pós-modernismo, é possível pensar nas “*perdas e ganhos*”⁴ que a ampliação teórica possibilitou em termos de produção literária no Brasil, especificamente no caso da cena da literatura marginal e dos estudos científicos recentes relacionados a essa produção.

Nesse sentido, a literatura se torna também uma ferramenta de interação com uma realidade multifacetada de difícil apreensão. De acordo com Beatriz Resende (2007), a consciência dessa dificuldade gera um retorno ao realismo revestido de novas formas de percepção e relacionamento com a realidade e a memória histórica. Por conseguinte, a crítica da literatura brasileira contemporânea destaca com insistência a *presentificação* nas obras atuais, visível no imediatismo de sua própria produção e na ansiedade de articular e de intervir sobre a realidade presente.

³ COUTINHO, Afrânio (org.) **A literatura no Brasil** 4^a edição, São Paulo, Global, 1997.

⁴ “Perdas e Ganhos” é o título do 4º capítulo do referido livro de Terry Eagleton.

1.1. Literatura e representação social

Segundo Antônio Cândido (2000), no Brasil, assim como em outros países de colonização mais recente, o cânone literário se forma a partir de escritores engajados nos movimentos políticos que buscam uma identidade nacional. Historicamente, essa participação política fez prevalecer, em nossa sociedade, a formação de uma tradição literária elitista. O afastamento da maioria da população dos bens culturais e alta taxa de analfabetismo fizeram com que a cidadania fosse um conceito inteligível, durante séculos, para a parcela de brasileiros que não correspondia ao perfil homem/branco/classe alta. Pode-se dizer que a participação ativa em um projeto identitário e político foi desde o início do que se conhece como Brasil, negada à maior parte dos brasileiros.

No entanto, as subjetividades silenciadas por essa elite política e intelectual se entranharam no projeto de civilização europeu, no embate contínuo entre cultura e contracultura. Na literatura, ao longo da construção do que se definiu como tradição, houve momentos em que as vozes subordinadas se fizeram representar. Segundo Anny Machado (2010)⁵,

O espaço literário organiza-se entre dois pólos: os com recurso e os desprovidos, constituindo-se necessariamente como um espaço de forças antagônicas, no qual nem todos fazem a mesma coisa, mas todos lutam para entrar no mesmo curso (*concursum*) e, com armas desiguais, tentar atingir o mesmo objetivo: a legitimidade literária. Neste espaço de lutas antagônicas, há duas estratégias na construção das lutas: a assimilação, ou seja, a integração a um espaço dominante e a diferenciação que se constitui a afirmação da diferença a partir de uma reivindicação. (MACHADO, 2010, sem paginação)

Os discursos oficiais são, dessa forma, permeados a todo tempo por discursos não oficiais, por isso, a contestação do cânone não visa, nem poderia, eliminá-lo, mas propõe um

⁵ MACHADO, Anny Karine Novaes. **Literatura: espaço de lutas antagônicas?** Em: Anais da ANPUH, 2010. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2017%20-%20Anny%20Karine%20Matias%20Novaes%20Machado%20e%20Luciano%20Barbosa%20Justino%20TC.PDF.

descentramento da literatura, expondo também os muitos outros discursos ideológicos que compõe o cenário da produção literária nacional.

Ao tornar-se um estado politicamente independente, como ressalta Schollammer, principalmente após a proclamação da República, o discurso nacional tentou romper com a tradição ibérica, ficando sob a influência dos Estados Unidos e organizações como o Banco Mundial. Nesse cenário, a literatura teve papel central na formação de uma consciência que se dizia “brasileira”. O romantismo de José de Alencar e realismo de Machado de Assis, por exemplo, tiveram durante as primeiras décadas de independência esse caráter fundador de uma consciência nacional, de uma cultura brasileira e da representação dos vários segmentos da sociedade. Permeada também por discursos contrários ao dos românticos, a literatura pré-moderna questionava os valores burgueses presentes no romantismo e apontava para uma mudança de paradigma que colocava o realismo em primeiro plano, através da busca por diferentes realidades locais. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, colocou em xeque, já nas primeiras décadas da República, o discurso de uma “unidade nacional”. O modernismo consolidou essa mudança propondo uma reconstrução do passado histórico e da cultura brasileira, apoiada em bases teóricas e intelectuais brasileiros, revigorando o sentimento nacionalista, baseado na busca utópica de uma identidade genuinamente brasileira que se integrasse com as culturas não europeias.

No Brasil, a abertura econômica ao modelo do capital liberal se deu de forma maciça durante os governos da Ditadura Militar. Criado o aparato legal, o Brasil dos anos seguintes foi marcado por constante repressão policial, intensificação da censura dos meios de comunicação e da tortura. Aumentaram, também, os exilados, os presos políticos, as denúncias contra o governo no exterior e a luta armada. Segundo Elio Gaspari (2002), dentre os setores censurados, os artistas e intelectuais envolvidos com o engajamento político foram os que mais sofreram represálias. Nesse contexto violento e arbitrário, a literatura se destacou como uma das principais formas de resistência e denúncia, aproximando o texto literário de traços jornalísticos, de responsabilidade com a denúncia dos crimes da ditadura, como resposta direta aos censores que controlavam a circulação de notícias na imprensa oficial. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 21-33)

Para Antônio Cândido, não se deve pensar em uma dicotomia entre a análise sociológica e a literária, pois a obra não se dissocia de

determinados traços da sociedade, mesmo não sendo direcionada ao engajamento político. Segundo o crítico, a narrativa, tendo sua origem numa determinada cultura, traz em si um discurso cujos limites remetem às possibilidades de produção de sentidos daquele contexto cultural que a produziu, sendo, assim, historicamente constituída: “O externo importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2000, p. 4)⁶.

Com a redemocratização na década de 80, surge uma escrita marcada por traços mais psicológicos, maior interação entre a literatura e os outros meios de comunicação e principalmente a partir da década de 90, a intensificação do hibridismo literário (SCHOLLAMMER, 2009, p. 67). Em tal contexto, a busca contemporânea por uma identidade genuinamente nacional viu-se além de utópica, frustrante, pois, a ideia de pertencimento a uma nação foi sendo colocada em xeque, juntamente com os conceitos de nação e território, alvos de muitas indagações em tempos de globalização.

A literatura contemporânea trabalha, então, no campo da incerteza: ensaia formas de escrita embaralhando as fronteiras entre gêneros, entre ficção e realidade, problematizando a subjetividade ao encenar essas recentes vinculações, marcadas pela heterogeneidade e por contínuas modulações atravessadas pela problemática dessas novas identidades evanescentes.

Segundo Beatriz Rezende (2008), esse conflito de onde convergem influências globais impostas pela massificação e mercantilização da cultura juntamente com traços de resistências locais, faz com que as grandes cidades se tornem metáforas da vida contemporânea, expondo as grandes contradições sociais do capitalismo. Juntamente com a ampliação do diálogo entre a literatura e outras formas de expressão/comunicação, a década de 90, assistiu ao coroamento do neoliberalismo no Brasil, que enfrentou na segunda metade do século XX um processo inflacionário devastador acompanhado de reformas e privatizações, que acabaram por acentuar ainda mais a desigualdade econômica e social no país⁷. A literatura respondeu ampliando cada vez mais a indagação acerca da questão social e da necessidade do engajamento político.

⁶ CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade – estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 2000.

⁷ Ver: ARAÚJO, José Prata. **Manual dos Direitos Sociais da População; as reformas constitucionais e o impacto nas políticas sociais**. Belo Horizonte/MG: Editora e Gráfica O Lutador, 1998.

Atualmente, no Brasil, embora o analfabetismo esteja, segundo as fontes oficiais⁸, praticamente erradicado, a cisão entre uma minoria douda e uma maioria que não tem acesso aos bens culturais continua⁹:

Na maioria do nosso país há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio da rádio, da televisão, da história em quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa [...] daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores da literatura, como a concebemos aqui, mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos, diretamente da base folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada” (CÂNDIDO, 2006, p. 174).

No entanto, apesar da validade das observações feitas por Antônio Candido, é importante lembrar que a cultura de massas, hoje, não é exclusivamente vista como folclórica, ao contrário, está no centro das relações de poder que jogam com as forças “multiculturais”¹⁰:

Os autores que se autodenominam “marginais” reivindicam, justamente, o direito e a liberdade de pensar, de escrever, de sentir, de agir, para além do imposto pela sociedade de classes, antes querendo a literatura como espaço de disputa para quebrar todas as imposições elitistas e estetizantes. (MACHADO, 2010, sem paginação)

É nesse contexto de resistência a uma globalização homogeneizante que a literatura marginal, chamada também de literatura marginal periférica, ou literatura marginal contemporânea, surge como um projeto de contraponto tanto da cultura academicista, a dita “alta cultura”, quanto da literatura de massas entendida como um produto alienante.

⁸ Segundo dados do IBGE, disponíveis em: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/ consultado em outubro de 2012.

⁹ Segundo o estudo de Antônio Candido, publicado em 2006, constatando que no Brasil e nos países da América Latina em geral, as dificuldades de acesso à cultura erudita permanecem quase inalteradas na atualidade, vide: CANDIDO, Antônio. **Dialética da Malandragem.** Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/leitura/DIALETICA_MALANDRAGEM.rtf > acesso em: outubro 2012.

¹⁰ Embora existam muitos problemas na definição do conceito de “muticulturalismo”, o termo está empregado aqui, em um dos sentidos que lhe confere o autor Boaventura de Souza Santos como uma expressão pertencente à lógica capitalista multinacional e global. (SANTOS, 1995, p. 30)

1.2. Literatura Marginal Periférica

A partir dos fins da década de 90, segundo Érica Peçanha do Nascimento, o termo “marginal” apareceu associado a um perfil sociológico de produção literária, ou seja, autores que moravam ou já haviam morado nas grandes periferias do espaço urbano brasileiro, em sua grande maioria, moradores da periferia de São Paulo, que começaram a ganhar espaço no cenário editorial após o sucesso do livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, em 1998. Temas como o cotidiano das favelas, a violência, a falta de recursos, o descaso e abuso das autoridades entre outros, passaram a fazer parte de uma narrativa até então ausente da literatura.

A revista *Caros Amigos*, entre os anos de 2002 e 2004, também abriu espaço para a divulgação e circulação desses textos. A série *Literatura Marginal em três atos*: Ato I (2001), Ato II (2002) e Ato III (2004) trouxe à cena vários autores desconhecidos. A seleção dos textos para publicação foi feita pelo escritor e colaborador da revista, Ferréz. A linguagem utilizada nas obras também é uma característica marcante dessa vertente da produção literária contemporânea. Os autores “marginais” se utilizam da linguagem coloquial e, muitas vezes aproximando-se da oralidade e se contrapondo à norma culta da linguagem.

Após o lançamento dos três volumes da *Caros Amigos* dedicados à literatura marginal, Ferréz organizou o primeiro livro dedicado inteiramente ao tema: *Literatura Marginal, talentos da escrita periférica*, em 2005. Assim, nos deparamos imediatamente com as duas palavras que resumem essa cena literária: marginal e periférica. As edições da *Caros Amigos* foram precedidas por um texto escrito e descrito por Ferréz como um “manifesto de abertura”, repetido no livro organizado por ele, intitulado *Terrorismo literário*:

O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados desse país. Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, ao contrário dos senhores das casas grandes, que escravizaram nossos irmãos africanos e

tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez a arte. (FERRÉZ, 2005, p. 10)

O termo “literatura marginal dos marginalizados” foi cunhado por Ferréz, com o intuito de dissociar o movimento contemporâneo daquele da década de 70:

A expressão “literatura marginal dos escritores da periferia” opera tanto para distinguir os textos produzidos por autores da periferia dos demais textos publicados nos últimos quinze anos, que poderiam ser classificados como “literatura marginal”; como para diferenciá-los dos ditos poetas setentistas. Já a “nova geração de escritores marginais” reporta ao conjunto de escritores da periferia que no início dos anos 2000, se apropriou de certos significados do termo marginal, desenvolveu uma consciência comum e dá respostas conjuntas aos problemas específicos do campo literário e social dessa época (NASCIMENTO, 2009, p. 46).

Apesar da visibilidade garantida por essas edições, existem entre os próprios autores problematizações em torno da rubrica ‘literatura marginal’. Como destaca Nascimento, o termo marginal associado à literatura, assumiu diferentes significados, variando de acordo com as características dos autores ou obras e das definições geradas pela imprensa ou pelos estudiosos. Sérgio Gonzaga (1981) destaca três significados que acompanham a expressão ‘literatura marginal’ desde a década de 70: o primeiro está associado a obras que não circulam pelo mercado editorial, são produzidos e comercializados por seus autores de forma autônoma, o segundo refere-se a textos que recusam a norma culta de linguagem ou os valores estéticos de determinado contexto e o terceiro seriam projetos de representação de grupos marginalizados pela sociedade.

Peçanha destaca ainda outras características associadas recentemente ao termo como a designação de obras literárias não pertencentes ao cânone ou aquelas produzidas por grupos de minorias sociais: negros, mulheres e homossexuais. Andrea Hossne (2003) acrescenta ainda sob este último ponto de vista, um tipo de literatura que não necessariamente está se excluindo do mercado editorial ou do cânone, mas, é produzida por quem é excluído social e economicamente.

No Brasil, entretanto, o significado mais conhecido da expressão está relacionado à produção e circulação de obras de maneiras alternativas, na década de setenta, no contexto da ditadura militar. De acordo com Heloísa Buarque de Hollanda (*Apud* NASCIMENTO, 2009), foi um grupo de poetas, seguidos por autores de outros gêneros, que reinventaram a forma de divulgar seus trabalhos, driblando a censura e expondo textos em muros, folhas mimeografadas e jornais que eram vendidos nos bares, praias e outros espaços urbanos públicos. Segundo Nascimento, “a literatura produzida por esses poetas buscava subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto vigentes e desvinculava-se das produções tidas como engajadas, intelectualizadas ou populistas” (NASCIMENTO, 2009, p. 41). Os textos eram marcados pela linguagem coloquial de tom irônico e pelo uso do palavrão; e versavam normalmente sobre o cotidiano das classes médias, sexo e tóxicos. A produção do material era intencionalmente precária, produzido em papel de qualidade inferior e apresentando falhas e borrões nas impressões (NASCIMENTO, 2009, p. 41).

Os autores da literatura marginal setentista pertenciam às camadas privilegiadas da sociedade brasileira, em sua maioria estudantes ligados aos meios artísticos que patrocinavam a circulação de seus produtos, consumidos também pelas classes mais altas. Para Messeder Pereira (1981)¹¹, as obras marginais desse período não tinham grande alcance popular, “pois refletiam com bastante clareza um conjunto de experiências sociais que caracterizavam mais marcadamente os grupos mais privilegiados dentro da estrutura social” (PEREIRA, 1981, p. 99) e eram também direcionadas para os leitores deste grupo.

Apesar de possuírem algumas particularidades semelhantes, como o uso intenso da linguagem coloquial, as diferenças entre a literatura marginal setentista e o conjunto de obras e autores que se intitularam ‘marginais’ após a década de 90 são bastante profundas, a começar pelo perfil sociológico de escritores e leitores e os temas que permeiam as obras.

Rejane Pivetta Oliveira (2011), em artigo à revista *Ipotesi*, afirma que os conceitos de ‘marginal’ e periférico’ na literatura, após a década de 90, são orientados por modelos de representação que produzem identidades e criam laços mais estreitos com as comunidades onde se inserem os autores:

¹¹ PEREIRA, C. A. Messeder. **Retrato de época: poesia marginal dos anos 70**. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, 1981.

Essa consideração é fundamental para pensarmos sobre a produção literária contemporânea originada nos morros e favelas das grandes cidades brasileiras, o modo como ela se inscreve no contexto sociocultural em que se situa, as experiências que ela traduz e as identidades que engendra. (...)Na história recente da produção literária e cultural brasileiras, marginal e periférico adquirem, porém, novas feições, se pensarmos, sobretudo, nas condições de produção dessa literatura, no lugar assumido pelo escritor e no tipo de laço que sua obra estabelece com a comunidade. (OLIVEIRA, 2011, sem paginação)¹²

Para a autora, o principal aspecto da literatura marginal, nesse sentido, é o fato de ser produzida por autores da periferia, permitindo um olhar interno sobre a experiência da marginalização social e cultural:

Essa é uma diferença crucial, pois a maior parte dos escritores que povoaram suas páginas com os marginais e marginalizados da sociedade, salvo algumas poucas exceções, não pertencem a essa classe de indivíduos, senão que assumem o papel de porta-vozes desses sujeitos, falando em seu lugar, assumindo a sua voz. Não é o que acontece com os escritos “da” periferia (e não “sobre” a periferia), os quais transformam tanto o foco da representação da vida marginal, como conferem um novo ethos à produção literária e cultural, apresentando-se como uma resposta aos discursos daqueles que falam no lugar dos marginalizados (OLIVEIRA, 2011, sem paginação).

Segundo Érica Peçanha, Ferréz já usava o signo “literatura marginal” quando lançou, em 2000, o livro *Capão Pecado*, designando uma literatura produzida por quem está “à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico e da participação político-social” (NASCIMENTO, 2009, p. 42). Para o autor, que defende a exclusividade dos autores periféricos para a cena contemporânea da literatura marginal, o termo é também uma defesa diante da sociedade estigmatizada:

Eu sempre fui chamado de marginal pela polícia e quis fazer como o pessoal do hip hop que se apropriou dos termos que ninguém queria usar. Já

¹² OLIVEIRA, Rejane Pivetta. **Literatura marginal: questionamentos à teoria literária**. Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>.

que eu a fazer minha revista maloqueira, quis me autodenominar marginal. Eu fiz como os rappers, que para se defenderem da sociedade, aceitam o uso do termo ‘preto’ e ‘favelado’ como motivos de orgulho. Depois surgiu a revista, porque eu já colaborava com a Caros Amigos e fiz a proposta de trazer outros escritores em um número especial, mas tinha que ser da periferia, disso eu não abri mão¹³. (FERRÉZ, 2004, sem numeração)

Para o poeta Sérgio Vaz, o termo ‘marginal’ se aplica como possibilidade de caracterização para suas obras devido à situação de marginalidade, no sentido de exclusão social, vivenciada por ele na periferia paulistana:

Eu acho que tô à margem também, eu não tenho editora, eu tô à margem do processo, eu tô à margem da mídia, eu tô à margem acadêmica. Eu sou marginal, não por opção, né. Eu acho que eu também me defino um pouco como literatura marginal, né, porque eu faço parte dessa marginalidade, marginalidade imposta às pessoas que querem escrever, não tem títulos acadêmicos, não tem dinheiro pra editar e que às vezes podem morrer com vontade de escrever um livro, podem morrer com quinhentos poemas sem nunca ter editado um livro, podem morrer Zé sem nunca ter sido um Zé Poeta (VAZ apud NASCIMENTO, 2009, p. 190).

Para Nascimento, o uso do termo ‘literatura marginal’, embora gere controvérsias, agregou um conjunto de escritores que se identificam com essa marca e atribuem a ela suas obras, trazendo à tona a realidade e o espaço dos sujeitos marginais,

Do mesmo modo, ter a literatura marginal como marca associada aos seus textos assegura aos autores que publicaram nas revistas *Caros Amigos/Literatura Marginal* um lugar específico na conjuntura cultural brasileira dos últimos tempos: um cenário em que as produções cinematográfica, de vídeo e de música se apropriam da estética, das peculiaridades do cotidiano e dos assuntos pertinentes aos marginais. (NASCIMENTO, 2009, p. 45-46)

Como dito anteriormente, os textos abordam predominantemente a violência e as carências sociais sofridas nos espaços das periferias urbanas. Além disso, apesar de não haver

¹³ Fala de Ferréz durante a “Mostra artística do Fórum Cultural Mundial” realizada em 30 de junho de 2004 no SESC Consolação/SP, transcrita por Érica Peçanha do Nascimento in.: NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009, p. 43-44.

ainda um estudo sistemático que mapeie os consumidores da literatura marginal¹⁴, existe a constante preocupação dos autores em dialogar e representar os moradores desses espaços periféricos.

Como veremos adiante, essa preocupação com a distribuição dos bens culturais tem gerado uma série de ações cooperativas entre os artistas e demais moradores das periferias objetivando o acesso a essas e outras obras literárias.

1.3. A relação entre literatura e realidade social

As discussões acerca da formação de identidades e sociabilidades relacionadas aos subúrbios e periferias ocupam grande parte das pesquisas sociológicas e culturais, principalmente na segunda metade do século XX, onde o espaço urbano se tornou o principal cenário de investigação.

Trabalhar com o conceito de uma literatura que se intitula marginal e é produzida por moradores desses espaços periféricos é de extrema importância, levando em conta que esses escritores retomam temas caros às teorias sociais e aos estudos culturais, como a participação política da periferia e a relação entre a realidade e a criação literária.

José Souza Martins (2003) defende a ideia de que a exclusão social é, na verdade, um “processo de exclusão integrativa”¹⁵, ou seja, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes, tratando-se, portanto, de uma inclusão perversa:

quer dizer que a exclusão é apenas um momento da percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz em privação: privação de emprego, privação de meios para participar do mercado de consumo, privação de bem-estar, privação de direitos, privação de liberdade, privação de esperança. É isso, em termos

¹⁴ Ver: NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009, p. 62.

¹⁵ MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a nova desigualdade**. São Paulo, Paullus, 2003.

concretos, que chamamos de pobreza. E mudando o nome de pobreza para exclusão, podemos estar escamoteando o fato de que a pobreza hoje, mais do que mudar de nome, mudou de forma, de âmbito e de consequências. (MARTINS, 2003, p. 17-18)

Para Beatriz Resende (2008), outro traço relevante na escrita desses autores é a presença da violência, que aparece nas suas mais diferentes formas: alienação, preconceito, intolerância, exclusão, segregação, abuso de autoritarismo pelo Estado e seus agentes, criminalidade e silenciamentos, em meio às grandes cidades, imersas numa realidade global de desigualdades (RESENDE, 2008, p. 33).

No artigo *A literatura brasileira no século XXI*, Ana Paula Brandileone e Vanderleia Oliveira (2014) ressaltam que os autores marginais se utilizam de uma narrativa violenta para trazer ao leitor a experiência de vida das camadas mais pobres dos grandes centros urbanos, pelo olhar do próprio sujeito periférico:

Esta discussão está intrinsecamente ligada ao interesse em trazer para o centro a massa dos excluídos sociais – grupos históricos e socialmente desfavorecidos e, por isso, silenciados – e, assim, tratar da desigualdade social e econômica, da criminalidade, das injustiças, da miséria e da violência policial, bem como dos espaços não valorizados socialmente: a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões (destaque para os romances *Cidade de Deus* e *Carandiru*). Relevante dizer que nesse contexto não basta dar voz aos grupos excluídos da sociedade e/ou da história “oficial” por vozes que buscam falar em *nome deles*; o que importa é o olhar de dentro, do próprio excluído, de onde deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-o assim agente da sua própria história (BRANDILEONE e OLIVEIRA, 2014, p. 26)¹⁶.

Para Erica Peçanha do Nascimento, existe a participação política e social nas classes populares, mas essa participação está condicionada a um modelo que acentua as desigualdades, dificultando o acesso da periferia. Assim, a reação dos escritores da periferia é inserir a cena local em seus produtos culturais, construindo uma categoria que reivindica o pertencimento à realidade social que buscam representar. A atuação e as obras desses

¹⁶ BRANDILEONE, Ana Paula Franco N. e OLIVEIRA, Vanderlei da Silva. **A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do Testemunho**. Navegações, v. 7, n. 1. Jan. – Jun, Paraná, 2014.

escritores estão articuladas às experiências de vida, criando uma identidade coletiva: ser morador da periferia urbana faz com que se vivencie a marginalidade social:

São determinados aspectos da realidade social da periferia (os ligados à carência e à marginalidade) que estão sendo realçados nos textos e nos discursos dos escritores estudados, pois eles estão chamando a atenção para as precárias condições de vida de parte dos habitantes de bairros tidos como periféricos para os problemas comuns que ainda persistem. São realçados problemas relacionados à infraestrutura e à distribuição de serviços, bem como as dificuldades de acesso à escolarização, ao mercado de trabalho e ao consumo de bens culturais e materiais (NASCIMENTO, 2009, p. 154).

Ainda de acordo com a autora, embora os conceitos de centro e periferia estejam sendo relativizados por alguns estudos acadêmicos, o contraponto que se faz aqui é a noção de centro como um espaço de moradia das classes médias e altas, de boas condições materiais e de lugares e eventos legitimados como “cultos” em contraste à periferia como sinônimo de espaço de carência social que reúne a população marginalizada e faz emergir cenas culturais como o rap, o hip hop e a literatura marginal periférica. Dessa forma, esses escritores estão legitimando uma cultura própria, constituída a partir das condições de vida neste espaço:

Aos que acreditaram na ideia de que existe uma cultura que está se construindo, estamos aí, fortificando a desobediência, fazendo arte dentro da carência, e mais uma vez provando, para quem duvidou, que não precisamos de cultura na periferia, precisamos de cultura da periferia (FERRÉZ, 2004, sem paginação).

A noção de cultura da periferia, para Nascimento, compreende o conjunto de produções simbólicas e materiais por meio das quais se organizam as formas de sociabilidade, de pensar e sentir o mundo e os valores, comportamentos coletivos e práticas sociais dos membros das classes e grupos sociais situados nas periferias urbanas. Assim, a literatura marginal dos escritores da periferia ressignifica seu espaço, criando uma representação positiva do que anteriormente estava associado somente à precariedade,

Então, ser morador e retratar a periferia nas obras é uma das estratégias que torna interessante essa geração de escritores, da mesma maneira que é o vetor necessário para estabelecer o compromisso intelectual com os sujeitos marginais e periféricos, assim como fizeram os membros do movimento hip hop por meio de suas expressões artísticas. O hip hop e a literatura marginal dos escritores da periferia participam do mesmo processo de dar voz ao seu grupo social e se colocar nas mesmas posições dos sujeitos que vivenciam situações de marginalidade, fazendo emergir uma imagem coletiva (de periférico/marginal) sob a qual os aspectos políticos e sociais predominam sobre os individuais (NASCIMENTO, 2009, p. 158).

A ficcionalização da realidade das periferias é uma maneira de conduzir a produção literária e a atuação social dos escritores, pois, ao mesmo tempo em que expõe as carências, é um instrumento original para reproduzir e dar visibilidade às demandas dos sujeitos marginalizados. Segundo Marcos Zibordi (2004), a literatura marginal periférica possui, dentro deste contexto, um caráter pedagógico e político, sendo um discurso que busca ampliar a capacidade crítica dos leitores, visando essencialmente aumentar o acesso das populações da periferia aos bens e representações culturais.

Esse ponto de análise remete às relações entre a literatura e o engajamento político, ou seja, às relações que os autores estabelecem entre a obra e a realidade na qual se inserem. De acordo com Benoit Denis (2002), o escritor engajado é aquele que se compromete com uma coletividade, assim como a literatura engajada pretende se ocupar de questões sociais que ultrapassam a preocupação unicamente com a estética, como veremos adiante. Os estudos de Nascimento também apontam para esse perfil de engajamento, visto que os autores se envolvem amplamente em projetos culturais e ações pragmáticas que visam a melhora das condições de vida nas comunidades onde se inserem.

Partindo dessa conceituação, a ficcionalização dos aspectos das condições de vida nas situações de marginalidade associadas à origem social impele a esses autores uma postura de porta-vozes das subjetividades dos sujeitos periféricos, ressignificando os aspectos da realidade como objetos da criação estética, numa escrita singular.

É importante frisar a qualidade estética da literatura marginal, para que sua análise não seja reducionista a uma escrita jornalística ou testemunhal. Ferréz, no já citado *Terrorismo Literário*, alerta para essa leitura: “Somos marginais, mas antes, somos literatura” (FERRÉZ, 2009, p. 12). Como afirma Candido, a obra é uma realidade autônoma, validada pela técnica

de transplantar as “impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos que são a matéria-prima do criador” (CANDIDO, 2000, p. 34). Érica Peçanha ressalta ainda que,

Por terem sido elaborados em termos esteticamente válidos, as edições Caros Amigos/Literatura Marginal foram reconhecidas e interpretadas pela imprensa e pela academia como produtos literários, receberam críticas e puderam ser inseridos numa certa “tradição”(NASCIMENTO, 2009,p. 170).

O desdobramento dessa literatura também é político, pois, ainda de acordo com a autora, existe por parte desses escritores projetos que estimulam a produção e a circulação de bens culturais nos espaços periféricos. Além disso, a inserção à rubrica marginal demarca o lugar dos autores, proporcionando a relação identidade/alteridade desse grupo na contemporaneidade:

O sentido político também está relacionado à produção dos autores, que contribuiu para diversificar o discurso literário e o perfil sociológico dos escritores brasileiros. Isso porque a veiculação das três edições de literatura marginal da Caros Amigos permitiu que escritores de diferentes periferias do país e com trajetórias literárias diferenciadas se agrupassem em torno da expressão literatura marginal, reivindicando o lugar de grupos socialmente marginalizados na literatura brasileira (NASCIMENTO, 2009, p. 171).

Essa legitimação de pertencimento a uma realidade social periférica é de fundamental importância para o descentramento do cânone literário brasileiro. Levando em conta a pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè (2004)¹⁷, onde foram analisados dados como gênero, idade, grau de instrução, cor e classe social dos escritores brasileiros, pode-se afirmar a hegemonia da produção artística de um grupo branco, predominante masculino, de classes altas, alto grau de instrução, moradores dos grandes centros da região sudeste.

A literatura marginal inaugura oficialmente um novo perfil de artistas, promovendo a diversificação dos autores brasileiros. Com base nos dados divulgados nas biografias

¹⁷ A contribuição de Dalcastagnè foi sintetizada a partir da pesquisa “Personagens do Romance Brasileiro Contemporâneo”. Embora o foco do trabalho sejam as personagens, a autora sistematizou dados importantes sobre os autores brasileiros de 1990 a 2004. Entre eles, 75% são homens, 93,9% são brancos e 78% possuem o ensino superior completo. Além disso, concentram-se nas classes média e alta e no eixo Rio-São Paulo. In.: DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 26. Brasília, julho-dezembro de 2005. p. 13-71.

resumidas nas edições da *Caros Amigos*, embora alguns dados estejam em consonância com a pesquisa de Dalcastagnè, como a predominância de homens e de moradores do Rio de Janeiro e São Paulo, 75% dos escritores se declaram negros, 58,3% possuem somente o Ensino Médio e todos são ou foram moradores de periferias urbanas (NASCIMENTO, 2009, p. 175).

Para além dos dados coletados nas entrevistas, ao reafirmar suas características biográficas e socioeconômicas nos textos e minicurrículos veiculados nas edições de literatura marginal da revista *Caros Amigos*, os escritores das periferias não somente reportam o leitor ao entendimento da relação direta entre experiência social e produto literário, mas reforçam uma identidade social, artística e cultural. (NASCIMENTO, 2009, p. 174)

A literatura da periferia se esforça para interpretar a sociedade e os mecanismos de exclusão tanto para definir sua própria imagem quanto para encontrar ferramentas de modificação de sua realidade.

Como aponta Candido, nas sociedades onde existe a intenção de combate às injustiças e desigualdades sociais, a arte assume um papel duplamente importante à promoção dos direitos humanos. Em primeiro lugar, pelo seu caráter de catalizadora de emoções, conhecimento e valores, sendo por isso um direito fundamental como a liberdade individual. Em segundo, devido ao papel político que desempenha ao denunciar situações de miséria, exploração econômica, conferindo a seus autores uma postura de luta contra negação e restrição de direitos.

Como veremos adiante, existe um esforço entre os autores para a promoção de uma democratização na literatura, tanto no sentido de ampliar o público leitor nas camadas mais pobres da população, quanto no local de produção dos bens literários.

Dessa forma, a literatura marginal pode também ser interpretada como uma arte que participa das relações de poder e faz de sua temática um ponto de enfrentamento tão importante quanto a sua produção e circulação.

1.4. Sérgio Vaz: Poesia e *Cooperifa*

Sérgio Vaz vive em Taboão da Serra, periferia paulistana, desde a infância. Trabalhou com o pai na adolescência, foi ajudante geral de marcenaria, auxiliar de cobrança, auxiliar de escritório, vendedor e assessor parlamentar até conseguir se dedicar exclusivamente à literatura e atividades culturais. O escritor publicou seis livros¹⁸, *Subindo a ladeira mora a noite* (1988), *A margem do vento* (1991), *Pensamentos vadios* (1994), *A poesia dos deuses inferiores* (2005), *Colecionador de Pedras* (2006) e *Cooperifa - Antropofagia Periférica* (2008).

Em 2001, o poeta que já circulava pela cena cultural do *hip hop* e já havia publicado algumas obras, fundou, com um grupo de amigos, a *Cooperifa* (Cooperativa Cultural da Periferia). Definida por Vaz como um movimento de resistência cultural na periferia, a *Cooperifa* reúne semanalmente em saraus, em um bar no Jardim Guarujá, artistas amadores e profissionais, como músicos, escritores, atores e poetas, com o intuito de possibilitar ao artista da periferia o reconhecimento de sua própria comunidade. Permite também aos moradores, o contato com as diferentes manifestações artísticas estimulando a produção de textos, leitura, produção de peças teatrais etc. O *Sarau da Cooperifa* também divulga eventos relacionados à cidadania e cultura e debate temas importantes da pauta política nacional. Para Vaz, as consequências do projeto são profundas para a comunidade, pois, produz “o que há de mais perigoso hoje para o sistema, que é o pensamento livre, crítico e soberano” (VAZ, 2005, sem paginação)¹⁹.

No mesmo ano, Vaz foi convidado por Ferréz a participar do primeiro ato das edições especiais da *Caros Amigos/Literatura Marginal*. De acordo com Nascimento, um dos efeitos de sua participação foi o contato estabelecido entre o poeta e a equipe editorial da revista, que passou a divulgar o trabalho e as produções da *Cooperifa*.

¹⁸ Até a escrita deste capítulo, em junho de 2015.

¹⁹ Sérgio Vaz em fala no evento Papo Cabeça, realizado em 10 de Setembro de 2005, na Biblioteca Municipal Castro Alves de Taboão da Serra, in. NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009.

Vaz criou também o projeto *Poesia Contra a Violência*, que percorre, desde 2002, escolas públicas do ensino básico na região metropolitana de São Paulo, visando incentivar os alunos ao hábito da leitura e criação artística.

Em 2004, com patrocínio da *Faculdade de Taboão da Serra*, o poeta lançou o livro *A poesia dos deuses inferiores*, com tiragem inicial de mil exemplares, fruto de sua preocupação em produzir uma literatura voltada ao caráter social, traduzindo as carências e as injustiças sofridas pelos sujeitos marginalizados. A crítica social é o tema do livro, mas há espaço para representações de gostos e costumes da vida na periferia e para subjetividades como o amor, o erotismo, os sonhos e a infância:

(...)
Alimentavam-se de sonhos,
De liberdade, de vento
De ki-suco e pão com mortadela.
Esses monstros
Queriam dominar a terra
Chegavam aos montes
Descendo ladeiras,
Pilotando naves exóticas
Feitas de tábua de compensado
E rodinhas de rolimã.
Não fosse o tempo
Teriam dominado o universo.
(VAZ, 2004, p. 18)²⁰

Vaz é defensor da realidade como objeto para a criação poética. A respeito de sua produção, o poeta assinalou, em entrevista à Erica Peçanha do Nascimento, que a poesia se relaciona com o momento vivido e experimentado. Assim, a preocupação fazer sua crítica social é consequência do envolvimento emotivo e ideológico com a comunidade em que vive, como no caso do poema *Pé de Pato*, em que autor subverte o estereótipo do jovem de periferia:

Bruno matou a mãe
Matou o pai
Os irmãos

²⁰ VAZ, Sergio. **A poesia dos Deuses Inferiores – a biografia poética da periferia**. Taboão da Serra, Produção independente, 2004.

Os avós
Os vizinhos
Matou
Todo mundo de saudade
Quando foi pra faculdade.
(VAZ, 2004, p. 34)

Em *Colecionador de pedras*, Sergio Vaz trabalha temas como exclusão social, miséria, violência nas periferias, preconceito e injustiças sociais. No poema, que também dá título ao livro, o poeta estabelece uma narrativa na qual busca nas experiências de carência e exclusão a temática de sua poesia. O eu lírico aparece como o próprio colecionador de pedras, um sujeito que ressignifica o vivido através da poesia, da transformação do real em realidades possíveis. Sobre as pedras, o autor adverte: “Pedras não falam, mas quebram janelas” (VAZ, 2007, p. 24)²¹, em um aviso da emancipação do sujeito periférico. De acordo com a análise de Waldilene Silva Miranda (2011),

(...) as circunstâncias de miséria e abandono experimentadas por Pedro parecem encurtar a infância do jovem e o transformar “em homem” (VAZ, 2007, p.24). Designado desde o início a ser Pedro/Pedra, “nasceu em dia de chuva/no ventre da tempestade:”, “foi recebido pelo destino/com quatro pedras nas mãos” (VAZ, 2007, p.24) e de “Pedra preciosa” (VAZ, 2007, p.24). se “transformou em “Pedra lascada” (VAZ, 2007, p.25). Mas, por outro lado, as experiências de miséria e exclusão (“construiu edifícios” onde não pode morar), (“varreuruas” da cidade que não pode desfrutar) deram tanto a Pedro quanto a Sérgio Vaz, a matéria prima da construção poética “escreveu poemas” que “tornou-se pedregulho/no rim do sistema” e conquistando visibilidade, transformou-se em “Rocha” onde a expectativa era ser “grão de areia” (VAZ, 2007, p.25). Está explícita a ideia de que ao cantar a própria dor também “canta” e “rima” “a dor alheia”. Cantar “sem deixar pedra sobre pedra” (VAZ, 2007, p.25) é uma forma de alterar o poder do enunciador e, à medida que, denuncia, se liberta “do rancor” e “sampleia” “o amor” (VAZ, 2007, p.25) ele adquire visibilidade”. (MIRANDA, 2011, p. 18-19)²²

Pode-se dizer que o processo criativo de Vaz é também reflexo de seu comprometimento social, pois ao mesmo tempo em que lhe interessa retratar a realidade e os sentimentos da população da periferia, o autor se posiciona de forma ativa na tentativa de

²¹ VAZ, Sérgio. **Colecionador de pedras**. São Paulo: Editora Global, 2007.

²² MIRANDA, Waldilene Silva. **Diálogos possíveis: do rap à literatura marginal**. DARANDINA revisteletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – volume 4 – número 1, 2011.

modificar essa realidade, de contribuir para que o retratado não sejam apenas os temas ligados à carência, mas também à superação das dificuldades impostas pelas condições de marginalidade. Para essa intervenção, a palavra tem lugar central como signo ideológico transformador. Se pensarmos o sarau da *Cooperifa* como exemplo dessa intervenção pela palavra, percebemos a modificação da sociedade, à medida em que os indivíduos tomam consciência de sua exclusão e, através de encontros poéticos, criam redes de solidariedade e cooperação que influem diretamente na melhoria da comunidade.

1.5. Ferréz: Todos Um pela Zona Sul

Ferréz²³, nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva, nasceu e morou durante toda a vida no bairro do Valo Velho, distrito do Capão Redondo, em São Paulo. Um dos principais expoentes da literatura marginal, Ferréz trabalhou como balconista de padaria, auxiliar de produção em uma metalúrgica, vendedor ambulante, chapeiro de uma rede de fast food e auxiliar de RH, antes de se tornar escritor. Da predileção pelo rap, na adolescência, surgiu sua proximidade com o hip hop, sua formação política de tendência socialista e a defesa de minorias sociais. Frequentador dos sebos do centro de São Paulo, Ferréz teve contato com várias obras canônicas da literatura mundial, mas foi na literatura nacional, através de Paulo Lins, João Antônio e Plínio Marcos, que o autor encontrou o rumo de sua literatura.

A estreia de Ferréz como escritor foi em 1997, com o livro de poesia concreta *Fortaleza da Desilusão*, lançado com o patrocínio da empresa de recursos humanos onde trabalhava. Esse primeiro livro não alcançou um grande número de leitores e não atraiu a atenção da imprensa, ao contrário de *Capão Pecado*, o segundo livro de Ferréz, lançado em 1999. Segundo o autor, todo o livro, a começar pelo título, é uma referência à periferia:

²³ Assim como os rappers brasileiros, o autor adotou um pseudônimo que remetesse a dois líderes populares, Ferré, em homenagem a Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião e o Zé Zumbi dos Palmares.

A intenção era narrar parte do que havia vivenciado no Capão Redondo - das tragédias aos atos solidários dos moradores- partindo do suposto de que seria um livro que agradaria ao morador de qualquer periferia do país, pois, escrevi o livro pra periferia. Quero que caia na mão de quem nunca leu, por isso tinha que ser mais favela, bem maloqueiro mesmo²⁴. (FERRÉZ, 2000, sem paginação)

Antes mesmo de ser editado, *Capão Pecado* atraiu o interesse da *Labortexto Editorial*, editora criada na época do lançamento, que se especializou em títulos relacionados à carceragem e opressão social. Nas entrevistas e palestras, Ferréz ressalta a intencionalidade de escrever algo que representasse a periferia na literatura, assim como o rap faz na música:

Rael e Mactcherros sempre ficavam com ele até de madrugada jogando Playstation, compravam frango na padaria Menininha e comiam com pão, já que na casa do Capachão não tinha fogão. As tábuas do barraco já estavam tão apodrecidas que um leve toque as perfuraria, era só alguém querer que dava pra invadir numa boa, porém o respeito na quebrada sempre prevalece para aqueles que sabem se impor na humildade (FERREZ, 2000, P. 41).

Em 2003, Ferréz lançou seu segundo romance, *Manual prático do ódio*, que também trata do cotidiano na periferia: as relações sociais, as relações amorosas, os sonhos e ódio intenso como motes da narrativa.

O ódio está presente no decorrer de todo o texto como chave da narrativa e, por diversas vezes, não só como sentimento das personagens da trama em seus variados eixos, como também na forma de escrita do próprio narrador. Fica claro que o narrador, que fala do ponto de vista do sujeito pobre e formado pela cultura de massas – na sua expressão mais degradada – , compartilha do ódio com suas personagens e, se não compactua com ele algumas vezes, ao menos tenta compreendê-lo, tenta não deixá-lo soando estranho²⁵ ao leitor. (CHAVES, OLIVEIRA e SILVA, 2010, p. 67)²⁵

²⁴ Fala ao Jornal da Tarde em 03 de julho de 2000. In.: NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009.

²⁵ CHAVES, Luana H., OLIVEIRA, Jerônimo Dantas e SILVA, Lucuana M. **O ódio na prática: Reflexões acerca da narrativa de Manual Prático do Ódio de Ferréz**. Revista Baleia na Rede: Estudos em arte e sociedade. Vol. 1, nº 7, Ano VII, Dez/2010, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1498/1302>, consultado em março de 2015.

O livro conta a história de um grupo que planeja um assalto, narrando todos os sentimentos cultivados: razões humanas e emotivas para matar, morrer, amar e principalmente, odiar.

No artigo *O ódio na prática*, citado acima, Luana Hordones Chaves, Jerônimo Dantas de Oliveira e Luciana Meire da Silva apontam para o fato de que as diferentes facetas do ódio ligam cada trecho da narrativa como fio condutor. Esse sentimento não está presente apenas na caracterização dos personagens mais agressivos. Demonstrando a complexidade da psiquê de cada personagem, Eliana, uma pacífica dona de casa, descrita pelo marido como a mulher ideal para o casamento, vive entre a passividade e a raiva constante:

Entre um comercial e outro, Eliana se tocava, sentia que estava ficando doente, entre um comercial e outro, pegava o espelho e ficava se olhando, os olhos fundos, as olheiras, o cabelo preto, o rosto branco, ficava notando o quão estranha estava ficando, mas logo terminava o comercial e ela deixava o espelho de lado, afinal toda a vez que se via e pensava no que estava acontecendo em sua vida lhe dava um ódio, lhe batia uma vontade de quebrar tudo, mas nunca o fazia. (FERRÉZ: 2003, p. 78 e 79)²⁶

No mesmo artigo, os autores ressaltam que, durante a narrativa, o contexto da periferia paulistana sobrepõe-se, muitas vezes, ao modo de vida de cada personagem, determinando dificuldades e desenhando condições precárias de sobrevivência na pobreza e na violência. Mas não só de violência, pobreza, crime e tráfico a narrativa é feita: *Manual prático do ódio* traz à tona vidas que carecem de atenção. A carência, sentimento forte da obra, remete-se à ausência do Estado, da educação e do trabalho, assim como remete à ausência da família idealizada - referência de carinho e companheirismo, como representada no imaginário social coletivo.

Essa mesma perspectiva de carência está fortemente presente em *Ninguém é inocente em São Paulo*, lançado por Ferréz em 2006. Nesse livro de contos, a realidade refletida é aquela vivida diariamente pelo escritor na periferia. Apesar do cenário embrutecido pela violência e falta, o autor aborda o cotidiano humanizado, usando de recursos a ironia e o estilo de linguagem, mais coloquial, criando certa leveza para retratar uma realidade dura, como no

²⁶ FERRÉZ, *Manual Prático do Ódio*. São Paulo, Editora Objetiva, 2003.

caso do conto *Buba e o muro social*, narrado por um cachorro de classe média que se muda para a periferia²⁷:

Cara, você não imagina o medo que me deu, eu fui saindo de perto daqueles prédios bonitos e umas casas grandes de cachorro foram aparecendo. Nossa! Parecia que eu tava indo para uma terra-de-gigantes, fiquei imaginando o tamanho que eles mediam, mas depois me espantei quando vi gente saindo daquelas casas, depois os cachorros que conheci na rua me explicaram que eu estava entrando numa favela. Sabe aqueles banhos no veterinário? Nem pensar, e a ração gostosa e úmida, nunca mais. Depois desse dia, estou vivendo somente com ração de combate e algo louco aconteceu. Eu posso ficar dentro de casa, e até dentro do lugar em que meu novo dono trabalha. Ele fica o dia todo em frente a uma espécie de televisão e fica mexendo os dedos. Já ouvi alguém dizer que ele é escritor, mas nunca consegui ler o que ele escreve. Toda vez que chego perto, ele logo me dá um carinho e pára o que está fazendo para ficar me olhando com ternura. Sabe, a primeira vez que choveu, eu tomei um puta susto, pois começou a encher o quintal de barro, e depois também fiquei sabendo que aquilo era uma enchente. Segundo alguns cachorros – uns bichinhos que eu vi e queria brincar na verdade eram ratos – e me orientaram a não chegar perto (FERRÉZ, 2010, sem paginação).

Em 2005, Ferréz faz sua estreia no gênero infanto-juvenil com o livro *Amanhecer Esmeralda*, que conta o cotidiano de Manhã, uma menina negra e moradora de uma comunidade pobre, que após ganhar um vestido verde, vai modificando a comunidade onde vive. O autor também publicou, em 2012, *O pote mágico*, seu segundo livro infantojuvenil. O enredo é simples: um menino da periferia que encontra um pote de desejos. No entanto, na simplicidade das narrações infantis, Ferréz revela uma escrita sensível, dedicada a conscientização das crianças sobre seus atos e o impacto que atitudes positivas podem ter sobre a comunidade.

O romance *Deus foi almoçar*, lançado em 2011, narra a história de Calixto, um arquivista com cerca de 50 anos que, após um divórcio, passa sua vida a limpo. Mantendo a crítica ao capitalismo, o livro foca na derrocada moral do personagem que representa a classe trabalhadora brasileira, sem nenhum amparo: “(...) às vezes penso nisso, como ele (Deus) é

²⁷ Embora faça parte originalmente do livro *Ninguém é Inocente em São Paulo*, o conto, como muitos outros, está disponível no blog do escritor Ferréz. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/2013/06/buba-e-o-muro-social.html>.

sacana, a gente é semelhante, mas moramos nas casas de aluguel (...) e quem aluga paga o luxo do dono, assim é Deus” (FERRÉZ, 2012, p. 43)²⁸

Voltando ao tom de testemunho, que caracteriza seus primeiros livros, o autor lançou em 2014, o livro de contos *Os ricos também morrem*, baseado no cotidiano das grandes cidades brasileiras. A linguagem ágil, próxima à do rap, transforma em literatura os relatos orais que circulam pelas comunidades. Esses relatos urbanos, do cotidiano muitas vezes rude, compõem o cenário e os mais variados personagens em *Os Ricos Também Morrem*:

Mermão, acha safadeza roubar pai de família? Que ladrão tinha que roubar banco? Pra roubar banco tem que ter um fuzil, porra! Um fuzil custa 30 mi, 30 mil, caralho! Eu com isso montava um comercio, ia ser autônomo. Mas onde eu vou levantar esse dinheiro desse jeito? (FERRÉZ, 2014, p.)²⁹

Os Ricos Também Morrem é um livro ácido e com a veia violenta da narrativa de Ferréz, escancarando a realidade das periferias, uma ficção que ataca a grande mídia e desconstrói a massificação do consumismo:

Mostrar a verdade do ser em vez do ter. Trazer o amor à família, o valor da periferia, a nossa autoestima, a importância cultural que temos, o valor da nossa cor e da nossa história, autovalorização, e mostrar o plano maquiavélico que sempre beneficiou a elite e nos massacra financeira e culturalmente nesses anos. (FERRÉZ, 2014, p. 11)

Ainda na apresentação do livro:

Quantas pessoas, que conheceu, trabalharam a vida inteira, sendo babás de meninos mimados, fazendo a comidas deles, cuidando da segurança e da limpeza deles, e no final ficaram velhas, morreram, e nunca puderam fazer o mesmo por seus filhos. (FERRÉZ, 2014, p. 11)

No que diz respeito ao ativismo social, em 1999, no mesmo ano do lançamento de *Capão Pecado*, Ferréz fundou, com um grupo de moradores da zona sul paulista, o

²⁸ FERRÉZ. **Deus foi almoçar**. São Paulo: Planeta, 2012.

²⁹ FERRÉZ, **Os ricos também morrem**. São Paulo: Planeta, 2014.

movimento cultural *IdaSul*, título que resume a ideia: “somos todos um pela dignidade da zona sul”. Esse movimento atuou de forma organizada até o ano de 2005. Durante o período, foram desenvolvidas atividades culturais, como shows beneficentes, doação de alimentos para famílias da região e criação de bibliotecas comunitárias, procurando conciliar práticas artísticas e ativismo social.

Dessa movimentação, surgiu uma grife idealizada por Ferréz e a loja, no centro do Capão Redondo, que comercializava chaveiros, camisas, canecas, adesivos e bonés no estilo hip hop e estampas com letras de rap ou trechos de livros. A iniciativa significa para Ferréz uma atitude de “autogestão” da periferia³⁰:

A autogestão é o único caminho que a gente acha realmente viável para primeiro, fazer um boicote aos produtos lá de fora. Porque o povo da periferia consome muito e ganha pouco. Então fazer um boicote aos produtos lá fora, que vem tudo caro, que é um monte de sonho, um monte de ilusão e fazer os produtos da gente, da forma da gente, que é para o dinheiro circular no gueto, tá ligado? (FERRÉZ, 2004, sem paginação)

E ainda:

Ele é também uma maneira de resgatar a autoestima, porque o moleque usa uma camisa aqui do bairro, né? Ele vê a imagem de uma coisa que ele acredita na camisa dele, tá ligado? É o sonho de Martin Luther King, o sonho de Malcom X, para o nosso povo se valorizar, mano, a gente tem sonho também. Então o cara olha o produto e se reconhece nele. Ele sabe que o movimento é pra ele. É o caminho pra ele valorizar a arte dele. O cara percebe que não precisa ser igual aos gringos. Ele começa a pensar que não precisa ter um *outdoor* americano no peito. Eu posso ter o nome do meu bairro e valorizá-lo. (FERRÉZ, 2004, sem paginação)

A loja/grife tornou-se a principal fonte de renda de Ferréz, que mesmo tendo recebido propostas de marcas maiores para comercializar seus produtos, mantém a exclusividade da loja no Capão Redondo, reafirmando seu “compromisso com os moradores da periferia”:

³⁰ Ferréz em entrevista ao portal www.arte-cidadania.org.br, em 25/11/2004. In.: NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Vozes Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009.

Nessa grife tudo é da comunidade, desde a pessoa que desenha, a mulher que costura, o cara que vende, que consome – todo mundo é da periferia. Essa ideia de montar a loja é um projeto de autogestão, eu percebi que todo mundo fica só nessa de falar mal do sistema, mas comete a falha muito grande de só usar roupa do sistema. A gente tinha que deixar de usar Nike, Adidas, essas marcas que exploram um monte de trabalhador. Mas a 1daSul também é um movimento cultural, porque tudo o que a gente ganha, o que a gente faz é pra devolver depois pro bairro³¹.(FERRÉZ, 2005, sem paginação)

As iniciativas de Ferréz - tanto o movimento social, quanto a grife e a postura de autogestão - são atividades que contribuem para uma identificação positiva da periferia, pois, assim como seu projeto literário, tem por objetivo alcançar prioritariamente os moradores dessas regiões, transformando o estigma negativo em um movimento cultural, tendo como mote a autonomia da periferia.

1.6. Marcelino Freire e a *Balada Literária*

Marcelino Freire é um dos autores contemporâneos que transita pelos circuitos da literatura consagrada e da periferia. Morador da periferia de São Paulo desde 1991, o autor pernambucano publica de forma independente desde 1995, quando lançou *AcRústico*, seguido por *EraOdito* e *Angu de Sangue* em 2000. Em 2002, criou selo *eraOdito editora*, lançando posteriormente *Contos Negreiros*, em 2005, *Rasif - Mar que Arrebenta*, em 2008, e *Amar é crime*, em 2010. Em 2012, o autor recebeu o *Premio Jabuti*, por *Contos Negreiros*, obtendo assim grande visibilidade e o conceito da crítica especializada.

Em *Contos Negreiros*, os personagens são negros, mulheres, prostitutas, moradores de periferia e homossexuais. Essas figuras marginalizadas não são vistas do ponto de vista exótico ou protecionista, mas através de uma narração próxima que não pressupõe um distanciamento valorativo entre narrador e personagens; ao contrário, estes frequentemente se

³¹ Ferréz em fala no Café Cultural, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, no dia 02 de julho de 2005. Transcrito por Érica Peçanha do Nascimento. In.: NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009.

fundem através do foco narrativo em primeira pessoa. O Brasil, na representação de Freire, é um país onde o preconceito social e racial são tão evidentes quanto a mistura de povos e sotaques. Na definição de Xico Sá, na apresentação do livro *Contos Negreiros*, sua narrativa é uma “prosa-rapadura”, doce e áspera, que se apresenta pela perspectiva dos segmentos marginalizados da sociedade:

No papel, sou menos ninguém do aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa.

Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. (FREIRE, 2011, p. 80)³²

Os contos, chamados no livro de ‘cantos’, se destacam tanto pela qualidade estética e estrutural de uma prosa ritmada como poesia, quanto pela importância da representação de grupos subalternos que assumem suas vozes através da narrativa de Freire.

No mesmo livro, Freire aborda questões polêmicas como a homoafetividade, a violência contra a mulher e o turismo sexual. No conto *Yamami*, por exemplo, fugindo dos relatos típicos de viajantes, o estrangeiro revela seu asco e seu descaso pelo país que visita, ao mesmo tempo em que demonstra o fascínio por Yamami, uma adolescente indígena que, juntamente com outras crianças, se prostitui no porto de Manaus:

E os índios?
O que tem os índios?
O que você achou dos índios do Brasil?
Fodam-se os índios do Brasil. Toquem fogo na floresta. Vão à merda.
Que turista é você? E a febre amarela?
Só lembro de Yamami.
(FREIRE, 2011, p. 105)

Yamami é uma representação ampla das violações a que são submetidas as minorias sociais no Brasil. Os grupos indígenas na atualidade estão constantemente envolvidos em

³² FREIRE, Marcelino. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

massacres por terras, subempregos e condições de vidas precárias, diante o total descaso do Estado. Dessa forma, o autor desconstrói a representação de uma identidade nacional fixa, dando voz àqueles que estão silenciados, à margem das representações sociais, e contrastando-os com a imagem de um “Brasil São Paulo”, moderno e desenvolvido: “Não gostei do Brasil caralho. Yamami não tem nada a ver com o Brasil. O Brasil é São Paulo, uma cidade longe, parecida com esse continente de gelo. Yamami...” (FREIRE, 2011, p. 109).

Na literatura contemporânea, autores como Marcelino Freire, Ferréz e Vaz, entre outros, expõem com sua escrita a violência, a criminalidade e as injustiças sociais que estão presentes de modo recorrente no cotidiano. Ademais, esses autores vão além do processo narrativo, organizando ações práticas de reestruturação dessa realidade.

No caso de Marcelino Freire, o reconhecimento de *Contos Negreiros* aumentou as possibilidades de inserção do autor no meio literário, assim como sua atuação na cena cultural paulistana, possibilitando que o autor organizasse a *Balada Literária*, uma série de eventos gratuitos que reúne anualmente em São Paulo, autores e outros artistas, com o intuito de popularizar o acesso aos bens culturais e diminuir as barreiras entre a literatura e a maior parte da população.

O evento acontece desde 2006 e junta uma rede de parceiros e contatos para a captação dos recursos necessários para sua realização. A Balada é gratuita e pública, ou seja, aberta à participação popular e, em 2013, recebeu pela primeira vez incentivo da Lei Rouanet³³:

Eu sempre digo. Enquanto outros eventos são feitos com “um milhão”, o nosso é feito com “humilhação”. A gente sai pedindo, implorando... Pela primeira vez esse ano, a gente conseguiu a aprovação na Lei Rouanet. Desde janeiro a gente tenta captar parceiros. Até agora só conseguimos uma cota. O nosso grande patrocinador esse ano, por enquanto, é a Editora FTD. Mas a Balada é feita, é sempre bom que se diga, com a ajuda de parceiros como a Livraria da Vila, co-realizadora do evento desde o primeiro ano, a Biblioteca Alceu Amoroso Lima, o Itaú Cultural, o SESC

³³ Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991), que institui políticas públicas para a cultura nacional. As diretrizes para a cultura nacional foram estabelecidas nos primeiros artigos, e sua base é a promoção, proteção e valorização das expressões culturais nacionais. O grande destaque da Lei Rouanet é a política de incentivos fiscais que possibilita as empresas (pessoas jurídicas) e cidadãos (pessoa física) aplicarem uma parte do IR (imposto de renda) devido em ações culturais.

Pinheiros e, é claro, a sempre presença e força do Centro Cultural *b_arco*. Quantas emoções já vivemos aí juntos, não? (FREIRE 2013, sem paginação)

Em entrevista ao site *Barco à Vapor*, *barco.art.br*,³⁴ em setembro de 2013, Marcelino defendeu a integração entre a literatura e o cotidiano, “sair das estantes, ir para as ruas”, como objetivo principal da Balada Literária:

Celebrar a literatura sem frescura. Mostrar que os livros podem conviver muito bem com o provolone, a batata frita, o suco de uva... Chega de solenidade, de discurso. A literatura precisa de vida. O que a Balada faz é isto: tira a literatura das estantes, dos ambientes fechados, e põe na rua, nos cafés, ao lado do leitor... E o que é melhor: tudo de graça. É tudo gratuito. É só chegar e participar. (FREIRE, 2013, sem paginação)

Embora as obras literárias de Vaz, Ferréz e Freire sejam bastante distintas, os três escritores, classificadas sob a rubrica de literatura marginal, enfatizam a responsabilidade de seu trabalho, o comprometimento para com a melhoria das condições de vida na periferia e até mesmo a produção cultural como alternativa à violência e a criminalidade. Por essa razão, se organizam nas iniciativas sociais vistas acima. Além disso, produzem um tipo de literatura que identifica e representa os moradores de periferia fora dos estereótipos comuns, com a autenticidade de quem faz parte desse grupo.

³⁴ Entrevista ao Centro Cultural *b-arco*, publicada em 26 de setembro de 2013. Disponível em: <http://barco.art.br/marcelino-freire-fala-proxima-balada-literaria/>, consultado em dezembro de 2014.

CAPÍTULO 2

SOCIEDADE EM REDE:

Possibilidades de emancipação política e cultural

“O número de páginas deste livro é infinito. Nenhuma é a primeira, nenhuma, a última.” (Jorge Luis Borges)

Em uma sociedade conectada em redes virtuais, a expressão da subjetividade está presente em novos territórios e a atividade literária se apresenta em novos suportes. Autores e leitores contemporâneos se aproximam pela virtualização da literatura e pelo contato mediado pelas redes sociais. Por outro lado, o acesso rápido à informação e acontecimentos políticos delineiam maneiras mais democráticas de participação social e cultural.

A internet, ainda que nem sempre utilizada com esse intuito, pode ser uma importante ferramenta de inclusão e emancipação, principalmente entre as camadas menos privilegiadas da sociedade, uma vez que, oferece ao indivíduo a possibilidade de significação cultural e o acesso a uma participação política mais efetiva.

2.1. Hipertexto e Redes Sociais:

O hipertexto pode remeter visualmente a um tecido, uma malha feita de nós e entrelaces que formam associações de palavras e ideias, que passam por palavras e imagens à medida que o leitor conduz sua leitura. O hipertexto é um texto em rede. A própria palavra texto, como lembra Pierre Lévy (1993), já remete ao conceito de hipertexto, visto que etimologicamente ela remete à técnica de tecelagem, sendo uma trama de verbos e nomes que tecem determinado sentido. Pierre Lévy parte da ideia de que o hipertexto é uma definição anterior às novas mídias, já que, faz parte da própria lógica humana do pensamento. Para Lévy, a conceituação do hipertexto obedece aos seguintes princípios: metamorfose, pois, é constante a possibilidade de construção e negociação; heterogeneidade; multiplicidade, na medida em que o hipertexto é organizado de forma fractal, podendo cada nó gerar uma série de novos nós; exterioridade, pois necessita de conexões que extrapolam o texto, no caso do hipertexto no ciberespaço essas conexões dependem de equipamentos e pessoas que

interagem garantindo a funcionalidade dos sistemas; topologia, uma vez que esse texto acontece pela proximidade de caminhos a seguir para a construção dos sentidos e, finalmente, o princípio da mobilidade dos centros, que pressupõe a rede como uma estrutura de centros múltiplos e móveis que se organizam e reorganizam de acordo com o fluxo da narrativa intencionado pelo leitor.

Outra definição de hipertexto é a de T.H. Nelson, que, em *Máquinas Literárias*¹, o descreve como uma escrita não sequencial que os leitores percorrem com certa autonomia, proporcionando uma experiência coletiva na linguagem, já que a escolha do leitor pode alterar o objeto de leitura em inúmeras possibilidades. Sendo cada leitura a oportunidade de ser uma recriação, segundo Mucci²,

O étimo grego kibernan, transcrito no vernáculo por ciber, produz a significação de “agitar”, “guiar”, “governar” e funciona como radical, por exemplo, do signo “cibercultura”, espaço em que estamos, numa vertiginosa pós-modernidade, literal e literariamente absortos. Processo de agenciamento sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual, a cibercultura amplia e populariza a utilização da internet e de outras tecnologias, possibilitando, assim, maior aproximação entre as pessoas e as comunidades de todo o mundo. (MUCCI, 2010, p.11)

É importante reafirmar, como dito por Lévy, que apesar de caber perfeitamente no ciberespaço, o hipertexto precede a internet. Para Mucci,

Na história da cultura e, em particular, da literatura, vários escritores tematizaram e praticaram, *avant la lettre*, o discurso hipertextual, identificado como um discurso aberto, um horizonte de infindas possibilidades, uma obra incompleta, fragmentária, em processo e em progresso. Num elenco estelar de profetas da cibernética, inscreveram-se, além do já citado Roland Barthes, Marcel Proust (1871-1922), Stéphane Mallarmé (1842-1935), Virginia Woolf (1882-1941), James Joyce (1882-1941), Fernando Pessoa (1888-1935), Jorge Luis Borges (1899-1986), Paulo Leminski (1944-1989)... (MUCCI, 2010, p. 15)

¹ NELSON, T.H. http://www.literarymachine.com/Im_index2html, acesso em março de 2016.

² MUCCI, Latuf Isaias. **Para uma retórica do hipertexto**. IPOTESI, Juiz de Fora v. 14, n.1, p.11-20, jan./jun. 2010.

A internet hoje é uma rede de informação e troca de experiências que liga cerca de 3,2 bilhões de pessoas³ espalhadas pelo globo. Da mesma forma, a *www* (*World Wide Web*) é um hipertexto de dimensões incalculáveis, interligando em uma grande teia, navegável de forma intuitiva, milhões de páginas espalhadas por todo o mundo, reunindo um precioso acervo da humanidade. A *www*, criada por Tim Bernes Lee, no início dos anos 90, representou um passo enorme para a internet, a ponto de muitos a confundirem com a própria

É possível observar que apesar de o hipertexto ser um conceito anterior ao de internet, sua natureza é propícia ao novo espaço de propagação. Com as novas tecnologias da informação, o hipertexto consegue seu alcance pleno, com um número ilimitado de nós e conexões que permitem uma gama incalculável de possibilidades. Como o *Livro de Areia*, de Jorge Luis Borges, suas páginas são infinitas.

Voltando à metáfora da malha, o ciberespaço proporciona também uma nova dinâmica nos relacionamentos sociais. Apesar do conceito de rede social remeter a relações entre pessoas, intercedidas ou não por sistemas informatizados, é notável a multiplicação dessas redes no ciberespaço, apresentando diferentes níveis de interação. Essas interações podem buscar interesses particulares ou mudanças na vida social, em defesa de determinados grupos e organizações ou com finalidades sociopolíticas.

As redes sociais virtuais são uma variação dessas redes, no que concerne seu formato e seu funcionamento, mediando as relações entre os indivíduos pelo ciberespaço. Segundo Sônia Aguiar (2007), a exemplo das ações sociopolíticas, muitas relações estabelecidas no ‘mundo real’ passam a utilizar a internet como um ambiente adicional de interação, figurando como um espaço público complementar (AGUIAR, 2007, sem paginação)⁴.

Há uma necessidade dos indivíduos em se integrarem a grupos sociais que tenham interesses comuns, o que expõe a intenção de se reconhecerem quando buscam conectar-se às redes com as quais se identifiquem. Além disso, este espaço de interação social virtual possibilita a comunicação entre os usuários e favorece a desnacionalização e desestatização da informação, a partir da conectividade mundial estabelecida pela internet.

³ Segundo dados divulgados em maio de 2015, pela União Internacional das Telecomunicações, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (**ONU**). Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/mundo-tem-32-bilhoes-de-pessoas-conectadas-internet-diz-uit.html>.

⁴ AGUIAR, Sonia. **Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas**. Informação & Informação, Universidade Estadual de Londrina, Vol. 12, Edição especial, 2007. Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=39>. Acesso em: Maio de 2015.

Quanto à democratização digital, é importante salientar que esses recursos não são uniformes ao redor do globo. No artigo *Os intelectuais e a internet*, Rogério de Souza Sergio Ferreira ressalta algumas restrições do ciberespaço, no sentido em que grande parte da população mundial ainda se encontra excluída das novas tecnologias ao mesmo tempo em que certos países monitoram as notícias transmitidas e a liberdade de expressão:

Portanto, o intelectual deve ter em mente que a infoexclusão de populações pertencentes aos países pobres impede que a plena cibercidadania seja estabelecida, anulando, deste modo, as vantagens que o meio eletrônico poderia disponibilizar. Uma outra desvantagem da Internet localiza-se na imposição de regras restritivas por parte de alguns países que vêem seus governos ameaçados pela livre informação. A China é um destes países, onde o acesso é permitido apenas em certos cafés da capital e, mesmo assim, com a presença de policiais que checam o conteúdo exibido. (SERGIO FERREIRA, 2010, p. 359)⁵

Assim, deve-se pensar a expansão das tecnologias da informação dentro de contextos políticos e econômicos heterogêneos, pois, a internet muitas vezes é vista como uma perigosa ferramenta de insurreição, devido a sua capacidade de aglutinação e formação de redes de solidariedade.

Os nós que dão consistência a uma rede são as informações que transitam pelos canais que ligam seus integrantes. Para Francisco Whitaker (1993), em modelos sociais baseados em pirâmides, o poder se concentra nas mãos de uma camada superior e privilegiada. Consequentemente, a informação também se concentra para ser utilizada em favor desse grupo com o intuito de manutenção dos privilégios sociais. Na organização social em rede, o poder se desconcentra pelo descentramento da informação. A divulgação da informação e a livre circulação de conhecimentos é o elemento mais significativo para o funcionamento da rede, pois, a posse de informação é justamente o que pode ocasionar o empoderamento de classes sociais antes excluídas:

⁵ SERGIO FERREIRA, Rogério de Souza. **Os intelectuais e a internet**. Crop, 8, 2002. Disponível em: <http://200.144.182.130/revistacrop/images/stories/edicao8/v08a21.pdf>, consultado em janeiro de 2017.

Uma estrutura em rede – que é uma alternativa à estrutura piramidal – corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. (WHITAKER, 1993, p. 03)

A rede social *online* é um dos reflexos da tendência contemporânea de agregação social, que se apoia no ciberespaço como base para uma nova cultura de informação. De acordo com Cicília Peruzzo (1998), uma das consequências das novas formas de interação é justamente o aumento da participação popular quando se está em busca da construção de uma sociedade mais solidária. O que sustenta essa ação coletiva, para a autora, é a tentativa de solução de demandas comuns e uma maior conscientização dos indivíduos sobre o contexto no qual estão inseridos. Nesse sentido, o ciberespaço se mostra como ambiente propício para a troca de informações e gestão de movimentos sociais, ainda que as ações não se limitem a ele. Os movimentos sociais, normalmente, nascem fora do ambiente virtual e encontram no ciberespaço um local de confluência dos interesses da coletividade.

O ciberespaço se coloca como um ambiente com capacidade de revitalizar lutas e movimentos civis. Para Wellington Tavares e Ana Paula Paes de Paula (2015), embora anárquica, a internet se mostra bem mais democrática do que as mídias de massa, qualidade esta que se fortalece ainda mais quando se consideram a diminuição nos custos, o aumento da abrangência global e a rápida velocidade de circulação de informações nos últimos anos. Colaborando, dessa forma, com o crescimento da participação social em questões políticas em vários níveis: “Com apenas um clique, uma pessoa pode fortalecer um movimento, como por exemplo, assinando um abaixo assinado, o que nos remete a um novo conceito de ‘cliqueativismo’” (TAVARES e DE PAULA, 2015, p. 223)⁶.

⁶ TAVARES, Welington e PAULA, Ana Paula Paes. **Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais**. Revista Interdisciplinar de gestão social. Jan. /Mar. 2015 v.4n.1 p .213-234, Universidade Federal da Bahia: 2015.

2.2. Novas posturas intelectuais

Se é fato que os novos meios de produção e circulação dos bens culturais desestabilizam as relações tradicionais entre leitor e escritor, é interessante analisar, como fazem Sergio Ferreira e Felipe⁷, em artigo intitulado *Discursos e suportes literários informatizados atribuem a autor e leitor novos papéis?*, em que medida se modificam essas relações e como se dá o trabalho do autor nos novos suportes:

Contudo, longe de apenas afirmar que o hipertexto confere ao leitor um papel semelhante ao do autor – na medida em que lhe é permitido organizar trechos de leitura ao clicar em palavras-chave, escolhendo caminhos, sem levar em conta a proposta do autor ou sua intenção – é preciso considerar os diversos tipos de leitura, texto e autoria. Mas, as mudanças na presença do autor diante da informatização também não podem ser ignoradas. O processo de criação de hipertextos passa, quase que necessariamente, pela leitura de outros documentos hipertextuais disponíveis, os quais poderão ser associados ao hipertexto em elaboração. O autor, portanto, ao estruturar seu documento, lê, avalia e estabelece ligações com outros documentos que possam contribuir para o entendimento de seu ponto de vista ou servir como bibliografia do assunto abordado. (FELIPPE e SERGIO FERREIRA, 2010, p. 21)

No mesmo artigo, os autores demonstram que a desestabilização diante do “mosaico literário da contemporaneidade” não acontece somente com o autor, pois, ao leitor do hipertexto também se exige uma postura mais complexa e ativa: ao leitor curioso e incisivo se desdobram incontáveis descobertas, informações e sentimentos presentes na “pluralidade desafiadora” do hipertexto. No entanto,

(...) Há uma quebra, um fracionamento que representa riscos ao leitor iniciante, ainda não acostumado com os meandros da escrita labiríntica que o ciberespaço pode abrigar. Ao navegar pelos espaços de leitura aberto por inúmeras passagens as características que garantiriam a continuidade do fluxo semântico responsável pela coerência, tal como ocorre em uma leitura

⁷ FELIPPE, Maria Alice Sena e SERGIO FERREIRA, Rogério de Souza. **Discursos e suportes literários informatizados atribuem a autor e leitor novos papéis?** IPOTESI, Juiz de Fora, v. 14, n.1, 21-30, jan.-jun. 2010.

de um texto convencional, pode ser comprometida e levar o leitor não só a dispersão, mas ao abandono do texto em tela. (FELIPPE e SERGIO FERREIRA, 2010, p. 22)

Percebemos que os novos formatos de texto exigem uma postura mais complexa de leitores e de autores, mas não diluem esses papéis distintos, pois, embora haja uma maior participação e aproximação do leitor, como veremos nos capítulos seguintes, ambos cumprem suas funções diante do texto.

Para Ferreira, além do fazer literário, o intelectual deve ser responsável por fazer chegar ao público mensagens imparciais e claras, desvinculadas dos interesses das grandes corporações da mídia, pois,

Os interesses econômicos destes grandes grupos nem sempre harmonizam-se com a verdade que o intelectual necessita divulgar para sua audiência. Na Internet, o intelectual se veria livre destes contratemplos, pois não há (ainda) centros diretivos ou comandos decisórios. Basta o domínio técnico sobre as linguagens HTML (Hypertext Markup Language, usado para se criarem as páginas) e a HTTP (Hypertext Transfer Protocol, que permite o acesso dos usuários a elas) para a efetiva e livre interação com sua audiência. (SERGIO FERREIRA, 2010, p. 362)

Por conseguinte, o escritor, enquanto autor ou crítico, deve levar em consideração a “confiança depositada na Internet como instrumento que realça a vida comunitária” (SERGIO FERREIRA, 2010, p. 363), responsabilizando-se pelo conteúdo e informações que torna público. É importante lembrar que, se por um lado, ganhamos com a democratização, por outro, corremos o risco de deixarmos os leitores mais inocentes ou com menos experiências perdidos num labirinto literário ou informativo interminável.

2.3. Entre a emancipação cultural e a “idiotização” em massa

Embora a internet traga discursos democratizantes e grandes possibilidades de emancipação, existe também a questão da falta de confiabilidade das informações conseguidas com a ajuda da *web* e até mesmo a circulação ilegal de obras com direitos de autoria restritos.

O escritor Umberto Eco, em entrevista ao *Diário de Notícias*⁸, polemiza alguns pontos, como o alcance de opiniões individuais que possam causar danos à coletividade, ou os discursos de ódio, cada vez mais amplificados pela blindagem da rede:

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. (ECO, 2015, sem paginação)

No âmbito político, a internet possui igualmente um lado nefasto, que Eco define como “populismo midiático”, que “significa apelar diretamente à população por meio da mídia.” (ECO, 2015, sem paginação). A crítica de Umberto Eco está nas consequências dos usos nas mídias sociais, na banalização de temas políticos complexos e até mesmo na capacidade de interferência em disputas de poder.

Para Keen, algumas dessas críticas chegam a um tom apocalíptico, onde a internet é acusada de corromper as relações que fundamentam a cidadania:

Esse apagamento das linhas entre o público e autor, fato e ficção, invenção e realidade obscurece ainda mais a objetividade. O culto ao amador tornou cada vez mais difícil determinar a diferença entre leitor, escritor, artista e relações públicas, arte e publicidade, amador e especialista. O resultado? O declínio da qualidade e da confiabilidade da informação que recebemos, distorcendo assim, se não corrompendo por completo, nosso debate cívico nacional. (KEEN, 2009, p. 30)

⁸ Disponível em :<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escritor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.html>, acesso em janeiro de 2017.

O autor do trecho acima, Andrew Keen, foi um dos principais empreendedores do Vale do Silício, Califórnia, centro das novas tecnologias que circulam no mercado atualmente e local onde a internet foi transformada em principal meio de comunicação da contemporaneidade. Em 2009, Keen lançou o livro *O culto do amador: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Como sugerido pelo título, a tese defendida por Keen é de que a internet transformou “a cultura numa rede de banalidades e desinformação em que cada um pode falar o que quiser, sem preocupação com a relevância ou a veracidade das informações” (KEEN, 2009, sem paginação).

A previsão de futuro, após a *internet* de Andrew Keen, pode não ser tão dramática quanto alega, contudo, alguns pontos de suas considerações precisam ser pensados com sobriedade: a reprodução de cópias sem levar em consideração os direitos autorais e intelectuais, invasão de privacidade, crimes, produções e campanhas publicitárias em falsas produções independentes, divulgação de falsas informações sem a devida fiscalização, entre outras.

Assim, ainda segundo o autor, é unânime a afirmação de editores e jornalistas responsáveis de que a mídia tradicional trata devidamente os fatos, ao passo que no ciberespaço, qualquer dado indevido pode circular livremente:

Na mídia tradicional cada fato relatado é devidamente checado e averiguado, e se alguém cometer algum ato ilícito, seja um veículo ou um repórter, vai responder juridicamente por isto. Na blogosfera, não. Um boato, uma inverdade pode ser postada e multiplicada rapidamente, destruindo a carreira e a honra de qualquer cidadão. O autor, amador e desconhecido, todavia, continuará impune. (KEEN, 2009, p. 28)

O assunto, como se pode ver, é intrincado e estamos muito longe de um consenso entre os pesquisadores do tema. Contudo, é interessante analisar o fato de que, em meio à euforia provocada pelas inúmeras possibilidades da internet, como representante da “condição de redentora de todas as mazelas humanas”, e, seus usos para uma massificação inconsequente, estamos efetivamente testemunhando o aparecimento de vozes destoantes das mídias tradicionais.

Apesar de válidas, as críticas colocadas por Keen, em alguns trechos de *O culto do Amador*, chegam a soar ludistas⁹, assumindo a forma de uma revolta contra máquinas, no caso, as redes, que tiram o emprego e o lucro dos verdadeiros trabalhadores:

Mas talvez, as maiores vítimas da revolução da Web 2.0 sejam empresas reais com produtos, empregados e acionistas reais. (...) Roubando nossa atenção, os blogs e wikis estão dizimando as industriais editoriais, fonográfica e de apuração de notícias que criaram o conteúdo original que esses sites agregam. Nossa cultura está essencialmente canibalizando seus filhotes, destruindo as próprias fontes de conteúdo pelos quais eles anseiam. (KEEN, 2009, p. 30)

Muito além da economia, o que Keen problematiza é o referencial de autoridade intelectual e cultural, baseando sua argumentação numa crítica tradicional que sempre excluiu as camadas populares da produção e acesso de grande parte dos bens culturais. Essas dificuldades de acesso são falas recorrentes dentre os autores da literatura marginal, como vimos no capítulo anterior. Em janeiro de 2016, Ferréz relata em seu blog¹⁰:

Andar durante 1 hora até Santo Amaro e poder comprar somente um livro de 1 real.

Minha juventude se resumiu a muitos anos assim. Me deparei com grandes escritores Russos nesses sebos, que tinham livros velhos, com capas rasgadas, mas muitas vezes tão maravilhosos que faziam um menino do Capão Redondo entrar em outro mundo. (FERRÉZ, 2016, sem paginação)

Para Andrew Kenn,

⁹ O Movimento Ludita ocorreu na Inglaterra, no início do século XIX, reunindo alguns trabalhadores que protestavam contra o avanço tecnológico ocasionado pela Revolução Industrial. Seus participantes protestavam contra a substituição da mão-de-obra humana por máquinas. O nome do movimento deriva do nome de um suposto trabalhador, Ned Ludd, que teria quebrado as máquinas de seu patrão. Ainda que esse líder não tenha comprovação histórica, serviu de inspiração para vários operários atacarem indústrias e destruírem maquinários, acreditando que assim, deteriam as injustiças sociais causadas pela exploração da mão de obra operária pela burguesia industrial. Os luditas também eram conhecidos como “quebradores de máquinas” pela forma com que manifestavam seu descontentamento.

¹⁰ Disponível em <http://ferrez.blogspot.com.br/2016/01/russia-uma-juventude-inteira.html>, consultado em Outubro de 2016.

Hoje, numa web em que todo mundo tem a mesma voz, as palavras do sábio não contam mais que os balbucios de um tolo. (...) Talento como sempre, é um recurso limitado, a agulha no palheiro digital de hoje. Não encontramos indivíduos talentosos e preparados atrás de um computador, frustrados e metidos em pijamas, produzindo em quantidade de postagens de blog ou críticas anônimas de filmes. O cultivo do talento requer trabalho, capital, expertise, investimento. Requer a infra-estrutura complexa da mídia tradicional. (KEEN, 2009, p. 32 -33)

Mas, afinal de contas, em que lugar se decide o que é o “sábio”? No caso da crítica especializada, quem decide o que é literatura? Ou até que ponto, se pensarmos em termos de desigualdades sociais, o talento quando não acompanhado de condições financeiras para sua divulgação é suficiente? Quando pensamos na literatura marginal periférica, seria possível a expansão de alcance para grupos fora da periferia sem o uso das novas tecnologias da informação?

Mais que isso, o público alvo, originalmente pensado por esses autores marginais, teria acesso a essa produção literária se ela estivesse em uma livraria, ao invés de estar na rua e na internet? Sobre essa questão, Ferréz ressalta em entrevista a Soraya Sugayama, disponível no Anexo VI, ao site *Candido: Biblioteca Pública do Paraná*¹¹:

É simples, eu não tomo cafezinho com o dono da editora, não estou do lado dos donos nem dos assessores, não estou no mercado restrito do livro. Não exerço influência dessa forma, então minha luta é na rua, nas escolas, nas palestras que faço, e pra isso a identidade de literatura marginal, que vem das margens, que vem do povo, que tem o sapato com pó da rua. Não vivemos disso 100%, pois temos que trabalhar para comer, para vestir, e a literatura se mistura com essa militância. Então nas ruas somos tratados como um cantor de rap é tratado, pedem fotos, pedem autógrafos, porque eles veem essa luta nos bairros, nas quermesses, nos *shows*, a gente tá sempre encostando e mandando ali um texto. (FERRÉZ, 2016, sem paginação)

Esse debate, que surge ainda nos primeiros anos do século XX com as vanguardas modernistas e se intensifica cada vez mais na atualidade, é justamente em torno da cultura. Os estudos culturais hoje, como vimos no primeiro capítulo desse trabalho, questionam

¹¹ Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1023>, consultado em Outubro de 2016.

justamente essa oposição entre a dita alta cultura e cultura popular. Talvez, a diminuição da distância entre o “expertise” e o “amador” seja um dos maiores ganhos dos estudos culturais e não o início do apocalipse econômico e cultural.

Apesar da quantidade insana de informações disponíveis em todos os graus de complexidade nas infinitas páginas da internet, é inegável a ampliação do público leitor depois de seu advento. Milhares de pessoas de classes historicamente excluídas do acesso aos bens culturais têm, atualmente, graças a essas páginas um alcance ilimitado a obras literárias, musicais, pesquisas etc.

Se o *Culto do amador* levanta questões extremamente pertinentes a respeito dos usos das novas tecnologias, expõe um ponto de vista da ideologia tradicional, que, muitas vezes, se ampara em conceitos elitistas e excludentes de cultura. Ao falar de literatura, por exemplo, o autor afirma com bastante segurança: a internet e os meios populares de publicação são os lugares para onde os “desprovidos de talento” vão para começar sua “falsa aparência de publicação” (KEEN, 2009, p. 56).

Se ao invés de colocar a internet, enquanto ferramenta, como a causa de todos os males, focarmos nossa problematização nas relações e usos da internet, na maneira como somos educados dentro da cultura digital, talvez seja possível apontar que o verdadeiro “descontrole” dessas relações esteja justamente em uma população que não foi educada para sua utilização. Assim, entre os jovens de periferia, embora grande parte tenha acesso à internet, a maioria não tem consciência da amplitude da ferramenta que tem em mãos, ou das suas muitas utilizações. Para Sergio Ferreira,

É justamente este o espírito que o intelectual contemporâneo deve preservar : o pensamento crítico que desconfia, mas não relega as vantagens da técnica. Intelectuais luditas estariam na contramão da história, pois a Internet não é modismo, e sim fenômeno que está revolucionando profundamente nosso modo de receber e transmitir informações. O verdadeiro intelectual já descobriu que, pelas artérias labirínticas da Internet, ele pode resgatar e ampliar seu campo de atuação. O intelectual humaniza a cultura digital, valorizando as idéias que por lá circulam e denunciando as injustiças que seus semelhantes cometem a todo momento. (SERGIO FERREIRA, 2010, p. 362)

Ainda nesse sentido, notamos, não apenas no Brasil, durante a última década, a multiplicação de pesquisas voltadas para as potenciais transformações possibilitadas pela

internet e suas aplicações nos campos da comunicação, educação, artes, propaganda, divulgação e ampliação de debates públicos.

Estamos no início do caminho, visto que a internet é socialmente um fenômeno novo. A democratização ou alienação serão resultados de como esse público emergente vai utilizar a potencialidade dessa ferramenta. Pois, como vimos acima, a emancipação cultural e intelectual está intimamente ligada à educação para os novos meios de comunicação e sociabilidade: podemos utilizar a internet para seguir uma “celebridade” de reality show no *Twitter* ou para lermos toda a obra conhecida de Sórora Juana Inés de la Cruz, disponibilizada online e gratuitamente pela *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*¹².

Longe de encerrar o debate, que necessita de um trabalho à parte, podemos ressaltar que no tocante à literatura marginal periférica, a internet foi essencial para a circulação das obras literárias de seus autores, assim como para o desenvolvimento de seus projetos sociais e divulgação de saraus, revistas etc., ultrapassando o público originalmente imaginado por esses autores, superando o alcance de sua literatura e ganhando reconhecimento inclusive na crítica internacional¹³, como veremos no tópico seguinte.

2.4. Literatura Marginal na internet

Se o alargamento dos usos da internet e das mídias de comunicação de massa geraram claras modificações nas relações sociais e culturais, relativizando barreiras geográficas e temporais e facilitando o contato com obras artísticas e científicas, a internet produz, dessa forma, não apenas mudanças na sociedade, mas também nos comportamentos sociais, seja na

¹² Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/>.

¹³ Ver: FERNANDA, Isabela. **Literatura marginal brasileira rompendo barreiras a nível internacional**. In.: Literatortura.com, janeiro de 2016. Disponível em: <http://literatortura.com/2013/06/literatura-marginal-brasileira-rompendo-barreiras-a-nivel-internacional/>, e WELLE, Deutsche. **Literatura marginal brasileira ultrapassa a fronteira da periferia**. In.: Carta Capital, junho de 2013. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/cultura/literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias-5314.html>

cultura seja no discurso comunicativo. Sendo uma importante ferramenta para a aquisição do saber literário não apenas por que oferece uma gama de informações, artigos e resenhas literárias, mas por dar oportunidade de se discutir e, também, de se produzir literatura, promovendo a intensa inserção de grupos que anteriormente eram privados dessas experiências pelas condições econômicas.

Se não podemos afirmar que o livro, principal suporte de informação da humanidade durante séculos, está obsoleto, podemos ao menos alegar que ele agora divide espaço com outros suportes: o computador e o ciberespaço. Além disso, esses novos espaços diluem a rigidez das fronteiras que separavam o autor do leitor ao mesmo tempo em que ampliam as possibilidades de leitura. Abaixo, um trecho de Ferréz que encontramos na internet:

Um jovem com o carro cheio de drogas para vender na sua faculdade nota o homem correndo com duas bolas e dá ré no carro ao ver os policiais vindo em sua direção.

Um policial alcança o homem mal vestido e bate com o cabo do revólver em sua cabeça várias vezes; o homem tido como mendigo pelos passageiros de um ônibus em frente cai e as bolas rolam pelo asfalto. Um motorista que dirige na mesma linha há oito anos tenta ficar com o ônibus parado para ver os policiais darem chutes e socos em um homem malvestido que está caído na calçada, mas o trânsito está livre e ele avança passando por cima e estourando duas bolas promocionais. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

Confrontado com o conto acima, intitulado *O grande assalto* e disponibilizado no *blog* do escritor Ferréz¹⁴, o leitor tem várias possibilidades durante ou após a leitura. Se o leitor se interessar em saber quem é Ferréz ou em quais outros projetos ele atua, ou mesmo quiser encontrar outros textos do autor, basta recorrer a links no próprio *blog* ou se direcionar a sites de pesquisa que fornecem essa rede de informações no tempo de um clique: outros menus aparecem, outras fontes em forma de vídeos, textos e imagens. Se parte do assunto não interessar, o leitor pode retroceder ou seguir em outra direção, fornecendo uma nova malha de possibilidades. Após a leitura do texto, muitos leitores comentam suas impressões e experiências dentro do *blog*, levando-os a um diálogo com o autor, que indica novas leituras, agradece, se justifica e divulga eventos, criando novos *links*, novos textos.

¹⁴ Disponível em http://ferrez.blogspot.com.br/2004/10/o-grande-assalto-conto_22.html, consultado em maio de 2015.

Como afirma Luíz Antônio Marcuschi (2007), o hipertexto muda a noção de autor e de leitor, dando a impressão de uma autoria coletiva ou de uma co-autoria. A leitura se torna respectivamente uma escrita, já que o autor não controla mais os caminhos da informação:

O hipertexto consegue integrar notas, citações, bibliografias, referências, imagens, fotos e outros elementos encontrados na obra impressa de modo eficaz sem a sensação de que sejam notas, citações, ou seja, subverte os movimentos e redefine as funções dos constituintes textuais clássicos. Um aspecto positivo decorrente do hipertexto é a crescente interdisciplinaridade que se estabelece como demolidora de fronteiras entre as áreas do conhecimento. (MARCUSCHI, 2007, sem paginação)¹⁵

Além disso, a internet contribui para a formação de novas identidades, pois, as mídias virtuais estabelecem uma maior interação dos sujeitos com o tecido literário - que durante séculos esteve disponível apenas aos que possuíam recursos financeiros para participar dele, tanto no sentido do acesso aos bens culturais quanto na dificuldade de um autor que não pertencesse a uma classe média ou alta ter seu trabalho divulgado, promovendo uma profunda democratização da literatura. Talvez por isso, a rede virtual seja o principal suporte dos autores periféricos. Em entrevista ao site *Desvio Livre*, em 2014, Ferréz afirmou o caráter essencial da internet para o alcance de sua produção literária¹⁶:

A internet tem um papel fundamental, eu mesmo tenho um site só para colocar textos e contos para as pessoas terem acesso. Tem também o facebook que é um meio de comunicação importante. Acho que o escritor tem que ir onde o público está, viajar pra onde for preciso, mas tem que estar na rede. Acho importante estar na rede para disponibilizar a literatura lá primeiro. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

Ferréz, Sérgio Vaz e Marcelino Freire são exemplos de autores que se lançaram no campo literário com livros independentes: Sérgio Vaz com o patrocínio de uma indústria em Taboão da Serra, Ferréz com o apoio da empresa de Recursos Humanos onde trabalhava e Marcelino Freire com recursos próprios. Nas palavras de Nascimento, esses escritores

¹⁵ MARCUSCHI, Luiz Antonio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 1, Universidade Federal de Pernambuco: 2007. P.79-111

¹⁶ Disponível em: <http://desviolivre.blogspot.com.br/2014/07/ferrez-o-escritor-marginal.html>.

“bancaram seus projetos de vida e de desenvolvimento intelectual” (NASCIMENTO, 2005, p. 240) e, mesmo com patrocínio de empresas privadas, ficaram com responsabilidade de divulgar e vender seus livros em seus eventos culturais, palestras e feiras literárias. Nesse sentido, a internet foi uma grande aliada para a divulgação e ampliação da visibilidade desses autores. Através de *blogs* e perfis nas redes sociais, esses escritores também divulgam trabalhos uns dos outros e dos demais artistas ligados à periferia, desempenhando atividades culturais conjuntas e criando uma rede de sociabilidades:

Um dado que parece explicar essas parcerias é que as experiências e elaborações compartilhadas sobre marginalidade e periferia assim como a relação estabelecida entre suas produções literárias e uma determinada realidade social, desencadearam relações de amizade entre eles e uma atuação cultural comum. (NASCIMENTO, 2009, p. 241)

Dentre os sites atuantes nessa rede cultural, destacamos os blogs: <http://ferrez.blogspot.com.br>, do escritor Ferréz, <https://marcelinofreire.wordpress.com/marcelino-freire/>, de Marcelino Freire e <http://coleccionadordepedras1.blogspot.com.br/> e <http://coleccionadordepedras2.blogspot.com.br/>, de Vaz, além do perfil desses escritores no *Facebook* e demais redes sociais, que permite um contato direto com leitores e divulgação diária de trabalhos literários e eventos sociais, independente de recursos financeiros:

Mais um filho chegando nas livrarias, um super trabalho em equipe, que tenho o orgulho de compartilhar, com capa de Alexandre Maio, e todo o corre da Marisa Moura, minha agente, além da editora Planeta nas figuras de Márcia, Cassiano e Fábio, além de tantos que dão suporte para esse contador de histórias. A missão é só uma, embora trabalhosa, colocar esse livro na mão de cada menino e menina da periferia. Bora correr para ver o sonho ganhar forma. (FERRÉZ, sem paginação, 2015)

Nesse sentido, a internet se configura como um espaço de autonomia perante as editoras, mediando a relação entre os autores e seus espaços sociais, possibilitando além da divulgação e circulação das obras, a organização de eventos e a criação de um espaço público e acessível de debates e trocas de informação. Para Marcelino Freire, em entrevista ao projeto

*Produção Cultural do Brasil*¹⁷, essa autonomia desequilibra as relações de poder na medida em que promove o acesso à significação independente da mídia e da crítica institucionalizada:

Se tem uma coisa que eu acho ótima, que também modificou muito, é esta coisa de um jovem que abre um blog no Afeganistão: ele está falando de igual para igual com um jornalista que estudou na Sorbonne. Eu acho que, neste sentido, a internet é muito boa para esse intercâmbio, para essa fala por igual, tirar esse poder de quem achava que tinha exatamente o poder de esculhambar um espetáculo seu. As pessoas só iam a uma peça de teatro se o jornal tal falasse que era bom ou se te divulgassem nesse jornal. Hoje, numa rede na internet, você tem seguidores ali que acompanham teu blog que vão a teu espetáculo e que vão lotar o teu espetáculo, o sarau na Cooperifa, sem precisar aparecer na Rede Globo. (FREIRE, 2015, sem paginação)

Os autores marginais também se utilizam desses espaços para promoverem o incentivo à leitura em suas comunidades, principal objetivo de toda a movimentação cultural dos saraus, divulgando trabalhos de outros escritores e até mesmo compartilhando e trocando informações sobre obras literárias dentro e fora da cena marginal, como por exemplo, a iniciativa de Ferréz na criação do perfil *Ferréz Leitor*, no *Facebook*, divulgada em seu blog em 16/05/2015:

Salve, como muita gente monta página idiota todos os dias, então agente dá uma sacudida na balança, montei uma página só para dicas de leitura, chama: ferréz leitor. (no Facebook) Ai você pode conferir textos como esse que postei aqui abaixo. A missão é aumentar nosso exército de leitores, com tantas pesquisas tristes como essa de mais de 70% nem sequer pegou num livro ano passado, nós temos muito trabalho pela frente. (FERRÉZ, 2005, sem paginação)

Essas iniciativas em conjunto se tornam parte de uma rede cultural, interligando os trabalhos dos autores periféricos e possibilitando o aumento da circulação de suas obras e eventos literários. Dessa forma, a rede virtual é um suporte para a formação de redes sociais reais, um facilitador para a criação de eventos e laços entre os grupos de escritores/leitores no

¹⁷ Disponível em: <http://www.producaocultural.org.br/wp-content/themes/prod-cultural/integra/integra-marcelino-freire.html>.

seu intenso trabalho de promover a cultura da periferia e na periferia, como exemplifica Marcelino Freire na entrevista citada acima:

O fato da gente organizar festas literárias, feiras, saraus... Muitos saraus têm acontecido na periferia de São Paulo, eu vou a quase todos eles acompanhar a literatura modificando aquela comunidade. Você vai na Cooperifa, onde o Sérgio Vaz organiza saraus há 8 anos, toda quarta-feira, faça chuva ou faça sol, tenha jogo do Brasil, estão lá 400 pessoas para celebrar a poesia, toda a quarta-feira há 8 anos. Isto modifica geograficamente o lugar, a criança. Só a criança saber: “O que estão fazendo ali?”, “Eles estão lendo poesia”; “Quem é Castro Alves?”; “Ah, eles estão lendo Cecília Meirelles!”; “Ah, quem é o Ferréz?”, “Ah, Ferréz é aqui do Capão Redondo, é um escritor que já foi traduzido para vários países!”. Isso fica na consciência daquela criança. A literatura é para todo mundo e é divertida; a partir da leitura você conhece as comunidades ao seu redor, você conhece a sua família, você se reconhece. (FREIRE, 2014, sem paginação)

Outro ponto fundamental das mudanças sociais ocasionadas pela difusão da internet, como vimos acima, é a ampliação do acesso à informação como eixo central da participação cidadã na vida política, independentemente do controle direto da grande mídia e dos órgãos estatais. Nas palavras de Ferréz em seu *blog*: “eles mentem na tevê, a gente se liga na internet, eles falam de pesquisas, a gente ouve as vozes das ruas, eles mudam de opinião, a gente desliga o rádio e vai pra rua ouvir algo mais contundente” (FERRÉZ, 2013, sem paginação). A internet se torna, nessas condições, como assinala Castells, um caminho de independência para os movimentos sociais, permitindo que as multidões se integrem e não precisem mais de meios de comunicação unilaterais.

2.5. Movimentos sociais em rede:

Um dos recursos fundamentais do ciberespaço, principalmente para os indivíduos que estavam anteriormente à margem do consumo cultural e debates políticos, destacado por Ferréz, é a consciência da internet como importante instrumento de mudança nas relações de

poder da sociedade através da ampliação da informação e acesso a redes independentes da mídia para a conscientização e politização da população da periferia:

Se você entrasse num bar de periferia há alguns anos e perguntasse o que eles acham do Movimento Sem Terra ou das “invasões”, como são comumente chamadas, os fregueses do bar, em sua maioria, diriam que era uma pouca vergonha e alguns até desafiariam o movimento a entrar em suas casas, ironicamente um barraco de madeira de dois metros quadrados. De uns anos pra cá, quando se trata de qualquer movimento social, as conversas mudaram, o cidadão começou a prestar mais atenção no que anda rolando, com vários meios de comunicação agregados, como blogs, redes sociais etc. A notícia tem vários pontos de vista, todo mundo que tem um celular é um repórter, todo mundo que digita mensagens também pode escrever um texto com sua opinião. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

Para o sociólogo Manuel Castells (2013), as redes virtuais de informação foram as grandes responsáveis pela agitação política mundial da última década, visto que, por meio delas, as instituições do Estado e a mídia, foram publicamente questionadas,

Políticos viram-se expostos como corruptos e mentirosos. Governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desvaneceu-se. E a confiança e o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona. (CASTELLS, 2013, p. 6)

Entretanto, se por um lado há o afrouxamento das estruturas de aglutinação do Estado, por outro, a internet permite o encontro de indivíduos que, aos milhares, questionam e buscam soluções conjuntas para seus problemas políticos e econômicos. Através das redes sociais, esses indivíduos se encontram “na segurança do ciberespaço, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder” (CASTELLS, 2013, p. 10), para exercerem livremente sua cidadania.

Movimentos em rede, de grande porte, começaram no Sul da Tunísia e no norte da Islândia, em 2010, para depois se expandirem para outras localidades e sociedades. No mundo árabe, esses movimentos confrontaram ditaduras violentas e ocasionaram os diversos fins, de

lutas civis e massacres a vitórias e conquistas. As redes sociais também desempenharam um papel considerável nos recentes movimentos contra a ditadura nos países árabes: a propagação do movimento conhecido como Primavera Árabe, que começou na Tunísia, para todo o Norte da África e Oriente Médio não teria sido a mesma sem os recursos proporcionados pela internet.

Na Europa, como ressalta Castells, movimentos variados ganharam voz contra as medidas gerenciais da crise econômica: Grécia, Espanha, Portugal, Itália e Grã Bretanha assistiram mobilizações populares e sindicais saírem das redes sociais para as ruas das grandes cidades. Em Israel, o mesmo modelo de manifestações mobilizou o país e obteve êxito em muitas de suas reivindicações. Nos Estados Unidos, os protestos conhecidos como *Occupy Wall Street*, também espontâneos e conectados em rede, tornou-se o evento mais importante do ano de 2011¹⁸. Através das redes virtuais, esse movimento expandiu-se globalmente, sob a bandeira: “unidos pela mudança global”, provocando mobilizações em 82 países e lutando por uma democracia que se aliasse à justiça social:

Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões. (CASTELLS, 2013, p. 12)

Embora Castells reconheça a impossibilidade de avaliações sistemáticas desses movimentos, o autor parte da premissa de que a internet funcionaria nesses casos como uma ferramenta de “contra-poder” das forças coercivas do Estado, partindo do pressuposto de que a forma como as pessoas pensam é o que determina o sucesso ou o fracasso das instituições, pois um sistema político não consegue se manter somente por imposição. Dessa forma, a principal batalha pelo poder é pela significação na consciência das populações (CASTELLS, 2013, p. 14):

A autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade. E por isso que os governos tem medo da

¹⁸ Ver: CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro: 2013.

internet, e é por isso que as grandes empresas tem com ela uma relação de amor e ódio, e tentam obter lucros com ela, ao mesmo tempo que limitam seu potencial de liberdade. (CASTELLS, 2012, p. 15)

Assim, se os seres humanos forjam suas identidades interagindo com seu ambiente social, as redes baseadas nas tecnologias da informação se tornam a principal fonte de produção social de significados, afetando diretamente as relações de poder.

No contexto desses movimentos, será desenvolvida, a seguir, uma breve análise da onda de protestos ocorridos no Brasil a partir de junho de 2013, suas múltiplas demandas e ampla participação da população urbana. Ademais, buscaremos estabelecer a relação entre os protestos e a representatividade das periferias nos movimentos sociais em rede, assim como a produção literária dos autores marginais acerca do tema.

CAPÍTULO 3

DA REDE ÀS RUAS:

Autores da periferia nas jornadas de junho de 2013

Durante um momento luminoso, as multidões de solitários, que fazem da cidade moderna o que ela é, se reúnem, em uma nova forma de encontro, e se tornam povo. "As ruas pertencem ao povo"; assumem controle da matéria elementar da cidade e a tornam sua.

(Marshall Berman)¹

Rebeliões e protestos amparados pelas tecnologias de comunicação de massa eclodiram nos últimos anos em vários pontos do mundo. Como visto no capítulo anterior, esses movimentos em contextos distintos nascem de crises semelhantes: a desconfiança das instituições públicas e o desejo de participação ativa na vida política.

Segundo Manuel Castells, as manifestações que ocorreram por todo o país durante o mês de junho de 2013, se inserem nessas crises. Princiadas em seis de junho em uma pequena passeata em São Paulo, com aproximadamente duas mil pessoas contra o aumento das tarifas no transporte público, convocadas pelos jovens do *Movimento do Passe Livre* (MPL), essas manifestações atingiram uma visibilidade que, segundo alguns pesquisadores², só foi similar, no que concerne à sua amplitude, na campanha pelo impeachment de Collor em 1992 e na campanha pelas eleições diretas em 1985. Para o autor, os levantes populares no Brasil foram espontâneos, partindo da indignação contra o aumento de 20 centavos nas tarifas de transporte público em São Paulo, se difundindo nas ruas e redes sociais e se transformando em um “projeto de esperança de uma vida melhor”:

Mas também disseram: “Não são os centavos, são nossos direitos”. Porque, como todos os outros movimentos do mundo, ao lado de reivindicações concretas, que logo se ampliaram para educação, saúde, condições de vida, o fundamental foi – e é – a defesa da dignidade de cada um. Ou seja, o direito humano fundamental de ser respeitado como ser humano e como cidadão. (CASTELLS, 2013, p. 178)

Se pensarmos na impossibilidade de dissociação entre a literatura da sociedade em que ela é produzida, momentos de abalo na estrutura de poder, como as manifestações de 2013,

¹ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Companhia das Letras, São Paulo:1986.

²Ver: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - OSAL Observatorio Social de América Latina, Año XIV N° 34, Cidade do México: Novembro de 2013.

propiciam um cenário fértil para a produção literária. Como assinala Michel Foucault³, a literatura não “se fez por si própria” (FOUCAULT, 2008, p. 45), ela é produto de um contexto, cultural, histórico e econômico, ou seja, uma criação social. Dessa forma, uma obra, ainda que não seja engajada, é consequência dos sistemas de signos e da vivência em determinado contexto.

Se pensarmos na literatura como um dos elementos fundamentais para o processo de formação e representação da identidade de determinados grupos sociais, podemos considerar também, que ela não se dissocia da política, mesmo quando não pretende aborda-la diretamente.

No caso da literatura marginal, o próprio ato de produzir uma literatura com características estéticas da periferia já se configura, como vimos anteriormente, em uma atitude de resistência. Além disso, existe o claro intuito da crítica social em grande parte dos trabalhos produzidos por esses autores. Assim, para escritores que já se propõe a produzir uma literatura engajada, como Ferréz, Vaz e Freire, entre outros, momentos específicos, como as manifestações de 2013, se tornam emblemáticos para a criação artística, uma vez que representam uma tomada de consciência e engajamento coletivo. Saindo às ruas para protestar contra um sistema político que se tem revelado desigualitário, violento e excludente, esses escritores registraram sua participação nas passeatas de duas maneiras: usando do espaço aberto pelas redes sociais para se posicionarem enquanto indivíduos políticos e produzindo uma série de contos e poemas ligados ao tema das manifestações.

3.1. Breve mapeamento

Os antecedentes do MPL remontam ao ano de 2005, quando nas cidades de Salvador e Florianópolis ocorreram ondas de protestos contra o aumento do preço da passagem do transporte coletivo. Protestos isolados continuaram ocorrendo nos grandes centros urbanos

³ FOUCALT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

brasileiros, quase sempre envolvendo estudantes, principalmente em épocas em que as prefeituras anunciavam aumento nas tarifas. Dessas ações isoladas se organizou o Movimento Passe Livre, representado pela sigla MPL, como uma tentativa de organização nacional para as reivindicações⁴. Segundo Wagner de Melo Romão (2013) :

O MPL talvez seja o primeiro grande movimento social pós-Lula, pós-hegemonia do Partido dos Trabalhadores (PT), no campo da esquerda no país. O MPL não é filiado a nenhuma central de movimentos ou central sindical. Suas lideranças não têm raízes no movimento social que ajudou a combater a ditadura militar, que participou da Constituinte, que lutou no Fora Collor ou que resistiu às privatizações no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC). Embora tenha militantes ligados a partidos políticos de esquerda, sua forma de organização está muito mais próxima das tradições do anarquismo libertário, que pressupõe horizontalidade nas decisões e aversão a espaços de negociação com o Estado. (ROMÃO, 2013, p. 11-12)

Em 2013, ocorreram manifestações organizadas pelo MPL em muitas cidades que registraram aumentos nas passagens de ônibus no início do ano. Porto Alegre foi uma dessas cidades. Em março, milhares de manifestantes pressionaram o governo local pela redução das tarifas do transporte coletivo, apoiados por ações do Ministério Público⁵. Em Goiânia, durante todo o mês de maio, parte considerável da população exigiu a mesma redução: quatro ônibus foram destruídos, dois incendiados e dois depredados, 24 estudantes foram detidos por vandalismo e desobediência. A última manifestação ocorreu no dia 6 de junho, quando estudantes bloquearam as ruas do centro da capital paulista, queimando pneus, lançando bombas caseiras e quebrando os vidros de um carro da polícia. No dia 13 de junho, as tarifas voltaram a custar R\$ 2,70⁶.

Essa movimentação não foi exclusiva das grandes capitais. No mês de abril, por exemplo, durante a Conferência da Cidade de Piracicaba - SP, o MPL local, intitulado *Pula*

⁴ ROMÃO, Wagner de Melo. **As Manifestações de Junho e os desafios à participação Institucional**. In.: Boletim de Análise Político-Institucional / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – n.2 (2013) - Brasília :Ipea, 2013.

⁵ Portal G1, **Liminar suspende aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre**. Visitado em 23 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/liminar-suspende-aumento-da-passagem-de-onibus-em-porto-alegre.html>.

⁶ Portal Passa Palavra , **Goiania: Protesto contra aumento da passagem fecha a rua e abre caminhos**. Visitado em 23 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://passapalavra.info/2013/05/77238>.

Catraca, composto majoritariamente por estudantes do ensino médio, aproveitou a publicidade do evento, cobrando a redução no preço das passagens.

É importante lembrar também, que juntamente com o MPL, grupos políticos, ainda que não necessariamente partidários e outros com afinidades anarquistas, autonomistas, ou de esquerda como o PSOL, PSTU e PCB, estiveram nas ruas desde as primeiras manifestações em 2003, defendendo o passe livre estudantil e o fim dos monopólios das empresas responsáveis pelo transporte público em várias localidades⁷.

O ano de 2013, de certa forma, unificou os aumentos de tarifas sobre o transporte coletivo, pois, devido às campanhas eleitorais realizadas no ano anterior, várias prefeituras adiaram a medida para o início do ano seguinte. Dessa forma, as manifestações ocorridas em junho estavam enraizadas nas pequenas insurgências pontuais que ocorriam desde os primeiros meses do ano.

Na cidade de São Paulo, o aumento foi anunciado no segundo dia de junho. As manifestações, lideradas em um primeiro momento pelo MPL, começaram no dia 6 de junho, crescendo rapidamente em tamanho e repressão:

Proporcionalmente, cresceu também a violência policial na contenção dos manifestantes. Essa conjunção culminou, no dia 13 de junho, quinta-feira, com a demonstração iniciada em frente ao Teatro Municipal, no centro da cidade, onde a Polícia Militar (PM) atuou com violência desmedida ao longo da Rua da Consolação, Rua Augusta, Praça Roosevelt e Avenida Paulista. (ROMÃO, 2013, p. 12)

Entre os pesquisadores que se propõem a analisar esses acontecimentos, existe a tendência em dividi-los em dois momentos distintos⁸: o primeiro, com mobilizações na região metropolitana de São Paulo, entre os dias 6 e 13 de junho, com o objetivo específico da redução das tarifas do transporte público, e o segundo, com a reação midiática à violência

⁷ Ver: ANTUNES, Ricardo. **As rebeliões de Junho de 2013**. In.: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - OSAL Observatorio Social de América Latina, Ano XIV N° 34, Novembro de 2013.

⁸ Ver: SINGER, André. **Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas**. In.: Novos estudos CEBRAP no.97 São Paulo Nov. 2013, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000300003&script=sci_arttext&tlng=es#back6.

policial e o alastramento das manifestações por todo o Brasil juntamente com a pluralidade de reivindicações.

No primeiro momento havia uma pauta específica: a redução do preço das passagens do transporte coletivo. As manifestações seguiram o modelo do *Movimento Passe Livre*: convocação pelas redes sociais virtuais, caminhada e paralisação de vias públicas. Esse foi o roteiro seguido na primeira manifestação ao longo da Avenida Paulista e na segunda, na zona oeste de São Paulo. A adesão popular foi de aproximadamente duas e cinco mil pessoas respectivamente⁹. Na terceira convocação do MPL, ocorrida no dia 11, estima-se que se reuniram cinco mil pessoas, no entanto, havia maior contingente policial, além de uma maior cobertura midiática reportando cenas de vandalismo, por parte dos manifestantes, contra o patrimônio público. No dia seguinte, o governador do estado, Geraldo Alckmin, anunciou na imprensa maior controle e repressão sobre as manifestações de rua¹⁰. O dia 13 de junho marca a intensificação dos embates, quando um grupo de manifestantes¹¹ marchou pacificamente do centro da cidade até a Rua da Consolação, sendo impedidos pela Polícia Militar de seguir em direção à Avenida Paulista pela utilização indiscriminada de bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral e tiros de bala de borracha. Segundo Ricardo Antunes (2013), o uso desmedido de força por parte do estado atraiu a atenção de outros setores da sociedade, dando início à segunda etapa do movimento:

Depois deste dia, um forte sentimento de indignação tomou conta da cidade de São Paulo e a manifestação convocada pelo MPL para a segunda-feira, 17 de junho de 2013, reuniu aproximadamente 100 mil pessoas no Largo da Batata, região oeste da capital paulista, iniciando uma passeata que tomou conta da Avenida Brigadeiro Faria Lima, dirigindo-se, como nos cinco dias anteriores, tanto para a Marginal do rio Pinheiros quanto para a Avenida Paulista. Nesta ocasião, o movimento de massas já não mais podia ser reprimido pela PM e cumpriu com a promessa feita no início das jornadas de junho: “Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar”. (ANTUNES, 2013, p. 45)

⁹ Disponível em: <http://passapalavra.info/2013/05/77238>.

¹⁰ Ver: ANTUNES, Ricardo. **As Rebeliões de junho de 2013**. In.: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - OSAL Observatorio Social de América Latina Año XIV N° 34, Universidad Autónoma de México, Cidade do México : 2013.

¹¹ Existem grandes divergências quanto ao número de manifestantes presentes no dia 13 de junho, a Polícia Militar calculou 5 mil pessoas e o MPL, cerca de 20 mil.

A repressão desproporcional atraiu a atenção da mídia e do grande público, dando início à segunda etapa do movimento, quando setores variados da sociedade se juntam aos protestos dos dias 17, 18, 19 e 20 de junho, multiplicando o número de manifestantes e ampliando suas pautas. No dia 17, se juntaram somente em São Paulo, cerca de 75 mil pessoas de classes e ideologias diferentes: militantes de esquerda indignados com a violência policial, os *ex-Cansei!*¹², neointegralistas de extrema-direita, anarquistas, *black blocs*¹³, estudantes e grupos ligados a minorias sociais, como feministas e movimentos negros. Foi um momento de explosão de reivindicações, marcado pelo pluralismo e até conflitos de ideias dentro das próprias passeatas. Na mesma data, as manifestações se espalharam para um grande número de cidades. Em Brasília, houve a tentativa de ocupação do Congresso Nacional e do Palácio do Itamaraty.

Assuntos que estavam em discussão no período anterior às manifestações vieram à tona, como a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 37 (PEC 37), que diminuía a autonomia investigativa do Ministério Público, crítica à postura homofóbica do Pastor Marcos Feliciano, que estava à frente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, juntamente com a rejeição ao Decreto Legislativo 234, chamado de “Cura gay”. A frase “o gigante acordou”, fazendo referência ao gigante que dorme no Hino Nacional Brasileiro, ecoou nas manifestações e se multiplicou por cartazes e redes sociais. Segundo o cientista político André Singer (2013), o único tema unificador das demandas que se viram nas ruas foi a repulsa à Copa do Mundo e à presença da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) no país:

Também nesse caso havia uma pauta concreta, construída com mais intensidade nos últimos meses, sobretudo vinculada a ações de reforma urbana, contrária à política de remoção de grupos vulneráveis justificada pelas obras referentes ao urbanismo projetado para a Copa. As manifestações programadas para as cidades-sede da Copa das Confederações formaram a base organizada dos protestos, fundamentalmente opostos aos gastos excessivos na (re)construção dos estádios – agora chamados “arenas” – e

¹² Movimento criado pela elite paulistana no final da década passada com o intuito de denunciar a corrupção do Partido dos Trabalhadores.

¹³ A análise dos *black blocs*, sua ideologia política e atos de violência envolvendo alguns integrantes, entre outros pontos é um tema relevante para a compreensão das ações dos diversos grupos que participaram dos protestos, porém, por fugir ao escopo da presente pesquisa, o tema não será aprofundado ou tratado separadamente neste trabalho.

reuniram muito mais gente do que os mobilizados contra a remoção dos grupos vulneráveis. (SINGER, 2013, sem paginação)

É interessante notar que, em meio aos protestos registrados em junho, as diferenças de demandas entre os moradores da periferia de São Paulo e os demais manifestantes que saíram às ruas na capital paulista, deixaram evidente a falta de investimentos e infraestrutura básica nos bairros periféricos.

Com o início da *Copa das Confederações*, em 16 de junho, São Paulo perdeu o protagonismo dos protestos para as cidades onde haveria os jogos, como Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Fortaleza e Belo Horizonte. Ainda de acordo com Singer, no Rio, essas manifestações foram marcadas por sublevação popular, com mobilizações se estendendo na terça, dia 18, para a Baixada Fluminense. Na quarta-feira, 19 de junho, cerca de 10 mil estudantes e membros de movimentos sociais entraram em confronto com a polícia de Fortaleza durante a partida de futebol entre Brasil e México.

Nessa mesma quarta, a prefeitura do município e o governo do estado de São Paulo atendem à reivindicação inicial do MPL e suspendem o aumento da tarifa¹⁴. Na quinta, dia 20, as manifestações atingem seu auge, com protestos simultâneos em mais de cem cidades brasileiras, com um número estimado de 1,5 milhões de participantes, demonstrando que apenas a revogação do aumento em São Paulo, não era mais suficiente para conter as multidões nas ruas. Mesmo sendo parte de um movimento que tomou as ruas inicialmente contra o reajuste da tarifa do transporte público, os protestos cresceram e ampliaram seu espectro para as diversas insatisfações dos brasileiros.

Quatro dias depois, em resposta à insatisfação popular, a presidente Dilma Rousseff propunha a Constituinte exclusiva para a reforma política.

3.2. Participação e demandas das periferias urbanas

*Amar é
A maré
Amarildo*

¹⁴ Disponível em: politica.estadao.com.br/noticias/geral,haddad-e-alckmin-anunciam-reducao-de-tarifas-do-transporte-publico-em-sp,1044416, acessado em março de 2014.

Remoções forçadas, provocadas pelas obras de melhorias de infraestrutura para a Copa do Mundo, bem como os abusos cometidos por policiais militares em face da implantação das UPPs, entre outras demandas, marcaram os protestos que deram voz principalmente aos moradores da periferia em grandes cidades brasileiras no ano de 2013.

São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre outros grandes centros, estiveram no cerne dos noticiários que tinham como cenários um ambiente de guerra civil, há muito tempo não presenciado no Brasil. O aparelhamento repressivo das forças públicas lembrou o Brasil no final dos anos sessenta.

Movimentos localizados na zona periférica de São Paulo apresentaram também grande variedade de pautas, evidenciando as diversas necessidades da população naquele momento. Belo Horizonte também protestou por causa do preço exagerado das tarifas de ônibus urbanos, além das bandeiras levantadas por melhores serviços de saúde e educação públicas. A violência e a brutalidade presentes nas ações policiais também foram assuntos despontados pela população indignada, principalmente depois das notícias sobre disparos de balas de borracha e uso de gás lacrimogêneo contra os manifestantes em protestos pacíficos.

As periferias cariocas foram representadas pelos seus moradores nas manifestações populares desde seu início. Segundo a jornalista Thalita Tamara, do Complexo do Alemão e integrante do coletivo *OcupAlemão*, quando os protestos começaram, os moradores que participavam não referiam-se aos mesmos problemas apresentados, mas apenas observavam na tentativa de encontrar um ponto de contato entre as demandas apontadas nas manifestações e os problemas específicos das comunidades.

No momento em que essas manifestações não puderam mais ser escondidas, pois se aglutinaram no espaço urbano, viu-se a participação efetiva da juventude das comunidades periféricas exibindo suas demandas e seus questionamentos. Era a voz daqueles que são constantemente deixados de lado no processo de planejamento urbano, ocupando o espaço público para protestar contra remoções, mortes violentas e desaparecimentos dos jovens negros, contra os abusos dos militares e, no Rio de Janeiro, contra a Resolução Municipal

013¹⁵. O caso do desaparecimento de Amarildo Dias de Souza, um pedreiro negro, morador da Favela da Rocinha, tornou-se notório em meio às manifestações, como símbolo de desaparecimentos não esclarecidos pela polícia. A campanha *Onde está o Amarildo?* foi iniciada nas redes sociais, especialmente no *Facebook*, com o apoio de movimentos como as *Mães de Maio* e da *Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência*¹⁶. Depois de se alastrar na internet, o caso repercutiu em muitas manifestações, unindo diferentes setores que cobraram das autoridades a devida investigação e punição dos responsáveis.

A participação da juventude das comunidades periféricas nas manifestações foi uma disputa pela cidade e pelo discurso, ou seja, a reivindicação da legitimidade das demandas das camadas mais pobres da população e o desejo de que a periferia participe efetivamente do debate do planejamento urbano, da cidadania e dos direitos.

3.3. Filmagens amadoras e as denúncias contra a violência policial

Ao final de cada manifestação, as redes sociais eram inundadas por fotos, textos e vídeos. Pontos estratégicos e teóricos eram discutidos, ao mesmo tempo em que denúncias eram feitas. Nas manifestações do dia 17 de Junho, em São Paulo, por exemplo, vídeos amadores gravados pelos próprios manifestantes flagraram a violência policial desmedida, mostrando a visão de quem estava dentro das passeatas. Um dos vídeos divulgados, por exemplo, mostrava um policial danificando uma viatura da própria polícia, simulando um ato de vandalismo por parte dos manifestantes¹⁷. Constatou-se também, através de filmagens, o

¹⁵ Medida que impede a realização de eventos culturais sem autorização do comandante da UPP local.

¹⁶ Disponível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/2013/07/26/campanha-onde-esta-o-amarildo-contra-a-violencia-policial-nas-favelas/>, consultado em dezembro de 2014.

¹⁷ Segundo relatos da imprensa, os confrontos com a polícia naquele dia teriam sido iniciados pela própria corporação. Um vídeo divulgado naquela mesma noite mostra um policial danificando uma viatura da própria polícia. O colunista da Folha de S. Paulo [Elio Gaspari](#) disse que "seguramente a PM queria impedir que a passeata chegasse à avenida Paulista" e que os confrontos entre os manifestantes e os policiais "foi um cena típica de um conflito de canibais com os antropófagos". Ver: GASPARI, Elio. **A PM começou a batalha na Maria Antônia**, Portal O Globo (16/06/2013), consultado em dezembro de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/a-pm-comecou-batalha-na-maria-antonia-8684284>.

uso de bombas de gás lacrimogêneo com data de validade vencida¹⁸ e a participação de policiais *à paisana* atacando policiais fardados com bombas de fabricação caseira, incitando atos violentos contra a população, entre muitos outros que circularam entre os internautas.

Castells vê nos movimentos sociais alavancas para mudanças mais profundas nas sociedades. Segundo o autor, esses movimentos nascem da crise nas condições de vida, onde eventos cotidianos se acumulam, tornando certas situações inadmissíveis para a maioria da população, como no caso dos preços abusivos e das más condições do transporte público em São Paulo. Essas pequenas degradações na qualidade de vida, aliadas à desconfiança das instituições políticas e seus representantes, levam os indivíduos a se unirem em ações coletivas na esperança de participarem da tomada de decisão, defendendo suas reivindicações, mudando governantes e sistemas de governo.

Essa movimentação, no entanto, faz com que os representantes do Estado e da política vigente usem da intimidação e da violência na tentativa de manter a ordem e a estabilidade das relações de poder. Segundo Castells, essas rebeliões são muitas vezes desencadeadas por emoções resultantes de um ponto específico que estimula a ação e o desafio do poder, apesar da consciência da repressão. Nesse ponto, o alcance da internet é fundamental para que os indivíduos criem uma coletividade, pois,

Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passam a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história – numa manifestação de autoconsciência que sempre caracteriza os grandes movimentos sociais. (CASTELLS, 2013, p. 8)

Como vimos no capítulo anterior, Castells insere os acontecimentos de junho, no Brasil, numa onda de manifestações populares que se espalharam mundialmente nos últimos anos, ultrapassando as barreiras geográficas e difundindo suas reivindicações através da internet. Para o autor, a confiança que aglutina as sociedades e os governos se dissolve nas redes sociais como espaços autônomos, onde o controle governamental tem mais dificuldades de chegar. Cria-se, dessa forma, uma brecha inédita para sociedades que tiveram ao longo da história, canais de comunicação monopolizados pelos agentes do poder político e grandes

¹⁸ O vídeo pode ser visualizado no site: <http://mais.uol.com.br/view/c2660va0emks/policial-quebra-vidro-da-propria-viatura-em-sao-paulo-04024C99356CC4A94326?types=A&>, acessado em dezembro de 2014.

corporações financeiras, proporcionado um espaço público digital, onde indivíduos formam redes e compartilham suas experiências e indignações.

Dessa maneira, percebemos o papel estruturador das mídias sociais nas movimentações de junho e na subsequente organização de paralisações e greves que fluíram das passeatas. Podemos destacar dois pontos principais em que a internet foi decisiva: o primeiro foi a possibilidade de contrapor dados da mídia oficial, denunciando abusos e atos violentos principalmente por parte da Polícia Militar, o segundo foi o poder aglutinador das redes sociais para chamar a população às ruas e debater os sentidos das passeatas, desestabilizando as relações de poder e abrindo um espaço horizontal de debate e participação,

Por isso é tão relevante o uso das redes sociais. Além de servir como senha de modernidade em contraposição a um Estado antiquado, a internet seria a maneira de permitir a participação social que combateria as práticas políticas correntes. (SINGER, 2013, sem paginação)

Além dos pontos mencionados, a participação e a reflexão dos escritores da periferia sobre os acontecimentos de junho deram-se, sobretudo, na internet. Enquanto ocorriam as manifestações, esses grupos se posicionavam e se propunham a pensar mais profundamente nos significados abertos pelas movimentações nas ruas e suas consequências para a sociedade brasileira. Muitos artistas exprimiram sua sensibilidade aos eventos e até mesmo sua posição política nos mais variados campos. Destacaremos, no quarto capítulo, a participação ativa dos autores da periferia, especificamente Sérgio Vaz, Ferréz e Marcelino Freire, como atores sociais que se manifestaram através de obras literárias escritas durante os eventos estudados neste capítulo. Esses textos foram amplamente divulgados por seus perfis nas redes sociais e blogs pessoais.

3.4. “Quem grita somos nós”- Sérgio Vaz e a reivindicação da representatividade da periferia

Como dito anteriormente, na medida em que o movimento de junho se alargou, ampliou também o seu espectro com o ingresso de outros setores como a juventude estudantil, especialmente aquela que não tem experiência política; a classe média conservadora; movimentos sociais da periferia, como o Movimento Periferia Viva e dos Trabalhadores Sem Teto; protestos nas estradas; convocações de greves e paralisações em vários segmentos profissionais e presença massiva do novo proletariado, que vive seu cotidiano nas periferias dos grandes centros urbanos, dependendo dos transportes públicos. Segundo Antunes, “deu-se também a inclusão nefasta de setores claramente de extrema direita” (ANTUNES, 2013, p. 41). Estes, com o aval da grande mídia, passaram a criticar a participação dos partidos políticos, incitando uma série de agressões contra partidos e demais movimentos sociais de esquerda: “Quem portasse uma bandeira vermelha corria o risco de ser agredido por pequenos, minoritários, mas virulentos grupos profascistas, que estão enfiados na sociedade e que tentaram influenciar ou conduzir esses movimentos” (ANTUNES, 2013, p. 41).

Nesse momento, foi fundamental a participação organizada da periferia e de grupos ligados às minorias sociais, na tentativa de impedir que as manifestações abrissem espaço para um viés autoritário. O poeta e idealizador da *Cooperifa*, Sérgio Vaz, além de participar ativamente dos protestos, organizou juntamente com coletivos da periferia paulista a criação da *Frente Periférica Contra o Fascismo*¹⁹, que tinha por objetivo enfrentar as pautas conservadoras a partir da conscientização política dos manifestantes:

Ficamos preocupados porque vimos bandeiras históricas, como a da Unegro, um movimento negro histórico, sendo rasgadas. A gente viu coisas que a gente não quer ver mais, esse nacionalismo perigoso, esse fascismo. Sabemos que tudo o que vem do centro é ruim para a periferia. Aqui as balas não são de borracha. Uma parte do povo estava anestesiada, mas a outra nunca dormiu. (VAZ, 2013, sem numeração de página)

Dessa forma, com a organização da periferia e o retorno do MPL ao centro da organização dos protestos, a extrema direita foi perdendo espaço e as repressões à esquerda

¹⁹ VAZ, Sérgio. **Parte do Povo estava anestesiada**. Entrevista concedida à Rádio Brasil Atual no dia 04/07/2013, parcialmente transcrita no site Rede Brasil Atual, no dia 05/07/2013. Disponível em <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/07/parte-do-povo-estava-anestesiada-diz-poeta-sergio-vaz-sobre-manifestacoes-7950.html>, consultado em outubro de 2014.

diminuíram na última fase das passeatas. Assim, o descontentamento pluriclassista acabou canalizado nas propostas dos Cinco Pactos, especialmente após o anúncio do Plebiscito para a Reforma Política.

Além da participação ativa de Vaz nos movimentos de rua e da concessão de entrevistas que reafirmavam seu posicionamento e encontros para a criação de espaços públicos de debate sobre as passeatas, o poeta divulgou em seu blog, *Colecionador de Pedras*²⁰ e em perfis nas redes sociais como o *Facebook*, a produção literária inspirada pelas manifestações, afirmando sempre o caráter político de sua poética:

A poesia é o esconderijo
Do açúcar e da pólvora,
Um doce,
uma bomba,
Depende de quem devora.
(VAZ, 2013, sem numeração de página)

No poema *Quem grita somos nós* (disponível na íntegra no Anexo I), publicado em seu perfil no *Facebook*,²¹ em meio aos acontecimentos de junho, o autor reivindica novamente a autenticidade do caráter popular nos protestos:

Quem grita somos nós,
Os sem educação, os sem hospitais e sem segurança.
Somos nós, órfãos de pátria
Os filhos bastardos da nação.
(VAZ, 2013, sem numeração de página)

Vaz incorpora figuras marginalizadas subvertendo suas representações, ao invés de estigmas, o autor os afirma como sujeitos autônomos que ganham voz nas passeatas:

Somos nós, os pretos, os pobres,
Os brancos indignados e os índios
Cansados do cachimbo da paz.
(VAZ, 2013, sem numeração).

²⁰ coleccionadordepedras2.blogspot.com, consultado em dezembro de 2014.

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2?fref=ts>, consultado em dezembro de 2014.

O poema demonstra a postura crítica do autor frente às situações de opressão que os moradores da periferia enfrentam no cotidiano e são constantemente silenciadas.

Tenham medo sim,
Somos nós, os famintos,
Os que dormem na calçadas frias,
Os escravos dos ônibus negreiros,
Os assalariados esmagados no trem,
Os que na tua opinião,
Não deviam ter nascido
(VAZ, 2013, sem numeração).

No mesmo poema,

Dentro do castelo às custas da miséria humana
Alega não entender a fúria que nasce dos sem causas,
dos sem comidas e dos sem casas.
O capitão do mato dispara com seu chicote
A pólvora indigna dos tiranos
Que se escondem por trás da cortina do lacrimogêneo,
O chicote estrala, mas esse povo não se cala.
(VAZ, 2013, sem numeração de página)

Podemos identificar, nesse trecho do poema, referências à violência praticada de maneiras distintas. A primeira delas é a edificação de um “castelo” que se sustenta da desigualdade social, onde o progresso técnico e da informação, ao invés de gerar ganhos na qualidade de vida para as sociedades com um todo, são aproveitados por uma pequena parcela de grupos financeiros e políticos em seu benefício exclusivo. O geógrafo Milton Santos²² classifica esse cenário como uma perversidade sistêmica, ou seja, inerente à estrutura econômica e política. Segundo o autor, a aliança entre o Estado e grandes grupos econômicos que não levam em conta o desenvolvimento social é o principal ato de violência contra a sociedade, pois é a principal causa da fome, da falta de investimentos em comunidades carentes e do sucateamento de instituições públicas de saúde e educação. No caso de São Paulo e outros grandes centros urbanos, essa aliança é responsável também pelo sucateamento e altas nos preços do transporte público.

²² SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. Ed. Record, Rio de Janeiro: 2005.

Além da violência estrutural, existe a retomada das figuras do “capitão do mato” e do “chicote”, símbolos da dominação de uma elite branca durante o período escravista, reapropriados para denunciar a brutalidade da repressão policial contra a população. Brutalidade ratificada pelos dirigentes políticos. O poeta, que possui declarada ideologia de esquerda, embora não se identifique com nenhum partido político, parece concordar com a postura de crítica do MPL, quando afirma que a raiz de problemas como o sucateamento do transporte público e as tarifas abusivas estão diretamente ligadas à exploração capitalista, resultando um abismo de desigualdade social:

Teu medo faz sentido,
Em tua direção
Vai as mães dos filhos mortos
O pai dos filhos tortos
Te devolverem todos os crimes
Causados pelo descaso da sua consciência.
(VAZ, 2013, sem numeração de página)

A resposta do poema não é pacífica. Diante da violência praticada pelo Estado e seus agentes, os versos se tornam uma ameaça daqueles que compõem a camada subjugada da população.

3.5. “O monstro acordou” – A luta pela mudança social nos textos de Ferréz:

Ferréz usou de muitos espaços para expor seu apoio às manifestações: publicou em seu blog, revistas e redes sociais. No dia 16 de junho, de 2013, publicou uma chamada para as passeatas, no blog, intitulada: “O monstro acordou”²³. O escritor, que defendeu as iniciativas populares de esquerda como o MPL e o *Movimento dos Trabalhadores Sem Teto*, viu nas passeatas a oportunidade de defesa aos direitos do trabalhador da periferia e melhorias

²³ Disponível em: http://ferrez.blogspot.com.br/2013_06_01_archive.html, consultado em dezembro de 2014.

nas condições de vida, ressaltando a cada artigo publicado, a necessidade de um envolvimento consciente e organizado por parte das periferias, para que essas mudanças fossem possíveis:

Com a dimensão tomada pelas mobilizações nos últimos dias e iniciativas de criminalização por parte dos Governos (municipal, estadual e federal) entendemos que é necessário o envolvimento ativo nas mobilizações, tanto na defesa da imediata redução das tarifas do transporte, quanto por outras demandas urgentes dos trabalhadores da periferia. Por isso, durante esta semana organizaremos manifestações e bloqueios em várias partes da periferia de São Paulo. Em defesa dos direitos do povo trabalhador e contra a repressão e criminalização das lutas. Estaremos nas ruas exigindo: - Revogação imediata do aumento das tarifas de ônibus (municipal e intermunicipais) e metrô em São Paulo. - Medidas do Governo de controle sobre o valor dos aluguéis. - Contra a repressão às mobilizações pela redução da tarifa, de questionamento à Copa do Mundo e todas as lutas populares. AGORA A PERIFERIA DE SÃO PAULO VAI PARAR! (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

A zona periférica de São Paulo, representada por inúmeros bairros, tem buscado na falta de aparelhamentos oficiais, realizar eventos alternativos como saraus, oficinas de teatro, dança e literatura, como veremos no capítulo seguinte, na tentativa de sanar as deficiências ignoradas pelo poder público. Nesse espaço urbano, movimentos sociais bem organizados já haviam se estruturado antes das grandes manifestações, como por exemplo, a organização da Cooperativa da Periferia (*Cooperifa*) e o Movimento pela Dignidade da Zona Sul (*IdaSul*), como veremos adiante. Um caso emblemático de associação de moradores da periferia de São Paulo foi o caso do bairro Perus, cuja reivindicação era melhoria de políticas públicas em relação ao tratamento do lixo: o bairro foi pioneiro da cidade na luta pelo desenvolvimento sustentável, chegando a inviabilizar o funcionamento de um depósito de lixo nas imediações da comunidade.

Se antes as lutas eram protagonizadas por movimentos de base como as centrais sindicais ou centrais eclesiais, o que se viu nas manifestações populares foi a ausência de vínculos com essas entidades, sendo que os grupos culturais, ligados ao sentimento de pertencimento a periferia, indicavam suas próprias demandas. A periferia mostrou que sempre esteve articulada com os movimentos reivindicatórios, principalmente por educação, moradia e saúde. Moradores do Capão Redondo, também se movimentam pedindo entre outras coisas

o fim das remoções arbitrárias, controle no valor dos aluguéis e o fim das ações violentas da polícia militar.

O conto “*Fui pra rua*” (na íntegra no Anexo II) foi escrito para a Revista Fórum e postado em setembro no blog de Ferréz²⁴. O texto narra pequenos episódios aparentemente sem conexão, tendo como plano de fundo as manifestações. Na primeira parte do conto, um homem entra com uma bolsa de livros para realizar um projeto de leitura em uma escola pública e se depara não só com o sucateamento do ambiente físico, mas também com a imobilidade e a falta de empatia da comunidade escolar em relação aos alunos:

Na porta, alguém se apresenta, branco, alto, cabelo curto, não pega na mão.

– Estou vendo alguém para ficar com eles.

Uma mulher se aproxima, diz para o jovem branco que tem um substituto, ele insiste em outro, parece que ninguém quer a missão de ter de ficar com os alunos.

– Pra mim é tranquilo, eu dou conta, não precisa da presença de um professor, se vocês quiserem.

– Você não conhece os alunos, não tem noção do que eles são.

(FERRÉZ, 2013, sem paginação)

A relação conflituosa e o distanciamento entre alunos e professores ficam claros na fala da professora que acompanha o personagem:

– Mas o senhor não sabe, eu lido aqui com traficante, com ladrão de carro, com furto mesmo, e sei do que tô falando, falo pra eles que o livro tem chip, que a gente sabe onde tá cada um.

Ele ouve essa nojeira saindo da boca dela, um monte de lixo como o que tem na margem da represa do próprio Grajaú, o mesmo monte de lixo que ele vê nas esquinas quando foi pro Guacuri. Olha para o pátio e não vê ladrões, assassinos, menores, vê crianças querendo ter uma oportunidade de aprender. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

²⁴ FERRÉZ, **Fui pra rua**. Revista Fórum, 6 de Setembro de 2013. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/09/ferrez-fui-pra-rua/>.

No entanto, o mesmo personagem que se solidariza com os alunos, deixa a escola minutos depois, sem conseguir lidar com a realidade da instituição:

O pátio está imundo, ele anda com a mala de livros. Desde que decidiu fazer um projeto para estimular a leitura, nunca pensou que seria assim, que voltaria tão desgostoso de cada evento. Foi ao banheiro, procurou uma privada para urinar, mas só existiam buracos no chão, olhou para a mala com os livros, que sentido fazia tudo aquilo? Deixou a mala no banheiro e saiu da escola.

Na segunda parte do conto, uma senhora aguarda horas em um hospital público, juntamente com outra paciente que estava internada e uma moradora de rua que se lava no banheiro:

Dona Otacília está na fila há algumas horas, faz 10 minutos está esperando o banheiro desocupar, o lugar tem um cheiro horrível, mas lhe disseram que aquele era o hospital que ia resolver seu problema, por isso pegou três ônibus para chegar. Uma senhora que estava visivelmente em situação de rua saiu do banheiro, parece que tomou banho, Dona Otacília entrou e não conseguiu usar, saiu novamente.

– Aqui é assim mesmo, vêm os mendigos e usam o banheiro, esse hospital tá uma bagunça.

– Sei.

A senhora olhava para Dona Otacília, admirava seus cabelos arrumados, enquanto ela usava touca e estava suada, Otacília olhou e resolveu perguntar.

– A senhora está bem?

– Tô não, minha filha, cheguei a ficar numa maca, mas fui no banheiro e alguém pegou.

– Nossa, então a senhora está internada aqui? Por que está nas cadeiras de consulta?

– Não tem espaço lá dentro, o corredor precisa estar livre, senão eles fecham o hospital. Então, me mandaram achar outro lugar.

– E como a senhora se alimenta se está doente? Eles trazem aqui?

– Como não tô internada oficialmente, eu saio e compro algo, depois vão me pôr no soro. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

No entanto, ao mesmo tempo em que critica as instituições, Ferréz ressalta o descaso da população frente às situações de carência da sociedade e a falta de mobilização de alguns setores, como o da educação, para melhorar as condições de trabalho e a convivência entre alunos e professores:

O professor chega cedo, a sala dos professores está trancada. Ele pergunta à funcionária por quê, ela diz que chegaram livros para uma tal de biblioteca, e agora vai ficar trancada até quando arrumarem lugar para pôr aquele monte de papel.

Suas pernas doem, ele veio de outra escola, onde deu aula por quatro horas.

Olha para o colégio, mato em excesso em todo lugar, carteiras quebradas nos corredores, alunos passando e esbarrando nele, logo ele que tentou fazer ali um sarau, ao qual nenhum professor compareceu, que tentou fazer um mutirão de pintura e só dois alunos vieram.

Olhou para sua ficha de presença, pegou e jogou no lixo, saiu pela porta da frente da escola e não olhou para trás. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

No parágrafo seguinte, uma criança de periferia foge de casa por maus tratos e enquanto pensa onde passaria noite, acaba por se somar à passeata que acontece no centro da cidade:

Sua mãe lhe bateu pela última vez. A alguns metros daquele barraco, ele nunca mais ia voltar, caminhou até o chinelo ficar manchado de suor e lama.

Chegou no centro da cidade, sentou em frente ao Teatro Municipal, olhou para o céu pela primeira vez na vida e pediu a Deus para que arrumasse um lugar para pelo menos dormir.

Uma multidão começou a passar por ele. Era um tal de protesto, alguém gritou, ele entrou no meio. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

As personagens de Ferréz aparecem ora como vítimas, ora como cúmplices de uma realidade urbana excludente, pois ao mesmo tempo em que sofrem com o sucateamento de escolas e hospitais, contribuem para a imobilidade do poder público, perpetuando preconceitos ou se negando à participação ativa em projetos que visam melhorias sociais. No entanto, as manifestações aparecem como alternativa para o esvaziamento ideológico e criam um lugar onde se convergem as vozes indignadas de diferentes setores, pois, ao lado da criança fugitiva, que se vê no meio do protesto por não ter onde passar a noite, estão trabalhadores, donas de casa e estudantes levados por uma comoção coletiva:

Igor já estava cursando Sociologia na USP havia dois anos, não entendia por que as pessoas não acordavam, esses milhões para a Copa do

Mundo, essa roubalheira toda, seriam mais que motivos. Resolveu ligar para James, seu amigo anarco-punk, iriam tomar um trago logo depois das aulas. James veio com algumas folhas, explicou que estavam num movimento pela redução da tarifa da condução, Igor se juntou a ele de imediato, lembrou do que disse um palestrante.

Um dia, por um menino apanhando de um policial, uma senhora sem atendimento médico, isso pode gerar uma comoção, ou esse ou outro ato qualquer pode começar uma revolução. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

Desde o início das mobilizações contra o aumento já se mostrava presente um apartidarismo característico de setores autonomistas, que buscam evitar que os atos sejam apropriados pelos partidos e lidos externamente como partidários. É preciso salientar que o fato de as manifestações serem convocadas por redes sociais amplia a capacidade de reunião de setores não ligados organicamente aos partidos e movimentos tradicionais e faz com que movimentos de pequeno porte, como o MPL, consigam, por meio de sua legitimidade pública, reverberar amplamente o chamado para os atos. A legitimidade é lida pelos debates nas redes e pela adesão pública aos protestos, sinalizadas na convocação dos eventos pelo *Facebook*, por exemplo. Essa forma de organização informal foi fundamental para aglutinar uma população já desconfiada das instituições e figuras políticas, que nas palavras de Ferréz só interagem com a periferia em época de propaganda eleitoral:

O que todos querem? É só ler as placas: hospitais padrão Fifa. Mas fazer política no Brasil é ficar muitos anos sem conversar com o povo, descobrir as favelas só para pedir votos. O povo quer alguém que, ao descer as vielas, saiba andar nelas, quer ver o terno cheio de poeira, o colarinho aberto, o suor na pele não tão lisa, não tão branca, quer um deles com cara de nós. O povo não quer pedir mais nada, quer exigir, por isso foi para as ruas, que são deles, que são nossas, mas onde não mais levamos nossos filhos para brincar. (FERRÉZ, 2013, sem paginação).

Em postagem no blog, intitulada *Caixa de Pandora*, no dia 16 de junho, o escritor ressalta a revolta popular com os gastos provenientes da Copa do Mundo, paralelamente a decadência dos serviços públicos:

A bolha falsa do progresso estourou, a caixa de Pandora se abriu, e isso é visível quando você vê o tiozinho que é fanático por futebol dizendo

que esses gastos com estádio são “tiração” demais, pois sua cirurgia foi remarcada para o ano que vem, e os exames só valem mais três meses. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

Também expõe, no mesmo texto, a violência praticada contra os manifestantes que dependem desses serviços:

A resposta do governo é a de sempre – bala de borracha para o aluno que nunca teve material digno na escola, gás lacrimogêneo para o pai de família que não teve sequer inalação para o filho no posto de saúde, spray de pimenta para o camelô que luta o dia todo e viu que a marmita já estava azeda. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

Com o início da Copa das Confederações, como vimos anteriormente, a violência de alguns grupos de manifestantes aumentou proporcionalmente à repressão policial. No dia 17 de julho, após um pronunciamento de Dilma Rousseff, o escritor publicou em seu perfil do *Facebook*:

Vandalismo no Rio de Janeiro. A presidenta disse que é "inadmissível" o que anda acontecendo no rio. Como escritor, essa palavra é muito interessante para mim.

Veja, você anda pelos bairros mais chiques do Rio e mal consegue passar se uma bateria de pessoas pedintes e vasculhando lixo, a cidade inteira é um caos social, as praias são cheias de seguranças particulares por causa dos arrastões, a pobreza é extrema e tem a cor definida pela exclusão, quando tem uma doença da época, em todo país é controlada, no Rio vira epidemia. Os moradores de favelas são explorados por todos os lados, especulação imobiliária, milícias, traficantes, e até o BOP vive deles, senão nem existiram. Os hospitais, puxa nem esse nome merecem, e ela oferece ajuda pro Cabral? ah! isso sim é inadmissível. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

É interessante notar o destaque dado por Ferréz ao conceito de violência estrutural. Voltando à postagem *Caixa de Pandora*, percebe-se que, ao invés da palavra de ordem “O gigante acordou”, amplamente utilizada nas passeatas, o autor emprega a sentença “o monstro acordou”, tornando o texto mais agressivo:

A bolha falsa do progresso estourou, a caixa de pandora se abriu e agora ninguém fecha mais, somos mais de 100 mil confirmados em Brasília, mais de 10 países já estão conosco no movimento que vai mostrar que esse país não é feito de bunda moles, que uma hora o ódio invade e toma tudo, principalmente quando você olha e não vê futuro. O monstro acordou, ninguém pode mais dormir, tudo tem um limite e o nosso já chegou. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

A brutalidade das manifestações é vista como resultado de uma política agressiva de exclusão: o “monstro” desperta das condições de privação e une a sociedade que busca transformações motivada pelo sentimento de ódio, num tom aberto de ameaça.

3.6. A ‘Jornada Mundial da Juventude’, por Marcelino Freire

Por ocasião das primeiras manifestações em São Paulo, Freire estava na Argentina, lançando do romance *Nossos Ossos* e participando de um circuito de palestras e mesas sobre a literatura marginal. Em seu blog, *Ossos do ofídio*²⁵, o autor lamentou não estar no Brasil quando as manifestações começaram, no entanto, defendeu seu fazer literário como uma forma de protesto que estaria em consonância com as passeatas, transcendendo a distância geográfica:

Ave nossa! Aí mais uma vez a literatura me consola. Vem me mostrar que também estou do lado de cá fazendo a minha passeata. [...] Ave nossa! Mesmo entendendo, de alguma forma, esses sinais que me chegam dos amigos, esses impulsos antigos, esses gritos que me movem, eu quero voltar para casa, rápido. Fazer algo de mais concreto. Não quero, neste momento, estar longe de meu país. Mesmo que a literatura insista em dizer que eu nunca estive, assim, tão perto. (FREIRE, 2013, sem paginação)

²⁵ Disponível em: <https://marcelinofreire.wordpress.com/marcelino-freire/>, consultado em outubro de 2014.

Publicou também, no dia 14/06, enquanto as primeiras manifestações se espalhavam por São Paulo, o texto *Só 20 centavos*:

20 centavos custou a Arena Pernambuco. 20 centavos a Arena da Amazônia. O novo estádio Mané Garrincha, em Brasília. 20 centavos o Castelão, em Fortaleza. Foi este o preço do novo Maracanã. 20 centavos também a Arena das Dunas, em Natal. O Itaquerão em São Paulo. Em Curitiba, 20 centavos foram gastos na Arena da Baixada. A Arena Fonte Nova, em Salvador, saiu por este mesmo valor. A Copa das Confederações ao governo custou: 20 centavos. É este o milionário salário do Neymar no Barcelona. Sei que ele não tem nada a ver com o rombo nos cofres públicos: 20 centavos nos últimos anos. Todo o orçamento da Copa do Mundo 2014: 20 centavos. Quanto vão custar as Olimpíadas: não mais que 20 centavos. Tudo neste país. As terras dos índios. Os juros. Os salários. O preço da passagem de ônibus: 20 centavos. Uma passeata. Uma rebelião. Uma luta armada. Só. 20 centavos. Por uma causa. E aí, meu irmão? Quem é que paga? (FREIRE, 2013, sem paginação)

A consistência e a acidez do discurso narrativo de Freire se impõem como características fundamentais. O tema da sobrevivência das camadas populares, partindo sempre do trabalho, dá aos narradores e personagens de Marcelino Freire uma feição de autenticidade, pois as condições de exclusão social não acarretam na desmoralização dos protagonistas, ao contrário, como no texto acima, os personagens reagem à exploração e aos abusos sofridos sempre como seres livres e dignos.

Nesse texto, Freire faz um apanhado das principais demandas que apareceram nas manifestações de rua e nas redes sociais, desde a precária infraestrutura dos grandes centros urbanos, falta de segurança pública e destruição do meio ambiente aos despejos forçados de populações indígenas e de comunidades periféricas.

As passeatas também jogaram luz sobre o paradoxo enfrentado pelas minorias GLBT's no Brasil: a omissão de direitos civis, como o casamento e a criminalização da homofobia, negados por uma bancada política de orientação religiosa. O tema veio à tona, na segunda etapa das manifestações, juntamente com a rejeição dos manifestantes ao projeto da 'cura gay'. No dia 23 de julho, o autor postou o poema *Fé*, tendo como plano de fundo o cenário das manifestações:

Tem um jovem beijando outro
na Jornada Mundial da Juventude.

Tem um jovem abraçando outro
na Jornada Mundial da Juventude.

Tem um jovem dando mão ao outro
na Jornada Mundial da Juventude.

Tem um jovem rezando pelo outro
na Jornada Mundial da Juventude.

Enquanto um velho abençoa a todos.
Menos a esses dois jovens, esses não.

Eles não precisam de bênção.
Eles já têm Jesus no coração.

(FREIRE, 2013, sem paginação)

É interessante notar a associação entre a juventude e as manifestações, como uma expectativa de renovação do cenário político e social não apenas nas cidades brasileiras, mas acompanhando a onda de revoltas e revoluções que vêm ocorrendo por todo o mundo pelas mãos de uma nova geração. Segundo Singer, essa expectativa se confirma em algumas pesquisas²⁶ realizadas durante o período das manifestações, que permite pensar no perfil geral dos manifestantes como um quadro de jovens com a escolaridade mais do alta que a renda indicaria.

Além de grupos socialmente heterogêneos, as propostas se tornaram, a partir da segunda etapa das manifestações, multifacetadas: “desde o ecossocialismo até impulsos fascistas, passando por diversas gradações de reformismo e liberalismo” (SINGER, 2013, sem paginação).

²⁶ Os dados analisados na pesquisa foram: duas pesquisas realizadas pelo Datafolha em São Paulo, nas manifestações dos dias 17 de junho (766 entrevistas, com margem de erro de quatro pontos percentuais para mais e para menos) e 20 de junho (551 entrevistas, com margem de erro de quatro pontos percentuais para mais ou para menos). A primeira foi consultada em www.datafolha.com.br em 22/10/2014; a segunda foi consultada na *Folha de S.Paulo*, 22/10/14, p. C6; pesquisa realizada na manifestação do Rio de Janeiro no dia 20 de junho pela Plus Marketing, com 498 entrevistas entre 16h e 20h30 e seleção aleatória por intervalo de tempo com manifestantes acima de 15 anos. A margem de erro foi de 4,2 pontos percentuais; pesquisa nacional realizada pelo Ibope nas manifestações do dia 20 com 2002 entrevistas em oito cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Fortaleza, Salvador e Brasília. As entrevistas foram feitas com manifestantes acima de 14 anos e a margem de erro foi dois pontos percentuais para mais e para menos. Consultada em g1.globo.com em 22/09/2013; pesquisa feita em Belo Horizonte na manifestação do dia 22, pelo Instituto Innovare, com 409 entrevistas de cinco minutos e margem de erro de cinco pontos percentuais para mais ou para menos. Consultada em www.innovarepesquisa.com.br em 22/10/2010.

No dia 11/07, Freire divulgou *o Poeminha para a Avenida Paulista*, no qual a rua protagoniza a tomada do espaço público pelos diferentes setores sociais:

a Avenida Paulista
não está cansada
dos estudantes

dos professores
não está cansada

dos metalúrgicos
dos gays
das lésbicas
dos simpatizantes

a Avenida Paulista
não está cansada
dos médicos

dos aposentados
dos servidores públicos

não está cansada
de nenhum dos trabalhadores

é bom que se diga
nem dos desempregados
dos atores
dos artistas

a Avenida Paulista
está cansada de ser
a Avenida Paulista

ela quer ser
uma rua sem saída

só isso e
mais nada

um beco sujo
e escondido

onde o povo unido
segue para mijar
depois das passeatas

(FREIRE, 2013, sem paginação)

Com polarizações bem visíveis, o viés das organizações sociais de esquerda foi contestado pelas vertentes de direita. Para o MPL, a luta não era apenas pelo valor das tarifas de transporte, mas contra um sistema que se rege pela lógica do capital. No entanto, ao optar por uma estratégia de manifestações sem uma liderança ideológica clara, o MPL abriu espaço

para visões ideológicas diversas daquelas pretendidas num primeiro momento. Tendências políticas de centro e direita aproveitaram o espaço aberto e acabaram por expressar também suas insatisfações com a situação do país.

Portanto, enquanto a esquerda atuou com a denúncia das condições de vida e transporte indecentes nos grandes centros urbanos, a direita trouxe à tona o problema da corrupção, produzindo uma intercessão ideológica que mesclou classes e falas, como observado anteriormente. Essa situação criou um posicionamento, chamado por Singer de “atuação de centro”, com a vantagem de assumir múltiplas bandeiras, protestando simultaneamente contra a mercadorização das condições vida e contra a corrupção, generalizando o programa das ruas. Assim, a reivindicação por meios de transporte dignos, por hospitais e escolas “padrão Fifa” não se configurou em uma luta contra o capitalismo como seria a proposta da esquerda, nem a perseguição a corruptos exclusivamente do Partido dos Trabalhadores como propuseram alguns grupos de direita. Singer identifica nessa conjunção de propostas, uma posição capaz de unificar bandeiras divergentes:

O centro dispõe da possibilidade de encampar as duas bandeiras sempre que apareçam como o reflexo de uma sociedade moderna em confronto com um Estado envelhecido. Ao enfocá-las desse modo retira o potencial de confronto *dentro* da sociedade que as palavras de ordem podem ter. O centro que apareceu nas manifestações acredita em um tecido social unificado e participativo contra um aparelho estatal opressivo, do qual quer remover velhos hábitos, simultaneamente atrasados e corruptos. (SINGER, 2013, sem paginação)

Relacionando a teoria Singer com o poema, notamos o caráter central da Avenida Paulista, um dos logradouros mais respeitáveis da capital paulista, localizada no limite entre as zonas Centro-Sul, Central e Oeste. Estima-se que diariamente milhares de pessoas oriundas de todas as classes sociais e regiões do Brasil transitem pela avenida²⁷. Assim, é notória sua posição de centralidade frente à complexidade estrutural e à ambiguidade formativa da sociedade brasileira. No poema de Freire, a avenida usa de sua centralidade para apoiar e dar suporte às manifestações, como um lugar de ajuntamento de causas, onde a população se une, com suas diferentes demandas, exercendo sua cidadania.

²⁷ Ver: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2501200909.htm>, consultado em outubro de 2014.

CAPÍTULO 4

Literatura marginal nas redes virtuais

O resultado das eleições de 2014 e o ano político de 2015 parecem indicar que os protestos nas ruas em 2013 foram profundamente sentidos pelos altos cargos políticos brasileiros. As manifestações foram uma brecha momentânea aberta por força popular dentro de um sólido sistema político que se apoia na burocracia e na mídia para se manter pouco acessível à participação popular. A desordem instaurada em junho de 2013, deu um vislumbre do que seria um levante popular. No entanto, como visto anteriormente, sem uma liderança organizada e sem pautas fixas, esse movimento se dissolveu sob uma vaga promessa de reforma política e pactos populares.

As pautas progressistas levantadas durante as manifestações, como criminalização da homofobia, revisão do Estatuto do Nascituro, entre outros, saíram de cena, dando lugar à eleição de um Congresso de orientação conservadora, em 2014. Em contrapartida, a atuação dos movimentos sociais da periferia se intensificou, tornando a educação e politização das camadas mais pobres da população temas recorrentes nas falas de Ferréz, Vaz e Freire, assim como a garantia de direitos fundamentais para mulheres, homossexuais e negros.

Exemplos dessa postura crítica são vastos na obra desses autores e se confundem com sua produção literária, que em muitos casos representam essas bandeiras, como veremos adiante.

4.1. Marcelino Freire, poesia e minicontos do *Facebook* aos *Ossos do Ofídio*:

Pense, leitora, amigo leitor. Na alegria de um menino de 16 anos. No colorido que há no olhar. Olhe. Lembre-se de quando você era assim. Serelepe. Cheio e cheia de vigor. Quando acreditava no mundo. Ia fundo aonde fosse. Perceba de lado. No seu vizinho, no seu irmão. Nos moleques no shopping. No rolezinho pelas praças. Nas várzeas. Cada um, a seu modo. Inocente. Chutando o país para frente. Ao sol, ao gol. (FREIRE, 2014, sem paginação)

Assim começa o conto *Tempo de Caça*, postado no *blog Ossos do Ofídio* em janeiro de 2014¹. Apesar do verbo no imperativo, existe uma aproximação afetiva com o leitor através do termo “amigo” e da exortação a uma memória de frescor juvenil. No parágrafo seguinte, Marcelino Freire prossegue equiparando a juventude do leitor à dos filhos e outros adolescentes como um triunfo, um “sol raiando”, uma promessa de revolução:

Pense, hoje. Na idade que o seu filho adolescente porventura tenha. Nas espinhas da revolução. Em cada recente manifestação. Que tomou conta do Brasil. Nas caras pintadas. No sol raiando. Triunfante. Nos arco-íris de gente. Pequena. Miúda. Colegial. Garotos e garotas que fizeram todo mundo cair na real. Pense. (FREIRE, 2014, sem paginação)

O imperativo se repete: “pense”. O tom amigável assume ares de advertência: “Agora pense em Kaique Augusto Batista dos Santos” (FREIRE, 2014, sem paginação). O autor conduz a uma quebra de pensamento e o cenário da narrativa muda de forma brutal, mesclando traços jornalísticos de descrição com o apelo emocional feito ao leitor:

Seu corpo morto foi encontrado embaixo de um viaduto de São Paulo. Na madrugada de sábado passado. Ele tinha apenas 16 anos. Pense no que é encontrar seu filho. Largado, desfigurado. Os dentes quebrados. Sem sorriso. Pense na falta que a alegria nos faz. Que essa alegria nos fará. Reflita sobre isto. (FREIRE, 2014, sem paginação)

O caso foi registrado no dia 11 de janeiro de 2014, no centro de São Paulo e passou pela mídia sem ser totalmente esclarecido. O adolescente de 17 anos foi visto pela última vez saindo de uma festa destinada ao público gay². Encerrado como suicídio, o garoto estava sem os dentes e tinha marcas de espancamento. A família, que no primeiro momento cobrou

¹ Disponível em: <https://marcelinofreire.wordpress.com/2014/01/>, consultado em janeiro de 2015.

² SENRA, Felipe de Souza Ricardo. **Adolescente gay é achado desfigurado após se perder em festa em SP**, Folha de São Paulo, 16/01/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1398366-adolescente-gay-e-achado-desfigurado-apos-se-perder-em-festa-em-sp.shtml>, consultado em janeiro de 2015.

esclarecimento das autoridades, rapidamente concordou com a versão do suicídio e não se pronunciou mais³.

O autor, que nomeou as jornadas de Junho de 2013 como Jornada Mundial da Juventude, repete a fórmula na segunda parte do texto, todos os ganhos e lutas da juventude, a vida como um céu de expectativas em um contraste cru, quase visual, com a morte de Kaique:

Divirta-se. Puxe pela lembrança, agora, amigo leitor, leitora. Traga de volta, à tona, as suas primeiras aventuras amorosas. Recorda-se? O segredo do amor, as chaves. Aquele rebuliço nos hormônios do peito. O desejo. As descobertas dos sentidos. Averigue, no presente, no passado. O quanto é divertido viver. Promissor crescer. As viagens que você pensava em fazer. Os filhos que você poria no mundo. O dinheiro do próprio suor. Seu primeiro emprego. Pense. (...) Não pare. A vida é esse movimento. É feita desta asa que nos move. Foi o céu mais lindo o céu daquele nosso tempo. Lembre-se. Da paisagem que você deixou perdida. Na memória.

Pare, agora, por favor. E pense de novo em Kaique Augusto Batista dos Santos.

Morto, com marcas profundas pelo corpo. Franzino. Completamente diferente da imagem saudável de menino. E tão rica de destino. (FREIRE, 2014, sem paginação)

Marcelino Freire, que manipula o leitor entre o agrado ensolarado da juventude à exposição da violência física, conclui o conto em tom de manifesto, reafirmando o traço social de sua literatura. Ao contrário do silenciamento da mídia, o autor propõe o grito. Sendo a luta uma face intrínseca à juventude, a literatura transfigura a morte em um renascimento simbólico da juventude no escritor:

Eu, de minha parte, desde que soube da morte dele, é só o que eu tenho feito: pensado nele. Toda vez em que morre um gay é esse silêncio. De pesar e sofrimento. O que me acontece. Esse tédio. Esse medo. Essa angústia. Esse dismantelo. Eu grito por justiça quando penso. Quando escrevo. Chamo à responsabilidade as autoridades. Urgentemente. Volto a me encher de garras. Minha juventude sempre renasce em meus textos. (FREIRE, 2014, sem paginação)

³ BRAGA, Juliana. Coordenador de política LGBT diz ser prematuro admitir suicídio de Kaique. Portal G1, em 21/01/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/coordenador-de-politica-lgbt-diz-ser-prematuro-admitir-suicidio-de-kaique.html>, consultado em janeiro de 2015.

A opção por narrativas que representam as vozes de minorias sociais não é exclusiva de *Tempo de Caça*, como vimos anteriormente, em que existe a constante emancipação de personagens marginalizados. Marcelino Freire não parece apenas apresentar/representar essas personagens, e sim, transcrever vozes subalternas em testemunhos. Para isso, a oralidade é uma técnica enunciativa fundamental para essa aproximação, pois, marca o empréstimo da voz ao personagem.

Na obra de Marcelino Freire, a firmeza do posicionamento não denota somente um engajamento político ou a reafirmação da luta das populações marginalizadas. Embora estes sejam aspectos relevantes, sua narrativa ressalta, sobretudo, o discurso crítico e pungente dos narradores e personagens acerca da própria situação. De acordo com Maria de Lourdes Ortiz Gandini de Baldan (2011)⁴, o autor mistura as vozes narrativas, numa adesão ao discurso do outro:

Ainda que um ou outro conto apresente o narrador em 3ª pessoa, a maioria deles exibe a voz narrativa em primeira pessoa, chamando o narratário para ouvir a sua voz, respondendo a um molde cultural de desafio, de peleja com a voz oficial que aparece no silêncio da pergunta, na proposta enviesada do desafio, no inusitado do avesso do avesso do avesso. (BALDAN, 2011, p. 79).

A escrita dialogada de Freire se constrói a partir do comprometimento com a representação da vida social, com personagens medidos através do homem comum. A oralidade que ressoa desse homem comum é uma voz desconfortável, pois garante o deslocamento do leitor ao personagem, a quem recebemos com empatia antes de sermos jogados em sua dor.

Na poesia de Marcelino Freire encontramos muitas vezes essa oralidade, marcada pelo caráter regionalista de sua fala carregada de memórias. Em *Poeminha para o Recife*, postado no blog em 11/02/2014⁵, sentimos essa melancolia no eu lírico desterrado:

⁴ BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini de. **A escrita dramática da marginalidade em Marcelino Freire**, Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 71-80, jul./dez. 2011.

⁵ Disponível em: <https://marcelinofreire.wordpress.com/2014/02/>, consultado em fevereiro de 2015.

as voltas que o mundo dá
para todos os caminhos
estou voltando para lá

quando fecho bem os olhos
ou quando acabo de acordar
já fui embora para lá

lá sempre foi o meu destino
desde eu menino eu sinto
aqui nunca foi o meu lugar

(FREIRE, 2014, sem paginação)

Assim, a oralidade é também um vínculo com a regionalidade, pois, a mimetização da fala regional cria uma referência à determinada localidade. Em alguns poemas de Freire, esses sotaques se somam a memórias, como no caso do poema *Morrer só pra agradecer*⁶:

Passar fome
e lembrar do sertão
distante
ressuscitar minha mãe
ofegante
depois de caminhar
sobre as brasas do sonho
meu pai depois do banho
limpo de sal
sem peso
sem medo
longe de qualquer mal.

(FREIRE, 2014, sem paginação)

O poema cria uma atmosfera quase onírica das lembranças do sertão, desatadas pela fome. Apesar da privação, a imagem dos familiares é evocada com leveza e o sertão nordestino vai dando espaço à realidade urbana vivida pelo autor em São Paulo:

O tempo
todo o esquecimento
a casa vazia
no meu peito

⁶ Disponível em: <https://marcelinofreire.wordpress.com/2014/05/21/morrer-so-para-agradecer/>, consultado em janeiro de 2015.

o mendigo no farol vermelho
da cidade
o olhar que lancei
do alto de meu sapato
o sol que não iluminei
fui eu que pisei
na grama da praça
na lama de meu país.

(FREIRE, 2014, sem paginação)

Como observado anteriormente, a realidade dos grandes centros urbanos não se dissocia da obra de Marcelino Freire, ao contrário, acontecimentos marcantes para a sociedade são muitas vezes o ponto de partida para a produção literária, como no caso das manifestações de 2013. No *Poeminha para um novo Brasil*, escrito e postado no mesmo *blog*⁷, no dia 27/10/2014, o autor reafirma a simpatia pelas ações afirmativas e emancipação de camadas oprimidas socialmente. O poema foi divulgado após o resultado das eleições presidenciais de 2014 e faz referência à forte polarização partidária observada no período de campanha eleitoral:

dizem que o Brasil
está agora dividido

não
isso eu não digo

nunca estivemos
tão unidos

contra o preconceito
e a homofobia

no respeito à mulher
e ao negro

na atenção
aos menos favorecidos

na garantia de todos
os direitos

(FREIRE, 2014, sem paginação)

⁷ Disponível em: <https://marcelinofreire.wordpress.com/2014/10/>, consultado em junho de 2015.

O poema traz à tona graves problemas do acesso à cidadania no Brasil, como a inclusão social e a luta contra o preconceito racial ou de gênero. Respondendo à suposta divisão, os versos supõe uma união que ultrapassa a questão partidária, no entanto, a referência à aproximação diplomática com outros países da América Latina, nos versos seguintes, indica uma posição política bem definida. A poesia se torna claramente partidária, associando o avanço dos direitos humanos ao resultado das eleições:

em laço mais estreito
com a América Latina
é o que quer a maioria
dos brasileiros
teimosos que hoje
responderam
àquela revista e
aos maus jornalistas
hoje saímos todos
vitoriosos
o Brasil não perdeu
a sua vocação
a de uma pátria unida
contra tudo e contra todos
em um só
imenso coração
(FREIRE, 2014, sem paginação)

Percebemos que muitas vezes o ‘eu lírico’ da poesia de Freire não se dissocia do escritor. Nas produções voltadas especificamente para um contexto ou acontecimento, como no caso do poema acima, esse traço da autoria se torna bastante evidente. Dessa forma, a poesia também se torna testemunho e se propõe pensar os acontecimentos do cotidiano, como exemplificado também no *Poeminha sobre a falta de água ou falta de amor*, de fevereiro de 2015⁸:

⁸ Disponível em: <https://marcelinofreire.wordpress.com/2015/02/>, consultado em junho de 2015.

que rio bonito e caudaloso
e a fonte é rica e os
peixes acesos e floridos
e trouxemos potes
e torneiras e mãos sujas
e patas e pés de esgoto
mijamos covardes
amarelos pela correnteza
(FREIRE, 2015, sem paginação)

O texto foi postado no ápice da crise hídrica do estado de São Paulo, quando os níveis de seca e diminuição de oferta de água atingiram níveis alarmantes, poucas vezes vistos na região. Essa seca foi associada a problemas de infraestrutura, planejamento e a ação predatória do homem sobre as reservas hídricas e esteve na pauta de discussão de muitos coletivos urbanos, ONGs e governantes. O autor, que é também morador de São Paulo, critica justamente a postura irresponsável de indústrias e indivíduos em relação à poluição e consequente destruição dessas reservas:

e viemos todas e todos
com os pulsos em volta
os muros as usinas
as merdas e os parafusos
dos automóveis os pneus
as camas os sofás levamos
para descansar no leito
agora por hora
tudo é seco e tudo é
pedra e tudo é nada
o rio na curva se compara
a uma natureza morta entre
as águas do passado
feito um gemido um grito
de dor um resto de amor
para sempre afogado
(FREIRE, 2015, sem paginação)

Em dezembro de 2014, vários contos de Marcelino Freire foram adaptados para o teatro na cidade de Natal-RN. A peça reuniu personagens de contos e livros diversos pela *Bololô Cia. Cênica*, sob a direção de Marcondes Lima, que já havia adaptado para o teatro *Angu de Sangue e Rasif*. As encenações, feitas na época do Natal, foram gratuitas e abertas ao público. A divulgação do autor, feita em sua página no *Facebook*⁹, foi também em forma de conto:

Aí o menino quer matar o Papai Noel. Em plena noite de Natal. Em Natal. Aí tem uma outra menina, raquítica, que quer ser Xuxa. Mas a Xuxa está velha, diz a mãe da menina. Xuxa, nem a Globo quer mais, minha filha. E há uma família inteira contra a paz. Cansada de guerra. Que só estoura para um mesmo lado. A culpa é da paz. A culpa é de Deus. Consciência é coisa de rico. Gritam os meninos. Endiabrados. Com pistolas na mão. E rodos de limpar vidros de carro. É um assalto, um assalto, um assalto. Ao lado da igreja. No mês do aniversário de Jesus. À praça do bairro Esperança. Nenhuma esperança. (FREIRE, 2014, sem paginação)

Para o leitor de Freire, muitos desses personagens são conhecidos. Inspirados em seus contos, esses personagens carregam em si as contradições sociais do país. Trazendo em sua configuração justamente a complexidade estrutural e a desigualdade da sociedade brasileira. Nas palavras de Francesco Lima (2007):

Uma vastidão territorial para os grandes latifúndios e os becos da periferia para os barracos, os cortiços, as ocas, as casas de massapê. Um país soerguido sobre a estrutura injusta e paradoxal do capitalismo excludente na divisão do lucro produzido e includente na convocação dos milhões de desempregados, desvalidos, subjugados. (LIMA, 2007, p. 165)

Para Freire, a peça escancara sentimentos de carência ao mesmo tempo em que propõe a reflexão acerca da desigualdade social, passando uma mensagem que, apesar de áspera, embute o papel da solidariedade para a melhoria das condições de vida, em harmonia com o conjunto de sua obra.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/marcelino.freire.79>, consultado em junho de 2016.

4.2. Ferréz: O ser e o ter na *internet*

Como vimos anteriormente, Ferréz é um autor que não dissocia sua criação literária de sua opinião política e sua crítica social. Numa análise geral, podemos afirmar que o conjunto de sua obra carrega um forte sentimento anticapitalista, a crítica ao consumismo e o comprometimento com as comunidades periféricas. Há também o caráter testemunhal em seus contos, inserindo acontecimentos cotidianos e autobiográficos na criação literária ficcional. No prefácio do livro *Os Ricos também morrem*, disponibilizado pelo autor em seu *blog*¹⁰, é possível perceber a relação de mutualismo entre a realidade que o cerca e seu processo criativo:

Eu tenho um prefácio a fazer, uma responsabilidade a cumprir. Descendo a estrada de Itapeverica para o Jardim Amália, ia repetindo a frase, do mesmo jeito que criei todos os contos para o livro, agora eu tinha um prefácio a fazer, e estava fazendo do mesmo jeito que havia escrito cada texto, jogando as palavras nas vielas, pronunciando as frases pelos becos, as mesmas palavras que lambiam os barracos de madeira, que também escorriam como a água que desce para o córrego. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

Ainda,

Frases que voavam como a pipa, que desbicavam conforme o vento, parágrafos que jogavam o saco de lixo no caminhão, que serviam a pinga no bar, que dirigiam taxis, que colocavam gasolina nos carros, que também escreviam em lousas.

Palavras nunca ditas quando passava a viatura da polícia, abraços nunca mais dados no filho da cor errada. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

O cenário urbano periférico é desenhado na escrita de Ferréz como parte da concepção das palavras de seus textos. Como afirma o autor, sua literatura está repleta de pessoas e

¹⁰ Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/2015/02/os-ricos-tambem-morrem.html>, consultado em maio de 2015.

situações que vivencia no cotidiano. Esses personagens compartilham com ele a angústia e a superação de ser morador das periferias das grandes cidades.

Eu tenho um prefácio a fazer, mas dormia antes mesmo do filme começar, e ao acordar a casa já tava lotada, gente que veio da Bahia. Como diz meu pai, gente que veio do sofrimento, pedir uma força, para no outro dia amanhecer no Jardim Comercial, extremo sul de São Paulo.

Vieram para vencer na cidade grande meu filho. Esse mosaico de gente, de histórias, de vidas que vão ser desgastadas como o rosto mostrando o tempo e seu alto preço, vendendo o suor por notas. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

A obra de Ferréz é colhida na realidade. A narrativa geralmente detém o domínio sobre a consciência dos personagens ironizando seus feitos ou compartilhando suas emoções. Além disso, a linguagem é sempre próxima da realidade desses personagens e se ampara tanto nas vivências diárias quanto em casos de violência que viram notícia das mídias. No texto abaixo, intitulado *Matando a nós mesmos*, postado no *blog* em maio de 2014¹¹, percebemos que a palavra do autor não é apontada apenas para um “sistema”, ao contrário, o autor se baseia em atos e sentimentos humanos que muitas vezes compactuam com as formas de violência que os próprios sujeitos periféricos sofrem:

"É essa, é essa!"

Ela não teve tempo nem de entender o que estava acontecendo. Alguém deu uma paulada, outro chutou e assim foi até matarem. Na cena triste, da mãe de família assassinada, com o corpo ainda no local, jovens rindo, mulheres gritando palavras de ordem, balançando os braços no ar comemorando.

E não era, não era ela, não existia sequer nada além da mesma lenda urbana que ecoa pelas periferias desde que eu tinha 4 anos de idade, e me falaram que não devia pegar a bala quando me oferecessem, que não devia confiar em palhaços, mulheres loiras, homens do saco. Não devia ficar na rua, não devia confiar em ninguém, em ninguém.

E aí as fotos vagam pela internet, as imagens se compartilham, e foi assassinada por causa do mesmo meio de comunicação mal usado, e ainda é assassinada a cada vez que alguém vê o vídeo, que multiplica a dor, a

¹¹ Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/2014/05/matando-nos-mesmos.html>, consultado em março de 2015.

crueldade, e do outro lado do monitor, milhares de culpados também, sedentos pela próxima tragédia, pela próxima lágrima. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

O conto é uma referência ao linchamento de Fabiane Maria de Jesus, morta no bairro Morrinhos IV, no município do Guarujá, região metropolitana de São Paulo em 3 de maio de 2014. A mulher de 33 anos foi confundida com uma suposta criminosa e morta pelos moradores do bairro. O fato, apesar de causar grande comoção nacional, não foi um acontecimento isolado: até a morte de Fabiane, outras vinte mortes haviam sido registradas nos mesmos moldes, no ano de 2014¹². Percebemos na indignação de Ferréz uma postura de crítica social que não apenas vitimiza o sujeito periférico, mas o responsabiliza pela violência cotidiana numa narrativa áspera e carregada com a dor do outro. É interessante notar que apesar de ser um entusiasta do uso da internet e das redes sociais, como vimos nos capítulos anteriores, Ferréz em vários momentos repreende o mau uso dessas redes que, apesar de poderem abrir novos caminhos de significação aos sujeitos marginalizados, acabam sendo usadas como um produto alienante. Em abril de 2015, o autor publicou o conto *Congratulations*¹³, quase um desabafo diante do que chama de “idiotização em massa”:

Finalmente estamos num estágio avançado de idiotização em massa. A internet, potente meio para aprendizado, convergência, se tornou uma caricatura, em cada gueto, em cada interior, em cada rua de terra de onde podia estar saindo coisas produtivas, nessa atual hora se engorda os vídeos de idiotices, bizarrices, filmagens humilhantes, que torna promíscua sua passagem por essa terra. (...)Os livros seriam as respostas, mas estão empilhados, sem ninguém toca-los, sequer leem a contra capa.

Sou profissional numa área fantasma, mal consigo falar dos meus trabalhos pros amigos. O celular vem pra mão, o vídeo é jogado na minha cara. Algo que acham engraçado, algo que eu não compreendo. Pobre país sem rumo caminhando pra riqueza fictícia. Roubado, esfaqueado, decapitado e sangrando na sarjeta da hipocrisia. (FERRÉZ, 2015, sem paginação)

Nesse texto é possível notar certo cansaço do autor e até mesmo um ceticismo sobre o que considera a missão do escritor e sobre o papel da internet como um caminho de

¹²Ver: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/07/10/internas_polbraeco,489692/casos-de-
linchamento-se-espalham-pelo-brasil.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/07/10/internas_polbraeco,489692/casos-de-linchamento-se-espalham-pelo-brasil.shtml), consultado em janeiro de 2016.

¹³ Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/2015/04/congratulations.html>, consultado em junho de 2016.

emancipação intelectual. Percebemos a inadequação do narrador a um presente onde o avanço das tecnologias de comunicação de massa não é suficiente para proporcionar mudanças significativas para a sociedade.

Outro discurso forte de Ferréz é a crítica ao posicionamento do sujeito periférico no mercado de consumo. A partir dessa apreciação, o autor formula um olhar crítico pelo consumo incentivado pelo governo e as grandes corporações até o ataque ao modelo econômico capitalista. O conto *Sobre pássaros e lobos* (na íntegra no Anexo II), postado no blog de Ferréz em 25/04/2014¹⁴, indica um posicionamento que ultrapassa a questão política, pois levanta questões filosóficas sobre a necessidade de aquisição para o posicionamento do indivíduo na sociedade e sobre destruições de valores afetivos e morais em prol desse consumo:

Colocou sua calça Jeans Levis, vestiu sua camisa Ombongo, pegou o Motorola na mesa, sua carteira da Britt's, seu óculos da Ray Ban, sua chave com chaveiro do Corinthians, e finalmente vestiu seu tênis Nike clássico, modelo couro, com sola desenvolvida pela tecnologia da NASA e cardassos ante deslizando.

Pegou o ônibus da Mercedes e antes de descer no ponto com propaganda da Riachuelo viu 28 placas dos mais diversos produtos.

Ao seu lado, um cara usando terno Armani, com sapatos Le Blond, e uma pasta da Past-up, e ainda com um MP4 superior.

Mas não foi isso que o irritou, foi saber que dentro da pasta havia com certeza um lap top, sempre quis ter um, mesmo que não pense em escrever ou nada disso, mas um lap top, ah! Seria legal ter um. Uma palavra tão bonita, só perdia para palm top, essa era mais elegante. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

Notamos que a apresentação do personagem é feita por objetos que estão em sua posse. Nada é apresentado da constituição física ou psicológica desse personagem, apenas seu trânsito entre as diversas marcas e produtos. O contato com o outro é também mediado pelo desejo de consumo. Não existe interação entre ele e o personagem que se senta ao lado, apenas uma equiparação baseada nos produtos utilizados por um e por outro. O desejo não vem da necessidade, e sim do reconhecimento social que determinado bem de consumo pode referendar:

¹⁴ Disponível em: http://ferrez.blogspot.com.br/2014_04_01_archive.html, consultado em janeiro de 2015.

Pensa em ter um carro, apóia o governo, pois ele está ajudando as financeiras de carro, isso é muito legal, com 48 ou 72 prestações daria para comprar um, porque não? Todo mundo tem.

Num lugar onde seu sobrenome é o que você possui, nada mais cômodo.

O Gil da 7 galo.

O Francisco da Hilux.

O Miltinho do Opala.

Se tivesse uma Dacota queria ver quem ia entrar na frente, pedestre nem ouse.

Experimenta ter um Uninho pra ver se alguém te deixa passar.

Nem manobrista quer estacionar carro velho, meu filho. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

Para o autor, um dos efeitos mais nefastos da cultura do consumo é a violência advinda dela. Se por um lado a criminalidade aumenta devido ao desejo de apropriação por aqueles que não possuem recursos financeiros suficientes, por outro, aumenta também a violência policial e a repressão gerada pelo medo da criminalidade. Durante a narrativa do conto, o foco passeia por acontecimentos paralelos ao percurso do personagem inicial:

Enquanto o mundo gira, nas casas Bahia, o segurança desconfiou do menino, porque estava mal vestido. Dedicção total a você. Ele não estava tentando roubar, na verdade estava sendo roubado, pois estava com uma nota fiscal na mão, pagando juros altíssimos num país congelado.

Levou um tiro na cara, todos correram, limparam o sangue e o atendimento recomeçou.

- só foi um susto pessoal!

O rapaz foi retirado, o segurança nem algemado foi pela policia, a própria policia que ainda falou em outros jornais que se tratava de um cidadão de bem. Mesmos jornais que abrandaram o caso, afinal se trata de um “incidente” envolvendo um grande anunciante.

O rapaz chamava Alberto, estava sem um Nike, nem Zoomp, nem Adidas, talvez uma bermuda um pouco surrada demais, e com certeza de Havainas, as legítimas. Mas era pouco até pra um comércio em pleno Capão Redondo, onde o cheiro de pólvora se misturou com o escapamento dos ônibus que passavam ali em frente quando a estupidez efetuou o disparo. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

Entre outras vozes e personagens que circulam pelo texto em exaltação ao poder de compra, a narração em primeira pessoa aparece, no parágrafo seguinte, ainda em tom irônico:

Aquele cara embaixo da ponte não sou eu. Aquele pedindo esmola também não. Aquela senhora desempregada muito menos. Eu não. Eu tenho a oportunidade, se puder comprar um caminhão passo por cima da Pick´up, se puder comprar uma Pick´up passo por cima do Pálio, se puder comprar o Pálio passo por cima da moto, se puder.... Mas ainda não posso. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

A narrativa se modifica bruscamente no parágrafo seguinte. O cenário urbano é alterado por uma lembrança:

Tem uma pequena árvore no quintal de casa, esse dia vi um tufo de mato no chão, era um ninho, olhei dentro, talvez encontrasse ovos, mas me surpreendi e vi pequenos pássaros.

Chamei um amigo, mostrei e ele se encantou, resolvemos colocar o ninho na árvore.

No outro dia fui ver o ninho, e estava no chão tinha outro buraco do lado, chamei minha mãe.

- veja mãe nem só de rato vive a favela. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

A aspereza do início do conto é substituída pela descoberta de um ninho de pássaros diariamente cuidado pelo narrador, vibrando um conto dentro de outro conto:

Ela olhou e gostou. Lhe mostrei dois pássaros filhotes que estavam no muro, peguei o ninho e vi um lá dentro, de repente o ninho balançou e um saiu voando, e depois saiu outro, ela correu e conseguiu pegar um e colocamos dentro do ninho, os bichos estavam olhando o mundo pela primeira vez.

Um deles fugiu, mas vi outro pássaro o seguindo, talvez fosse a mãe, pegamos a escada e colocamos o ninho na árvore de novo.

No outro dia encontrei o ninho no chão novamente, estava todo aberto, como algo que já foi usado o suficiente, no mesmo dia vi a mãe dos pequenos pássaros, pousou no portão durante alguns segundos, olhou em direção ao ninho e saiu, fiquei como os meus botões, será que avisaram onde foram? (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

Um ponto que também merece destaque é que, apesar de ter um projeto próprio de escrita e intencional um público específico, os autores da literatura marginal periférica não negam o cânone literário. Apesar da dificuldade de acesso aos bens culturais, esses autores possuem uma trajetória de vida muito influenciada por grandes nomes da literatura. O conto *Sobre pássaros e lobos*, termina com uma referência ao autor Hermann Hesse:

Fui para o jardim, sentei no banco branco que o ex dono da casa me deixou e li Hesse novamente, como fazia aos meus 15 anos, não era novo, nem encadernado, mas pra mim é meu maior bem. A sensação veio, nada de desgosto e frustração, e apesar de toda a batalha da vida, eu lia sobre o sol, sobre o céu que não é mais tão sinistro, sobre historias contadas como devem ser, calmamente, levemente, como uma caminhada em boa companhia. (...) Vieram-me frases, pedaços de vidas, restos de fotos, mas após pegar um simples copo de café, e ver ainda sobre o sofá discos de Paulo Sérgio, eu fui para o banco branco e esperei somente pelos pássaros, os pequenos pássaros que por muita sorte segurei ainda dentro do ninho. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

A conclusão do texto reafirma a postura do autor contra o consumo como meio de projeção social e na inversão de valores causada por esse comportamento: “Isso eu não comprei, isso eu não paguei, nem parcelei, muito menos achei num shopping, nem tive que roubar, isso veio de graça, e acho que isso que é a vida” (FERRÉZ, 2014, sem paginação). Outro exemplo de referências teóricas nos textos de Ferréz está no poema *Pensamentos parte 33.1* (Anexo II), claramente influenciado¹⁵ pela obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault:

(...)E seguem desnorteados o entretenimento
Só problema, sem pensar a resposta
Não sabe, não anda, não tem gente em volta
Mudar de faixa de consumo
E não de classe
A prisão não pode ser melhor que a favela
Vigiar e punir
A prisão não serve pra quem tá preso
Ela existe para controlar quem está solto
O manicômio não é pra loucos
É pra te dizer qual deve ser o padrão
(FERRÉZ, 2015, sem paginação)

¹⁵ Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/2015/02/pensamentos-parte-331.html>.

Vigiar e Punir é uma obra teórica acerca dos mecanismos sociais que originaram as grandes transformações dos sistemas penais durante a Idade Moderna. Numa clara adesão ao discurso de Foucault, o poema se integra à teoria do controle social exercido pelas instituições de punição e vigilância, como escolas, hospitais e prisões. Foucault muda a ideia comum de que a prisão é uma forma racional e humanista de cumprir determinada pena, defendendo o poder coercivo do castigo como forma de domínio social. Seguindo essa linha teórica o autor conclui o poema nos quatro últimos versos.

É interessante notar que apesar do tom agressivo e radical em muitos de seus textos, Ferréz não se opõe a outros estilos literários ou acadêmicos, ao contrário, encontra em outras vertentes teóricas, vários pontos de interseção com seus posicionamentos ideológicos. Outro exemplo desses diálogos aparece no conto *O Ofício e a Oração*¹⁶ (Anexo II), onde a referência teórica é Preto Ghóez, nome artístico de Márcio Vicente Góis, escritor e ativista do movimento *hip hop* e, assim como Ferréz, crítico radical do capitalismo:

Lá fora os muleque joga bola, uma barulheira do cão, uns palavrão entra pela sala, a vizinha já proibiu eles de jogarem na porta dela, eu de vez em quando só digo para dar uma maneirada na boca suja.

O doce é duro, ideológico, marca presença, foi presente de um mano que me trombou no metrô, disse que gostava dos meus textos e que tinha um trabalho paralelo na escola onde dava aula, um trabalho de conscientizar a molecada.

Subo e pego um livro, Capitalismo de laços, os donos do Brasil e suas conexões. Como dizia o Ghóez temos que estudar os inimigos. (FERRÉZ, 2013, sem paginação)

A luta de Ferréz é por uma inclusão social amparada na educação e no acesso efetivo a melhores condições de vida, não apenas no aumento do poder de consumo. Para o autor, o consumo não equipara classes sociais, apenas cria uma ilusão de melhoria econômica que camufla preconceitos enraizados na sociedade. No conto *Tudo nosso nada nosso* (Anexo II)

¹⁶ Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/2013/06/o-oficio-e-oracao-especial-para-revista.html>, consultado em janeiro de 2015.

¹⁷, postado no *Facebook*, em janeiro de 2014, o autor explora essa situação numa mescla de vozes que, ora de forma grave, ora de forma irônica, criticam a propaganda consumista e os avanços da globalização ao mesmo tempo em que defende uma inclusão efetiva através da educação e conscientização das populações periféricas como única solução viável.

O conhecimento é a chave, para discernir o que é melhor, desde o consumo pregado a tantos anos pelas mais competentes agências de propaganda, se esses jovens estão loucos por essas marcas, o trabalho deu certo parabéns.

Não existe educação que funcione hoje nesse país, por isso o rolezinho não é em bibliotecas.

Mas roupa não esconde pele, olhar, postura, serão esses os quesitos para barrar nas entradas dos impérios elitistas?

(...)

O caminho para a evolução nos nossos tempos não é ouvir funk carioca no pancadão, mas também não é fazer pilates trancado no seu presídio de luxo.

Tanto discurso de inclusão durante os almoços, um país para todos, globalização.

Mas na vida real balbucia a todo momento.

- Mas esse povinho demora quando entra no avião.

O acesso ao conhecimento tem que ser para todos.

- A feira literária de Parati hoje é cheia, antigamente era tão bom.

Tempos novos, novos acessos, muito ainda virá, aposte no caos se não houver inclusão. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

No conto *O ofício e a oração* não só a postura crítica vista acima é afirmada, como também o ofício do escritor é apresentado como uma ferramenta para a mudança da sociedade:

Senhor me ajude a encontrar o caminho e poder passar um pouco, falar da conspiração da mídia, colocar na cabeça dessas crianças para não seguir o caminho da massificação, lutar contra o consumismo, mostrar a verdade do Ser em vez do Ter. Trazer o amor a família, o valor da periferia, a nossa auto estima, a importância cultural que temos, o valor da nossa cor e da nossa história, me ajude senhor, a trazer consciência, senso crítico, auto valorização, e mostrar o plano maquiavélico que sempre beneficiou a elite e nos massacra financeiramente e culturalmente nesses anos.

Que eu represente senhor, com responsabilidade, os que nunca escreveram, nunca rimaram, nunca sequer tiraram os textos da gaveta, para

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/ferrez.escritor/posts/403950786405727>, consultado em junho de 2016.

que esse ofício, a labuta com a caneta seja uma centelha de esperança e não de comodismo. (FERRÉZ, 2014, sem paginação)

Nesse conto, Ferréz surpreende por optar por uma narrativa em linguagem religiosa, ao mesmo tempo forte, direta e livre de ironia, sintetizando sua ideologia e a motivação para escrita.

4.3. Sérgio Vaz: Poesia e intervenção artística na rede

Me empresta seu muro pra eu colocar minha poesia?

(Sergio Vaz)

Em 2014, Sérgio Vaz iniciou o projeto *Poesia nos Muros*, identificado no *Facebook* e no *blog O Colecionador de Pedras* pela *hashtag #poesianosmuros*, que consiste em distribuir cartazes poéticos nas periferias da zona sul de São Paulo e fixá-los em lugares de destaque ou travessias, caracterizando uma verdadeira intervenção artística da periferia e na periferia.

Os cartazes de Vaz são fixados pelo próprio autor e outros voluntários que percorrem as ruas distribuindo as poesias pelas paredes e muros. O conteúdo escrito consistem em pequenas poesias e pensamentos de Sérgio Vaz, que podem ser encontrados no *blog* e no perfil do *Facebook*:

Enquanto
eles
capitalizam e realidade
Eu
Socializo meus sonhos
(VAZ, 2014, sem paginação)

A poema acima traz, em poucas linhas de impacto, uma crítica ao sistema capitalista. No projeto *Poesia nos Muros*, cartazes com essa e outros onze poema foram colados em

paredes, pontos de ônibus e pontes dos bairros periféricos. Os cartazes foram idealizados pela designer Silvana Martins, formando o que Vaz chama de “livro a céu aberto” (Anexo IV), em entrevista ao site *Doladodeca*¹⁸:

São bairros que frequento, onde vou nas escolas. É um jeito de retribuir o carinho que recebo. No caminhar, elas vão ter acesso, vão poder refletir (...)

Para a colocação na maioria dos muros, a gente pede autorização para os donos e é muito legal, porque os que aceitam ficam muito felizes. (VAZ, 2014, sem paginação)

O poeta é um defensor da popularização da poesia e do sentido revolucionário na palavra: “Essa revolução cultural que vive a periferia tem tudo a ver com essa força da palavra falada” (VAZ, 2014, sem paginação) afirma, referindo-se aos saraus da *Cooperifa* e outros eventos educativos que, segundo o autor, são locais de formação cultural e políticas. A intervenção urbana dos cartazes leva para as paredes das periferias justamente essa ideia de inconformismo e de luta por mudanças sociais:

Milagres
Acontecem.
Quando a gente
Vai a luta.
(VAZ, 2014, sem paginação)

Uma intervenção urbana é justamente uma manifestação artística realizada em meio ao espaço urbano, normalmente em áreas centrais ou de grande circulação. Consiste na interação do objeto artístico com o espaço urbano visando causar certo estranhamento, aguçando a percepção do público e possibilitando novas maneiras de perceber a cidade, criando e recriando laços afetivos com locais comuns. Assim, a intervenção se torna um meio de questionar e modificar a vida urbana cotidiana.

¹⁸ Disponível em: www.doladodeca.com.br/2014/02/18/sergio-vaz-apresenta-poesia-nos-muros/, consultado em junho de 2015.

Os cartazes de Vaz ficam a céu aberto e referem-se a aspectos da vida urbana ao mesmo tempo em que convida a questioná-los:

E a felicidade
Ainda que tardia
Deve ser conquistada.
E que ninguém mais
Aceite as migalhas
Do cotidiano.
(VAZ, 2014, sem paginação)

Sérgio Vaz, na entrevista citada acima, explica seu projeto:

A poesia vai tomar conta das quebradas. O objetivo deste projeto é o de levar a literatura periférica para as ruas, literalmente. Extraí-las das páginas dos livros e apresentá-la em um novo suporte, um suporte público e temporário, no entanto com grande potencial atrativo e mais abrangente, o lambe-lambe. A poesia vai aparecer inusitadamente. Virá como um presente, um desafio, um respiro, uma fuga para transeuntes, motoristas, passageiros, uma quebra na rotina, uma reflexão para o dia a dia de milhares de pessoas que passam pelas ruas lotadas, cheias de signos e propagandas por todos os lados, e principalmente, um convite à leitura e a uma nova percepção do cenário urbano periférico usando a arte como canal de compreensão do mundo, com um desejo enorme de diminuir a distância tão comum, dada a educação deficiente que nossa classe social recebe, com a literatura e como meio para questionar e transformar a vida urbana cotidiana. (VAZ, 2014, sem paginação)

Além desse projeto, grande parte da produção de Vaz está na rede virtual. As publicações literárias e de divulgação de eventos nas redes sociais do poeta são diárias, demonstrando o tempo de dedicação do autor a seus projetos e o intuito claro de popularização da literatura.

Embora as questões sociais sejam o mote de muitas poesias de Vaz, percebemos que o autor, na defesa de suas convicções, soa menos agressivo que Ferréz. Notamos em Vaz uma crítica melancólica ao invés de violenta. Embora as palavras do poeta sejam duras e

carregadas de realidade, elas soam mais sofridas que agressivas, como no caso do poema *Silêncios*¹⁹, divulgado no *Facebook* em novembro de 2014:

Não sei onde você estava
quando o frio invadiu a casa que não era sua
enquanto você chorava no quarto frio
eu sequer sabia que meu coração era frio também.
Quando a vida te vestiu em trapos
eu fugi pelos buracos da sua camisa
e você pedia sonhos
enquanto a realidade te negava comida.
E teu sorriso magro de anjo maltrapilho
invadia as ruas repleta de tristezas.
(VAZ, 2014, sem paginação)

A temática da exclusão é frequente nas obras da literatura marginal. Em *Silêncios*, os versos estão carregados de consternação, construindo a imagem de uma criança de rua já familiarizada com drogas e com o descaso da sociedade:

o vermelho do semáforo pedia "Pare"
eu seguia no verde economizando moedas.
Na escola sem lápis colorido
escrevia torto por linhas certas
num caderno cheio de páginas
sem futuro: quem na cola, saiu da escola.
Esse choro com gosto de benzina
tem cheiro de abandono na esquina.
Não sei por onde você anda
ou que calçada você habita
não escuto tua dor nem o teu grito,
sou feito de muitos silêncios
e quase nada de ouvidos.
(VAZ, 2014, sem paginação)

Vaz defende a realidade como uma possibilidade para a criação poética engajada, no entanto, essa relação entre a poesia de Vaz e as experiências vividas vão além de um processo de inspiração, desobedecendo à realidade do poeta e apresentando outras existências dentro da

¹⁹ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/736517029761050>, consultado em janeiro de 2016.

poesia, como por exemplo, o poema *O milagre da poesia*, postado no *Facebook* em 18 de junho de 2014²⁰:

Sou poeta
e como poeta posso ser engenheiro,
e como engenheiro
posso construir pontes com versos
para que pessoas possam passar sobre rios
ou apenas servir de abrigo aos indigentes

(...)

Sou poeta
e como poeta posso ser assassino,
e como assassino posso esfaquear tiranos
com o aço das minhas palavras
e disparar versos de grosso calibre
na cabeça da multidão
sem me preocupar com padre, juiz ou prisão.

(VAZ, 2014, sem paginação)

Além disso, para Sérgio Vaz, o processo de evolução e mudança para uma sociedade mais justa deve ser mediado pela palavra. *O milagre da poesia* é justamente a capacidade de ser o signo transformador da realidade. Quando pensamos nas intervenções iniciadas com os saraus da *Cooperifa*, é possível identificar na prática as melhorias concretas produzidas pela palavra na periferia paulista, uma vez que os sujeitos se conscientizam de sua condição e criam redes de cooperação que afetam diretamente a realidade em que vivem. Nas palavras de Vaz:

Sou poeta
e como poeta posso ser Jesus,
e como Jesus
posso descrucificar-me
e sem os pregos nas mãos e os fanáticos nos pés
andar livremente sobre terra e mar
recitando poesia em vez de sermão.

Onde não tiver milagres,
ensinar o pão.

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/660024794076941>, consultado em Janeiro de 2016.

Onde faltar a palavra,
repartir a ação.

(VAZ, 2014, sem paginação)

A partir dos exemplos citados neste capítulo, é possível afirmar que os caminhos interpretativos das obras de Marcelino Freire, Sérgio Vaz e Vaz e Ferréz estão longe de se esgotar. Ao contrário, sugerem ao leitor e ao pesquisador um leque abrangente de reflexões que vêm multiplicando as possibilidades de análise da narrativa contemporânea. Questões como a enunciação como atitude responsiva, a transfiguração da violência na literatura, o efeito de oralidade, a relação entre ficção e testemunho, a expressão da marginalidade e a ressignificação do sujeito periférico e sua representação cultural são questões que podem ser facilmente provocadas a partir da leitura dos autores mencionados.

Os contos e poesias apresentados são pequenos e de rápida leitura. Alternam-se entre o tom melancólico e raivoso, entre pequenas sensibilidades do cotidiano, grandes acontecimentos políticos e provocações. Embora as obras de Vaz, Ferréz e Freire tenham estéticas distintas, como podemos perceber, a criação literária é perpassada pelo mesmo comprometimento com as minorias sociais e crítica a comportamentos sociais nocivos ou mortificadores, objetivando a melhoria de condições de vida em periferias e até mesmo a produção cultural como alternativa à violência e a criminalidade. Por essa razão, se organizam em iniciativas sociais que ultrapassam o trabalho escrito, embora mantenham nele, sua principal representação.

O próprio uso da internet como principal via de acesso à sua produção literária demonstra a preocupação com o acesso do público leitor. Os contos e poesias apresentados acima foram disponibilizados pelos próprios autores em perfis pessoais de redes sociais ou em seus *blogs* de forma gratuita e indiscriminada.

A literatura marginal parece criar um ponto de convergência entre dois papéis fundamentais para melhorias das sociedades, desempenhados também pela internet: o da conscientização política e a possibilidade de construção de uma democracia efetivamente participativa e o da representação cultural e social de sujeitos marginais como sujeitos autônomos, complexos, livres de estereótipos (e conseqüentemente dos preconceitos reforçados por essas representações).

CAPÍTULO 5

Problematizando a Literatura Engajada

O engajamento é constantemente alvo de debates e discussões no meio acadêmico, filosófico e literário, principalmente quando associado às obras artísticas. Pensar no engajamento dos escritores periféricos nos leva a questionar o significado do engajamento do escritor brasileiro contemporâneo, inserindo-o na ampliação de espaços de comunicação criados pela popularização da internet.

Torna-se inevitável, a essa altura, pensar a literatura marginal no cenário de uma indústria cultural paradoxal, que, muitas vezes transforma discursos de contestação em produtos mercadológicos. Como resolver essas contradições, no caso da literatura marginal periférica, enquanto produto do mercado editorial? Qual a relação entre a estética literária da periferia e a realidade social? Existe uma cisão entre a qualidade literária dos autores estudados e seus projetos políticos?

Para lançarmos alguma luz nas questões acima, é necessário recorrer ao próprio sentido da ‘estética’ enquanto qualidade artística, além de identificarmos algumas posturas, como por exemplo, a do filósofo Jean Paul Sartre, no debate acerca da funcionalidade da obra artística e literária.

5.1. *Arte pela Arte* e a autonomia da Literatura

A expressão “arte pela arte” designa um sistema de crenças e teorias que defendem a autonomia do campo artístico frente a razões utilitárias de sua existência. Essas teorias retiram da arte a obrigatoriedade de uma função moral ou pedagógica, privilegiando seus aspectos estéticos.¹ Esse conceito remonta à segunda metade do século XVIII, com o surgimento do termo “estética” como um prazer alheio à moral e à definição dessa expressão por Benjamin Constant, no início do século XIX.

¹ BARBUDO, Maria Isabel. *E-Dicionário de Termos Literários: Arte pela arte (Ars gratia artis)*. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/>, consultado em julho de 2016.

Para compreendermos a proposta esteticista é imprescindível aprofundar a interpretação da estética no campo artístico e suas propostas conceituais. Nesse capítulo, pensamos a questão da estética tendo como base as teorias filosóficas de Georg Wilhelm Friedrich Hegel a respeito das finalidades da arte. O filósofo se destaca também por sua influência duradoura no terreno da estética das obras literárias, principalmente no que tange à relação entre a literatura e a sociedade. Hegel, em *Cursos de Estética*², critica a imposição e a redução à cópia e reprodução da realidade às obras artísticas, defendendo que a arte perde seu valor e seu sentido de existir se reduzida à uma imitação simplista da realidade. Para o autor, sem a criatividade e liberdade de criação, o artista se restringiria a reproduzir a realidade, ainda que em formas mais sensíveis. Citando Cilene Nascimento Canda (2010)³,

Hegel questiona o valor de uma área de conhecimento que se dedicasse meramente a reproduzir o que já está posto e dado para a humanidade. Se a arte se reduzisse à mera imitação da vida, não causaria aspectos compreendidos por Hegel como fundamentais, como a purificação das paixões, a instrução e o aperfeiçoamento moral humano. Ao ampliar o conceito de arte e valorizar este campo de estudo e de criação, o filósofo coloca a arte como possibilidade de elevação do espírito, tanto no processo de criação, quanto no ato de contemplação da obra artística, voltada para a liberdade e a autonomia humana. (CANDA, 2010, p. 44)

O termo ‘estética’, para Hegel, não se restringe, portanto, a um padrão de beleza reducionista, mas evoca “a concepção grega denominada de *aisthetique* e tem sua origem no verbo *aisthesis*, que se refere ao conhecimento sensível, à possibilidade de conhecermos através dos sentidos, das sensações” (MASSA, 2002, p. 291. *Apud*, CANDA, 2010). No entanto, é preciso ressaltar que, segundo o autor, a arte não está limitada a essa ação filosófica já que, tanto no momento da produção quanto no momento da recepção, materializa as sensações humanas em imagens, sons ou leituras:

² O curso de Estética oferecido por Hegel na Universidade de Berlim no fim de sua vida transformou-se em referência teórica para o assunto. O curso é geralmente dividido em duas partes: a primeira é o *Belo na Arte*; a segunda, *O Sistema das Artes*. Esses dois livros não foram escritos pessoalmente por Hegel, mas foram seus alunos que tomaram nota das do referido curso e transformaram, posteriormente, em livro.

³ CANDA, Cilene do Nascimento. **As finalidades da Arte: Autonomia e Liberdade na estética Hegeliana**. Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil, v.2, n.2, dezembro / 2010.

Hegel destaca a arte como campo de produção de conhecimento com suas peculiaridades próprias, distinguindo-o do âmbito da filosofia e da ciência. Para o autor, a arte não pode ser limitada à filosofia, pois estaria eximindo-se do seu caráter formativo e criador. Porém, a arte não se mantém independente da reflexão filosófica, pois para o autor, o campo da produção de sentidos está ligado ao campo de reflexão humana e da compreensão do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo. (CANDA, 2010, p.63)

O próprio Hegel defende, também, que apesar de não estar subordinada ao estudo filosófico, a filosofia possui ferramentas importantes para a compreensão da expressão artística.

Por conseguinte, embora a arte permita reflexões filosóficas, ela não é considerada para o autor como um objeto adequado para uma compreensão científica estritamente racional, pois, a beleza artística se apresenta ao sentido, à sensação, à intuição e à imaginação, um domínio distinto daquele que o pensamento exige, dessa forma, sua atividade e seus produtos devem ser apreendidos por órgão e não pelo pensamento científico. (HEGEL, 2001, p. 30).

A estética passa a ser compreendida, então, como uma ciência dos sentidos, cujo principal objeto de estudo é a arte, capaz de provocar justamente os efeitos que interessam à estética e alteram o espírito humano, como a raiva, a paixão, o medo, a repulsa, a empatia, que, entre outros, que revigoram a capacidade humana de sentir e perceber o mundo por meio da apreensão da obra artística.

Dessa forma, a estética na arte é superior a qualquer outro atributo, pois o belo artístico está diretamente ligado à liberdade de criatividade, que é, segundo Hegel, o bem supremo da humanidade, ao mesmo tempo em que é a responsável por revitalizar os sentidos. Pode-se dizer que, para o autor, a arte é a produção humana que se destina à autonomia dos sentidos humanos, à liberdade de seu espírito e expressão.

Nessa perspectiva da autonomia, ainda segundo Canda, o filósofo acentua que a arte não deve seguir regras, modelos pré-estabelecidos da ciência ou reduzir-se ao caráter utilitário do fazer humano. Para ele, o caráter autônomo e livre da criação é o que distingue a arte da ciência, enquanto forma de conhecer e explicar o mundo. Assim, Hegel assume que “o que nós pretendemos examinar é a arte livre tanto em seus fins quanto em seus meios” (HEGEL, 2001, p. 32).

Diante do presente posicionamento, compreende-se, numa perspectiva hegeliana, que a vinculação do homem e sua criação não se dá meramente por parâmetros racionais e subjetivos; tal vínculo se insere no bojo da dinâmica social e nas condições construídas ao longo da história. Para Hegel, a subjetividade e a razão são construções históricas da existência humana. Com base nessa esfera reflexiva, Hegel legitima, ao debruçar-se no campo da estética, os costumes de um povo e suas características ligadas à expressão do espírito, enquanto formas de compreensão da sensibilidade e da criação humana. (CANDA, 2011, p. 69)

Em outras palavras, a atuação do artista não se restringe a reproduzir os valores culturalmente difundidos, ao contrário, ele se coloca no lugar da ampliação da percepção de mundo e ressignificação de conceitos sedimentados. Ao ser entendida de modo autônomo e livre, a arte se situa com igual importância da religião e da filosofia, enquanto formas de expressão.

Nesse sentido, a liberdade não pode ser confundida com autonomia absoluta, visto que ser livre é uma construção social e não um mero fruto da vontade ou necessidade humana. Nessa perspectiva, entendemos liberdade e autonomia na atividade de criação e de fruição artística como perspectiva de ampliação do encontro do ser humano com a coletividade, e como forma de exercício de expressão e de compreensão do outro, a partir da experiência estética. A arte, nesse sentido, não tem o papel de reproduzir o pensamento humano, mas de agir como reflexo para o próprio aperfeiçoamento moral e instrutivo do sujeito.

A atividade artística contrapõe-se ao percurso natural das relações humanas e das formas habituais de analisar a realidade. Ela se concentra muito mais para a mudança ou ampliação do olhar do que para a sua estagnação das fórmulas e mecanismos de interpretação da realidade. Para que isso ocorra, a arte deve manter-se livre tanto em seus fins, quanto em seus meios de produção, sendo que o artista precisa libertar-se da servidão dos valores e condutas culturalmente postos, até mesmo do conjunto de conhecimentos e técnicas historicamente aceitos e acumulados no âmbito artístico. O papel do artista não se reduz à explicação da realidade ou ao atendimento servil das suas regras de criação. Ao contrário, sua posição implica, inclusive, na criação da autonomia e liberdade no ato criativo. O mesmo ocorre no âmbito da apreciação artística: apesar do olhar do sujeito ser guiado pelo seu repertório cultural, a arte possibilita que ele construa novos modos de interpretar e de atribuir

sentido àquilo que acessa; assim, muitas vezes, a obra de arte é criada para contrapor e questionar os modos corriqueiros de compreensão da realidade (CANDA, 2011, p. 78).

Para o autor, a arte tem a finalidade em si mesma, no seu modo de compreender a vida, de exprimir e de criar. É nisso que reside a possibilidade de despertar sentidos, de afetação do espírito e à experiência humana com a obra de arte. Constitui-se, então, enquanto tarefa e finalidade da arte trazer ao nosso sentido, ao nosso sentimento e entusiasmo tudo o que possui um lugar no espírito humano. (HEGEL, 2001, p. 67).

Hegel destaca a arte como campo de produção de conhecimento com suas peculiaridades, distinguindo-o do âmbito da filosofia e da ciência. Para o autor, a arte não pode ser limitada à filosofia, pois estaria eximindo-se do seu caráter formativo e criador. Porém, a arte não se mantém independente da reflexão filosófica, pois para o autor, o campo da produção de sentidos está ligado ao campo de reflexão humana e da compreensão do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo.

No caso da Literatura, especificamente, Mariana Estevam, defende que a transcendência estética é o principal objetivo da literatura. Em *Literatura e Política de ontem e hoje: vínculos e fronteiras movediças entre dimensão literária e esfera política*⁴, a autora afirma que a crítica social não é propriamente a ‘missão’ da literatura, e sim, mesmo em casos de literatura engajada, a estética:

Os depoimentos da literatura se valem da estética. A estética emana primariamente da natureza humana, estando intimamente associada à incorporação das influências culturais que se deu no decorrer de um extenso período da história humana. Além disso, ela transcende os tipos de linguagem, e pode ser traduzida e comunicada para todo o mundo. As emoções evocadas pela estética infundida numa obra pelo autor são poderosas, e podem encontrar eco em leitores de diferentes nacionalidades e de diferentes épocas, o que confere à literatura uma riqueza espiritual que deve ser desfrutada por toda a humanidade. Portanto, a estética que um autor infunde numa obra literária pode ser considerada um juízo definitivo que transcende os benefícios práticos, o certo e o errado, o bem e o mal, além dos costumes sociais e a época. Enquanto a obra circular pelo mundo, as pessoas continuarão a lê-la, e as sensações estéticas evocadas por esse testemunho literário transcenderão a história, sobrevivendo por muito tempo. (ESTEVAM, 2011, sem paginação)

⁴ ESTEVAM, Mariana. **Literatura e Política de ontem e hoje: vínculos e fronteiras movediças entre dimensão literária e esfera política**. Curso (30 horas) apresentado no Instituto do Legislativo Paulista (ILP) da ALESP, de 16/8/2011 a 13/9/2011, disponível em: http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21075_arquivo.pdf, consultado em janeiro de 2017.

O debate acerca da estética artística é extenso e bem mais complexo do que o apresentado nesta seção, merecendo um trabalho específico. No entanto, essa apresentação das subjetividades das análises estéticas se torna essencial para a compreensão da literatura marginal enquanto fenômeno estético da periferia.

Por outro lado, à medida que teorizamos sobre a autonomia criativa, é possível questionarmos essa autonomia no cenário contemporâneo, onde toda criação artística está também sujeita ao mercado. Segundo Nestor García Canclini (2015), em *Culturas Híbridas*, a modernidade⁵ expressa a contradição entre a ampla liberdade de experimentação e criação ao passo em que mercados culturais se ampliam exigindo a padronização da literatura como um produto. Para o autor, surge um conflito complexo para os escritores: a adaptação ao mercado ou a autonomia da produção literária? Ou ainda, autonomia ou engajamento? Seria o engajamento uma forma de garantir a autonomia frente a um mercado homogeneizante? Esses e outros pontos contradição serão levantados adiante, ao longo do desenvolvimento do capítulo, no intuito de ‘localizar’ a literatura marginal em meios às contradições do sistema mercadológico.

5.2. Literatura e engajamento

“Em suma trata-se de saber a respeito do que escrever: de borboletas ou da condição dos judeus.”

Jean-Paul Sartre

⁵ A expressão “modernidade” é usada em toda a obra *Culturas Híbridas* para designar a período de produção artística a partir das experiências vanguardistas do fim do século XIX e início do século XX. O autor insere a contemporaneidade no sentido de uma “modernidade tardia”, conforme discutido no primeiro capítulo deste trabalho.

Autores que defendem o engajamento da literatura, por outro lado, partem, geralmente, do princípio de que a própria existência humana está vinculada ao meio social, dessa forma, a prática literária não pode estar desvinculada das práticas sociais.

Benoît Denis (2002) classifica a literatura engajada como uma literatura política que, embora não abdique da forma, trabalha com o objetivo de servir às causas sociais. Em *Literatura e Engajamento: de Pascal à Sartre*, Denis salienta que, apesar de questões políticas perpassassem obras literárias desde a Antiguidade é, sobretudo no século XX, que se pode falar em engajamento. Partindo do cenário francês e enfocando questões políticas, o autor defende, assim como Jean-Paul Sartre, que o século XX foi o período em que o engajamento se definiu como um campo literário. De acordo com Denis⁶, “é inegável que sempre existiu uma literatura de combate preocupada em tomar parte nas controvérsias políticas” (DENIS, 2002, p. 10), porém o engajamento literário, na forma precisa do termo, não se torna “uma possibilidade literária transhistórica, que se encontra sob outros nomes e com outras formas ao longo de toda a história da literatura” (DENIS, 2002, p. 18).

Nas primeiras páginas de *Que é Literatura?*, Jean-Paul Sartre deixa clara sua defesa do engajamento da arte nas questões sociais, em especial, a literatura, invertendo a prioridade da estética: trata-se de uma escolha de um tema, a forma será apenas uma consequência das características de escrita de cada autor, sendo a escolha do tema o que define a qualidade da literatura. Sua própria trajetória intelectual desempenhou o papel de ativismo social defendido por suas teorias: sua participação na Segunda Guerra Mundial e sua ampla militância política em partidos e organizações de esquerda, a criação de *Les Temps Modernes*, revista dedicada à literatura, filosofia e política, e uma bibliografia extensa que entendia a literatura como meio de politização e conscientização.

Em algumas passagens de *Que é Literatura?*, Sartre reconhece a importância da questão estética e formal de um texto literário: “Nada disso impede que haja a maneira de escrever. Ninguém é escritor por haver decidido dizer certas coisas, mas por haver decidido dizê-las de determinado modo. E o estilo decerto, é o que determina o valor da prosa.” (SARTRE, 2004, p. 22) Mas, rapidamente se retrata ao reafirmar a precedência do conteúdo ante à forma:

⁶ DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Bauru, EDUSC, 2002.

Em suma, trata-se de saber a respeito de que se quer escrever: de borboletas ou da condição dos judeus. E quando já se sabe, resta decidir como se escreverá. Muitas vezes ocorre que as duas escolhas sejam uma só, mas jamais, nos bons autores, a segunda precede a primeira. Sei que Giraudoux dizia: "A única tarefa é encontrar o estilo; a idéia vem depois". Mas ele estava enganado: a idéia não veio. Se os temas forem considerados como problemas sempre em aberto, como solicitações, expectativas, compreenderemos que a arte não perde nada com o engajamento; ao contrário. (SARTRE, 2004, p. 23)

Para Sartre, o escritor precisa responder à seguinte pergunta: por que escrever? Ou “que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento?” (SARTRE, 2004, p. 20). Se a criação artística é feita para o outro, assim, quando um escritor escreve, ele o faz para que outros tomem conhecimento e assumam responsabilidades diante do objeto da escrita: “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (SARTRE, 2004, p. 21). Ainda segundo o autor:

O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana. Falar é agir [...] a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir [...] O escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras (SARTRE, 2004, p. 20 e 29)

Para Sartre, o engajamento implica o questionamento do escritor sobre as relações entre a sua produção literária e a sua realidade. É importante lembrar, porém, que enquanto a qualidade estética é atemporal, o engajamento político é, geralmente, inconstante. No caso de Sartre, por exemplo, após ampla bibliografia de apoio às revoluções de esquerda e até mesmo ao stalinismo e sua tentativa de conciliar existencialismo e marxismo, o autor, em meados dos anos de 1950, passou a denunciar os trabalhos forçados na URSS. Segundo o filósofo João da Penha⁷,

⁷ PENHA, João. **Atualidade e permanência de Sartre**. Revista Cult, Editora Bregantini: 2016. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/atualidade-permanencia-sartre/>, consultado em Janeiro de 2017.

(...)por conta do indomável espírito crítico do filósofo a Enciclopédia Soviética, ao sabor da “linha justa” dominante no momento, ora o cumulava de elogios, chamando-o de um “campeão da paz”, ora o relegava à condição de “um filósofo pequeno-burguês a serviço da reação imperialista”; que a mais arrasadora crítica desse teratológico desvio do humanismo marxista, o stalinismo, pode ser lida no panfleto *O fantasma de Stalin*; e que Sartre rompeu com Fidel em episódio envolvendo a prisão de Herberto Padilla. (PENHA, 2016, sem paginação)

É preciso ter em mente, ao analisarmos a literatura engajada, que seu significado muitas vezes difere de seu contexto original, pois, ao longo do tempo, análises engajadas também estão sujeitas a mudanças. Não obstante, através do engajamento, os escritores colocam a sensibilidade estética como um instrumento para despertar no leitor reflexões, crítica e empatia sobre os principais problemas da sociedade e as minorias que são afetadas por eles: guerras, racismos, violência, desigualdades sociais etc. Há na escrita engajada o compromisso do escritor com a sociedade.

Podemos dizer que a literatura engajada tem como objetivo acabar com a suposta contradição entre discurso e ação: “A obra escrita pode ser condição essencial da ação, ou seja, o momento da consciência reflexiva” (SARTRE, 2004, p. 120).

Nesse ponto, no entanto, surge o cerne do problema que é a cisão entre a estética e o engajamento: na medida em que a literatura engajada se afasta de seu objetivo estético e se aproxima das ciências sociais e da filosofia, ela permanece como literatura? Roland Barthes (1981) levanta justamente essa questão em *Critical Essays*:

Estará a nossa literatura para sempre condenada a essa oscilação exaustiva entre o realismo político e a ideia de arte pela arte, entre uma ética de engajamento e um purismo estético, entre o engajamento e ausência de arte? Ela deve ser sempre pobre (se ela for simplesmente ela mesma) ou envergonhada (se ela for qualquer coisa, a não ser ela mesma). Ela não pode ter um lugar próprio neste mundo? (BARTHES, 1981, p. 133, tradução nossa)⁸.

⁸⁸ Is our literature forever doomed to this exhausting oscillation between political realism and art-for-art's-sake, between an ethic of commitment and an esthetic purism, between com-promise and asepsis? Must it always be poor (if it is merely itself) or embarrassed (if it is anything but itself)? Can it not have a proper place in this world? (BARTHES, 1981, p. 133).

Os questionamentos de Barthes parecem indicar um esgotamento entre as teorias que sugerem uma cisão entre uma literatura estética e uma literatura voltada à realidade social. Nesse sentido, Antônio Candido, nas primeiras páginas de *Literatura e Sociedade*, nos coloca diante da questão da interferência do meio social na obra literária. No entanto, a proposta de Cândido é justamente estabelecer lugares distintos para a análise estética e crítica social dentro da crítica literária:

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem. (CANDIDO, 2008, p. 13)

Se para o autor, a análise estética é primordial para o objeto artístico, o meio é a chave pela qual a interpretamos. Nesse sentido, embora o engajamento social e político não seja uma exigência para a arte, só podemos compreendê-la, segundo Candido, considerando texto e contexto: o contexto social importa como elemento que desempenha certo papel na estrutura, não necessariamente como causa motivadora, mas, como um elemento da própria construção artística,

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. (CANDIDO, 2008, p. 13)

Seguindo sua argumentação, compreender a literatura como fenômeno de uma sociedade e determinado contexto não pode ser confundido como determinante de suas características, pois, somente quando decodificados como elementos da estrutura dos textos literários é que fatores sociológicos, históricos ou psicológicos se tornam legítimos:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. (CANDIDO, 2008, p. 15)

A primeira tarefa da crítica literária, em relação ao meio social, seria investigar a influência dos fatores socioculturais no sentido em que eles marcam os quatro momentos da produção, quando: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.” (CANDIDO, 2008, p. 30) Neste caso, ocorre uma interpretação estética que assimila a dimensão social como fator da criação artística: “Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica.” (CANDIDO, 2008, p. 21)

Dessa maneira, nos interessa analisar a literatura marginal enquanto expressão estética da periferia ao mesmo tempo em que compreendemos sua filiação a um compromisso social, seu local de produção e sua opção pelo engajamento.

5.3. Literatura marginal periférica: uma estética de engajamento

“Antes de mais nada, é muito bem escrito.” É dessa forma que Heloísa Buarque de Hollanda se refere à obra de Ferréz em *A questão agora é outra*.⁹ No artigo, Hollanda ressalta

⁹ HOLLANDA, Heloísa Buarque. **A questão agora é outra**. Maio, 2016. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-questao-agora-e-outra/>.

a importância de se legitimar a literatura marginal por seu caráter estético, por sua qualidade enquanto obra artística que garanta a inserção do gênero na crítica literária, não pela questão sociológica, mas pela complexidade, técnica e sensibilidade que os autores marginais inserem em suas obras:

Quando digo muito bem escrito quero dizer que é muito cuidado do ponto de vista do trabalho com palavra propriamente dita, uma evidente sofisticação no trato com a oralidade, tem um linguagem econômica e forte, uma levada voraz e uma estrutura narrativa bastante complexa. (HOLLANDA, 2016, sem paginação)

No entanto, não parece possível analisar a literatura marginal periférica sem levarmos em conta o projeto de intervenção política e social dos autores. Podemos afirmar, sem grande dificuldade, que se trata de uma literatura engajada. O engajamento dessas obras não está apenas no conteúdo ou nas formas de divulgação, mas em fatores internos ao texto, como a própria oralidade e características linguísticas da periferia, conforme vimos nos capítulos anteriores.

No poema *Flores de Alvenaria* (apresentado na íntegra no ANEXO I deste trabalho), de Sergio Vaz, publicado no livro homônimo e disponibilizado pelo autor em sua página no *Facebook*¹⁰, em maio de 2016, é possível perceber esse encontro de estética e crítica social:

Da-me tua mão amor
a madrugada tem olhos que machucam
e as ruas estão cobertas de pequenas estrelas
anunciando que o passado sombrio
caminha contra a liberdade do futuro.

Corpos negros sangram nas calçadas
e enquanto o asfalto trama o fim da paz
o sangue dos famintos escorre surdo
no rap triste e nas filas dos hospitais.
(VAZ, 2016, sem paginação)

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/1016757228403694>, consultado em dezembro de 2016.

O poema, entre muitos outros de Vaz, é um exemplo de qualidade literária pela sua fluidez e sensibilidade e é marcadamente periférico, até mesmo no sentido geográfico. Para Heloísa Buarque, a autoria dos escritores marginais é “*glocalizada*”, ou seja, sinaliza, em tempos de globalização, um lugar específico através de uma estratégia expressiva localizada, marcando determinada realidade (HOLLANDA, 2016, sem paginação):

No calendário os dias marcham com velhas botinas
é inverno em plena primavera, e o outono não tem fim
deixando marcas profundas em nossos corações
que sonhou ser orquídea com a mesma força do capim.
(VAZ, 2016, sem paginação)

A agonia do determinismo econômico na vida e nos sonhos dos moradores da periferia, ganha, na poesia de Vaz, uma metáfora singela: o capim não pode ser “orquídea”. Da mesma forma, a “orquídea” de Vaz não será orquídea, pois essas marcas sutis nos textos periféricos vão muito além do “erro” da ortografia: são pontos de ancoragem na fala e na escrita das populações periféricas, que defendem sua legitimidade para além da norma culta. Para Hollanda, a questão gramatical reflete num debate mais profundo, o direito ao uso da língua:

E aqui abro um parenteses para a reclamação recorrente da crítica mais reativa ao estatuto literário da literatura marginal que é o português incorreto. Esse certamente não é o caso de Ferréz nem ninguém o acusou disso. Mas é o caso alguns dos escritores da literatura marginal ou mesmo da reprodução de “erros” quando o texto ou o desenho de um personagem pede coloquialidade. Pessoalmente acho esse um debate interessante porque fala do direito ao livre uso da língua, de preconceitos lingüísticos e de muito mais do que o simples assunto gramatical pode sugerir. (HOLLANDA, 2016, sem paginação)

Ainda segundo a autora, a análise dessas obras sugere um “embaralhamento” muitas vezes identificado como um erro de concordância verbal:

E, para meu espanto, o mais freqüente, o grande , e talvez mesmo o único, problema gramatical “marginal” é a concordância verbal. Ou seja , o “nós troca idéia”. Me assustei. Esse é o nó da questão. Esse é um nó dessa estética. Todos juntos e misturados ou melhor, todos junto e misturado. O eu e o nós embaralhados, identificados, numa referência bem mais forte do que a ação que se segue. (HOLLANDA, 2016, sem paginação)

Quanto a esse local demarcado pela fala, a autora, analisando os contos de Ferréz, afirma que o escritor marginal se compromete com o “retrato de um território humano bastante definido”, onde ações se desenrolam na extensão de algumas ruas, muitas vezes dentro de um único bairro:

O narrador, por sua vez, me parecia tão comprometido com o local de sua fala que esta, de certa forma, se torna porosa e, portanto, excessivamente receptiva e aberta à dicção local. Assim como se o autor dividisse a autoria da obra com o território da ação. Muitas vezes temos a sensação de que aquela quebrada **fala** através do autor de seu relato. (HOLLANDA, 2016, sem paginação)

Para a autora, a literatura marginal, enquanto fenômeno social, é também uma nova forma de discurso, de escrita do outro, que pode ser interpretada por um leque sociológico amplo, pois tanto suas formas de produção, circulação e divulgação são temas caros aos estudos sociais. Sobre a qualidade narrativa a autora afirma:

Penso nos pequenos heróis de Ferréz, bem mais reais, porque na realidade não são heróis, são representantes de sentimentos e sentidos profundamente identificados entre si. Refugiam-se na semelhança de uma falta difícil de definir, da dor, “o mundão lá fora, a mágoa ali dentro”. Pura literatura. (HOLLANDA, 2016, sem paginação)

Se a estética da periferia também é resistência e se a crítica social não se dissocia da literatura marginal periférica, uma análise desse projeto literário deve levar em conta dois questionamentos centrais que surgem dessa proposta: por que se escreve? E para quem se escreve? Questões levantadas por Sartre em *Que é Literatura?*

5.3.1. Por que se escreve?

*As criança daqui, tão de Hk,
Leva no sarau e salva essa alma ai
Criolo*

Os estudiosos do tema, como exposto no capítulo primeiro deste texto, apontam para um sentido comum nos escritores estudados: a literatura da periferia se empenha em interpretar a sociedade e os mecanismos de exclusão tanto para definir sua própria imagem quanto para encontrar ferramentas de modificação de sua realidade, além de buscar o acesso das populações da periferia aos bens e representações culturais.

Ao ser questionado, em entrevista à Marília Gabriela, em 2010¹¹, sobre o motivo de sua escrita, o poeta Sergio Vaz responde de forma simples: “*a literatura salvou a minha vida*” (VAZ, 2010, sem paginação, transcrição nossa). Para Vaz, a literatura proporciona ao sujeito periférico o desenvolvimento de sua subjetividade, além de preencher um espaço de carência existencial e social:

Porque quando você tá na periferia você tem esse sentimento, você sabe que tem alguma coisa dentro de você, mas você não sabe explicar o que que é. Porque na classe média, uma pessoa rica, rapidinho ela vai fazer natação, vai fazer tênis, vai fazer piano, então ela desenvolve suas habilidades (...) mas na periferia da minha época não. Na periferia da minha época não tinha nada disso. (...) (VAZ, 2010, sem paginação)

Para o poeta, além do poder crítico presente na literatura, ela pode transformar a realidade das comunidades periféricas, criando novos espaços e novas referências:

¹¹ **Noticiário Periférico. Entrevista de Sergio Vaz com Marília Gabriela.** Disponível em: <http://www.noticiario-periferico.com/2010/06/marilia-gabriela-entrevista-sergio-vaz.html#.WBiGWvkrLIU>, transcrição nossa.

Eu acho que a literatura me deu esse poder de indignação, né, eu acho que é uma coisa natural do artista, de querer lutar, de querer mudar, de não aceitar aquilo que foi imposto, né, e realmente brigar por isso, então eu acho que daí nasceu a minha vontade de fazer tudo isso que a gente vem fazendo agora. (...) Eu acredito que arte tem esse poder de transformação, até porque as referências da periferia são outras, de outros lugares, às vezes um traficante é admirado pelo poder que ele tem, dentro do bairro por caminhar com um fuzil, uma arma e de repente o jovem quer ser como ele também, porque o jovem tá sujeito a esses exemplos. Por outro lado, ele tem ali o poeta, o cara que toca samba, o cara que faz rap. Então hoje mudou bastante, hoje tem outras referências. Então a arte quando chega, ela transforma esses lugares. (VAZ, 2010, sem paginação)

O motivo da escrita é uma pergunta recorrente a esses autores comprometidos com as questões sociais. Em entrevista ao site *Jornal Opção*¹², Marcelino Freire responde à questão semelhante:

Olha, eu escrevo para me vingar. Eu escrevo porque sou um covarde. Eu não tenho forças para pegar em armas. Sou péssimo, não sei atirar. Adoraria, em alguns momentos, tocar fogo em meu próprio corpo. Eu entendo uma pessoa que está tão revoltada que taca fogo no próprio corpo e sai correndo na rua. Eu tenho muito medo. Como sou muito covarde, eu escrevo. Eu escrevo para não me sentir tão bundão. Para me vingar do governo, de algo que não vai bem, para entender os absurdos à minha volta. Não é nem para denunciar. Quem sou eu para denunciar, para apontar dedo para alguém. Eu não escrevo para julgar nada. Eu escrevo como alguém que fotografa uma cena, e deixa que o leitor compactue e veja, tire suas próprias conclusões, impressões, pulsações daquilo. (FREIRE, 2015, sem paginação)

Assim como Marcelino Freire, a produção literária de Ferréz e Sergio Vaz já alcança as grandes editoras e grandes marcas de livrarias. Ainda assim, esses escritores continuam publicando gratuitamente grande parte de seus trabalhos nos *blogs* e páginas analisadas ao longo desse trabalho, entre outras. O que sugere certa preocupação em manter sua literatura em circulação por meios menos mercadológicos, para que se assegure seu caráter de luta e transformação social. Essa característica nos leva a segunda pergunta indicada por Sartre: escrever para quem?

¹² **Jornal Opção: Entrevista com Marcelino Freire.** Por Sarah Teófilo. Fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/movido-pelo-aperreio-marcelino-freire-da-um-belo-vexame-literario-eu-escrevo-e-palavras-socorrem-27648/>. Consultado em outubro de 2016.

5.3.2. Para quem escrever? Questões de público e mercado

A questão mercadológica também não pode ser ignorada quando pensamos a produção cultural da literatura periférica, afinal, como esses autores se relacionam com o mercado editorial ao mesmo tempo em que mantêm sua proposta de uma emancipação cultural da periferia? Mesmo sendo uma literatura combativa, seus autores estão vinculados a editoras e suas obras são produtos que circulam pelo mercado literário.

Néstor Garcia Canclini questiona, em *Culturas Híbridas*, essa relação entre as vanguardas contemporâneas e a circulação pelo mercado editorial. Para o autor, os últimos anos do século XX apresentaram uma grande contradição entre a inovação cultural, a experimentação e a democratização da arte, como se houvesse uma cisão entre a autonomia da criação e projetos emancipadores no mundo artístico:

É possível continuar afirmando, como Habermas, que a modernidade é um projeto inconcluso, mas realizável, ou devemos admitir – com os artistas e teóricos desiludidos – que a experimentação autônoma e a inserção democratizadora no tecido social são tarefas inconciliáveis? (CANCLINI, 2009, p. 51)

É dentro dessa contradição que levantamos algumas questões a respeito da literatura marginal periférica. Percebemos que, com o aumento da visibilidade das produções literárias da periferia, aumentaram também o número de iniciativas no sentido do incentivo à produção de livros e revistas com a intenção de participar do mercado de forma mais autônoma. Além disso, o número de obras literárias disponibilizadas por esses autores na internet, ao mesmo tempo em que cumpre uma proposta de divulgação gratuita e democrática dos bens culturais, faz com que essa produção ultrapasse os lugares originalmente pensados e circule nos mais variados nichos culturais e socioeconômicos, universalizando a literatura marginal e a estética periférica.

Nesse sentido, Canclini entende que mudar as formas de produção e distribuição das obras de arte é uma atitude “desafiadora”. Para o autor, “um escultor que decide fazer obras com terra, ao ar livre, não colecionáveis, está desafiando os que trabalham nos museus, os artistas que aspiram expor neles e os expectadores que veem nessas instituições recintos supremos do espírito” (CANCLINI, 2009, p. 40)

Se relacionarmos o pensamento de Canclini com o caso da literatura marginal, percebemos que a própria opção estética de uma literatura “feita de rua”, nas palavras de Ferréz, defende uma postura de autonomia frente aos críticos mais conservadores, assim como, ao disponibilizar grande parte de suas obras sem o controle do estado ou dos grupos midiáticos tradicionais, esses autores “desafiam” essas instituições e criam uma “brecha” na lógica dos mercados globalizantes (CANCLINI, 2009, p. 69):

A nossa literatura é marginalizada, mesmo estando em grandes editoras, porque um ladrão não deixa de ser ladrão porque roubou um banco, então o crime do raciocínio crítico que a gente promove ainda é crime. Não engrossamos a fila desses tipos, não pertencemos a esse mundo, enquanto eles discutem quem vai ganhar tal prêmio, a gente tá preocupado com a próxima chacina, com o próximo mano que não vai voltar pra casa. (FERRÉZ, 2016, sem paginação)

Embora não seja possível afirmar que a literatura marginal periférica possa, por si mesma, modificar o cenário de exclusões vivenciados nas periferias, toda a sua produção - desde a escolha dos temas, as formas de escrita e os processos de produção e circulação - aponta para um projeto de democratização dos bens culturais e para uma tentativa de emancipação da subjetividade do sujeito periférico.

Para Canclini, a emergência de múltiplas exigências nos centros urbanos das últimas décadas, ampliada pela diversificação de órgãos e movimentos sociais étnicos, juvenis, feministas, ecológicos, entre outros, ao mesmo tempo em que promove a mobilização social, acabam se fragmentando em processos cada vez mais difíceis de totalizar (CANCLINI, 2009, p. 288). Nesse sentido, a própria dinâmica em torno da literatura periférica, como os saraus da *Cooperifa*, a *Balada Literária*, os eventos de hip-hop, palestras e programas sociais desenvolvidos por Ferréz, Vaz, Freire e outros autores que participam dessa teia literária, criam também novas formas de sociabilidade dentro da periferia, através da ocupação do

espaço público e da intervenção estética dentro das próprias comunidades onde esses escritores vivem e escrevem.

Dessa forma, embora não exista ainda um estudo sistemático sobre a distribuição da literatura marginal e qual é efetivamente o perfil de seu leitor, podemos concluir que tanto por suas especificidades estéticas quanto pela sua livre distribuição em redes sociais e blogs gratuitos na internet, a literatura marginal periférica se faz voltada para os leitores das periferias urbanas. Para Canclini, apesar da lógica de expansão e segmentação do mercado, os movimentos culturais e políticos de esquerda geram ações opostas, destinadas a socializar a arte, comunicar as inovações do pensamento a públicos majoritários e fazê-los participar, de algum modo da cultura hegemônica:

Gera-se um confronto entre a lógica socioeconômica do crescimento do mercado e a lógica voluntarista do culturalismo político que foi particularmente dramático quando se produziu no interior de um mesmo movimento e até das próprias pessoas. Aqueles que estavam realizando a racionalidade expansiva e renovadora do sistema sociocultural eram os mesmo que queriam democratizar a produção artística. (CANCLINI, p. 86)

Nesse sentido, como vimos anteriormente, a literatura marginal periférica coleciona uma série de iniciativas, como a *Cooperifa*, *IdaSul* e a *Balada Literária*, além de projetos pontuais em escolas públicas, palestras, oficinas, encontros e saraus:

Sintoma de uma militância cultural inseparável da criação literária. Junto com Brown, Ferréz cria o movimento 1 DASUL, uma usina cultural que, entre outras atividades, tem um selo musical próprio e uma grife de moda chamada *Irmandade* (um conceito fundamental da cultura hip hop) que hoje já se desdobra em empregos, produtos, pontos de venda. São inúmeras as atividades políticas e educacionais de Ferréz no Capão indissolavelmente ligadas ao sentido de sua atividade como escritor. (HOLLANDA, 2016, sem paginação)

Para Ferréz, não existe contradição entre seus projetos literários e a distribuição de seus livros, pois, a maneira como se situa no mercado editorial busca burlar os esquemas de distribuição das grandes editoras. Na entrevista, já citada, ao site *Candido: Jornal da biblioteca pública do Paraná* o autor se posiciona sobre essa questão: “É simples, eu não

tomo cafezinho com o dono da editora, não estou do lado dos donos nem dos assessores, não estou no mercado restrito do livro”¹³. Para garantir a prática de seu posicionamento, o autor aposta na autogestão da periferia com a *IdaSul*, além de divulgar seus trabalhos na internet e em eventos literários. Em entrevista ao site *Canto dos Livros*, divulgada por Ferréz em seu *blog*, em julho de 2011, o autor explica como funciona a distribuição de seus livros¹⁴:

Funciona com muita engenhosidade e com muita alegria, apesar do corre que é levar livro em mochila, ir de ônibus para evento e tal. Mas quando o livro vai para a mão de quem tem que ir, desde um sarau, onde você alcança o público direto, até show, onde o público é feito um a um na hora da saída. Quem tem força para esse trampo recebe muitos sorrisos e o melhor, lida com o seu público. (FERRÉZ, 2011, sem paginação)

Outra iniciativa que merece destaque é a criação de pequenas editoras, como o caso do *Coletivo Selo Povo*, idealizado por Ferréz, em 2000, como uma cooperativa literária, com o objetivo de difundir a literatura e possibilitar aos autores periféricos que publicassem seus livros. No site da editora¹⁵, encontramos a seguinte apresentação: “O Selo povo lança autores que o povo precisa ler. Queremos mostrar uma realidade das margens. O critério é ser uma boa leitura, ter compromisso com o texto e passar uma mensagem que conduza para uma melhoria na vida de quem lê”. Na entrevista à Biblioteca do Paraná, Ferréz explica como a editora seleciona seus autores e livros e como acontece o trabalho de editoração e divulgação:

Com as três revistas que lançamos desde 2000 nas bancas, já temos mais de 45 autores e agora estamos editando o quinto livro pelo Selo Povo, de um menino de Itapeerica da Serra, chamado Wesley Barbosa. Ele tem 22 anos e até final do ano sai seu livro, que é um trabalho de militância pela cultura, mas, principalmente, para que o novo surja. Somos críticos e editamos o livro com muita cobrança, para que os autores permaneçam no mercado e consigam seguir suas carreiras. A periferia é muito mais cobrada, então temos que prestar atenção nisso. Temos, como toda editora pequena, problemas na distribuição, mas a gente supera isso fazendo o caminho inverso, transformando cada leitor e escritor num multiplicador, então assim vai caminhando. (FERRÉZ, 2016, sem paginação)

¹³Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1023>, consultado em junho de 2016.

¹⁴Disponível em: http://ferrez.blogspot.com.br/2011_07_01_archive.html, consultado em junho de 2016.

¹⁵Disponível em: <https://medium.com/coletivo-selo-povo>, consultado em dezembro de 2016.

Em seu *blog*, Ferréz explica a motivação da editora¹⁶:

Selo feito para livros de bolso, livros esses escritos por e para mãos operárias, rebeldes, marginais, periféricas.

Que possa alcançar o público despossuído de recurso que geralmente vê o livro como um item raro e elitista.

Um vinho guardado e nunca degustado, enquanto queremos que todos bebam pelo menos sua tubaína diária.

Um selo em um livro de bolso, para ser posto na sexta básica, para ser lido na rua, no horário de almoço, nas prisões, nos acampamentos, nas zonas, nos bares, barracos e barrancos desse imenso país periferia.

Esse selo garante um livro de fácil leitura e que será lido, relido, emprestado, e gasto, andando de mão em mão até que volte para onde veio, a vida.

Ao preço de 1 cerveja e meia, e mais barato que um prato feito, a desculpa para não ler acabou.

Bem vindo ao Selo Povo, feito pra você e pra todo mundo.

(FERRÉZ, 2009, sem paginação)

É clara a intenção do projeto e o envolvimento com o público periférico. Embora as obras de Marcelino Freire, Sérgio Vaz e Ferréz ultrapassem esse público idealizado, principalmente quando chegam às grandes livrarias ou quando circulam sem nenhum tipo de controle ou limite territorial pela internet, os próprios autores criam mecanismos de acesso a suas obras e de incentivo a novas produções literárias, ultrapassando o entretenimento e sendo um agente de transformação social.

¹⁶ Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/2009/03/o-que-e-o-selo-povo.html>, consultado em dezembro de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo deste trabalho, a emancipação, tanto do indivíduo, quanto da sociedade como um todo, depende da ampliação de espaços que promovam possibilidades de significação e representação ao mesmo tempo em que permita uma participação democrática efetiva.

Nesse sentido, embora a internet não resolva por ela mesma as mazelas sociais do capitalismo tardio, percebemos que seu uso como ferramenta de democratização política e cultural, principalmente entre as populações periféricas, não só é possível, mas, fundamental para criar laços de pertencimento e representação.

No caso da literatura marginal periférica, o uso dessas tecnologias foi essencial para expandir a circulação das obras literárias, pois, como vimos anteriormente, Ferréz, Sérgio Vaz e Marcelino Freire são autores que se lançaram na carreira literária com livros independentes, bancando seus próprios projetos. A internet foi, sem dúvida, uma grande aliada para a divulgação e ampliação da visibilidade desses autores. Através de *blogs* e perfis nas redes sociais, esses escritores também divulgam trabalhos de vários artistas ligados à periferia, desempenhando atividades culturais conjuntas.

A ficcionalização das condições de vida nas situações de marginalidade, e as representações da periferia feitas por Sérgio Vaz, Marcelino Freire e Ferréz, permite também o resgate da significação dos sujeitos marginalizados e de sua estética cultural própria. Além disso, inaugura uma vertente literária com aspectos próprios das periferias, um novo perfil de escritores com a constante preocupação de serem lidos por esse público.

Além de uma produção literária engajada, iniciativas como a *Cooperifa*, *Balada Literária*, *Poesia nos Muros*, *IdaSul*, *Selo Povo*, saraus e inúmeros eventos ligados à literatura, educação, cultura mostram que o ativismo de Ferréz, Sergio Vaz e Marcelino Freire, ultrapassa a obra literária e se torna um agente transformador das realidades sociais.

Essas iniciativas, amparadas largamente pelas novas tecnologias de informação, demonstram que a literatura marginal participa efetivamente de movimentos sociais em rede. As redes literárias virtuais formadas por Marcelino Freire, Ferréz e Sérgio Vaz parecem despontar como importantes espaços nos quais demandas individuais e de grupos

marginalizados podem ser identificadas e partilhadas como coletivas, permitindo a cooperação, a melhoria das condições de vida e a ampliação da possibilidade de ações, através de projetos sociais e de uma produção literária provocativa, que nas palavras de Ferréz, se torna “uma centelha de esperança e não de comodismo”.

Percebemos a literatura como uma cena complexa onde estética e engajamento se aliam e criam brechas na lógica do capitalismo global. A maneira como os autores utilizam a internet aponta para um caminho otimista de democratização e pluralização da cultura, ao mesmo tempo em que viabilizam a expansão de suas obras, a ressignificação do sujeito e a estética periférica aos mais variados perfis de leitores.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Sonia. **Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas**. Informação & Informação, Universidade Estadual de Londrina, Vol. 12, Edição especial, 2007. Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=39>. Acesso em: Maio de 2015.

ANTUNES, Ricardo. **As rebeliões de Junho de 2013**. In.: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - OSAL Observatorio Social de América Latina, Ano XIV N° 34, Cidade do México: Novembro de 2013

ARAÚJO, José Prata. **Manual dos Direitos Sociais da População; as reformas constitucionais e o impacto nas políticas sociais**. Belo Horizonte/MG: Editora e Gráfica O Lutador, 1998.

BARTHES, Roland. **Critical Essays**. Northwestern University Press, 1981.

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini de. **A escrita dramática da marginalidade em Marcelino Freire**, Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 71-80, jul./dez. 2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Companhia das Letras, São Paulo:1986.

BERND, Zilé. **Colocando em xeque o conceito de literatura nacional**. In. Relações Literárias Interamericanas: Território e Cultura. NORONHA, Jovita M. G. (orgs), Ed, UFJF, 2008.

BOITO, Armando. **O impacto das manifestações de junho na política nacional**. *Brasil de Fato*, 02/08/13

BRAGA, Ruy. **Sob a sombra do precariado**. In: MARICATO, Ermínia. *Cidades rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BRANDILEONI, Ana Paula Franco N. e OLIVEIRA, Vanderlei da Silva. **A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do Testemunho**. *Navegações*, v. 7, n. 1. Jan. – Jun, Paraná, 2014.

BORGES, J.L. **O livro de areia**. In: Obras completas de Jorge Luis Borges. vol. 3. São Paulo: Globo, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2015.

CANDA, Cilene do Nascimento. **As finalidades da Arte: Autonomia e Liberdade na estética Hegeliana**. *Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil*, v.2, n.2, dezembro / 2010.

CANDIDO, Antônio. **Dialética da Malandragem**. Disponível em:
<http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/leitura/DIALETICA_MALANDRAGEM.rtf
> acesso em: outubro 2012

_____. **Literatura e sociedade – estudos de teoria e história literária**.
São Paulo: Nacional, 2000.

CHALLOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHAVES, Luana H., OLIVEIRA, Jerônimo Dantas e SILVA, Lucuana M. **O ódio na prática: Reflexões acerca da narrativa de Manual Prático do Ódio de Ferréz**. Revista Baleia na Rede: Estudos em arte e sociedade. Vol. 1, nº 7, Ano VII, Dez/2010, São Paulo, 2010. Disponível em:
<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1498/1302>,
consultado em março de 2015.

CHAUÍ, Marilena. **O inferno urbano e as políticas de favor, cooptação e tutela**. Publicado em 27/06/2013, disponível em : <http://www.viomundo.com.br/denuncias/marilena-chau-i-o-inferno-urbano-e-a-politica-do-favor-clientela-tutela-e-cooptacao.html>

COUTINHO, Afrânio (org.) **A literatura no Brasil** 4ª edição, São Paulo, Global, 1997.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro: 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 26. Brasília, julho-dezembro de 2005. P. 13-71.

DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Bauru, EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ESTEVAM, Mariana. **Literatura e Política de ontem e hoje: vínculos e fronteiras movediças entre dimensão literária e esfera política**. Curso (30 horas) apresentado no Instituto do Legislativo Paulista (ILP) da ALESP, de 16/8/2011 a 13/9/2011, disponível em:
http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21075_arquivo.pdf, consultado em janeiro de 2017.

FELIPPE, Maria Alice Sena e FERREIRA, Rogério de Souza Sérgio. **Discursos e suportes literários informatizados atribuem a autor e leitor novos papéis?** IPOTESI, Juiz de Fora, v. 14, n.1, 21-30, jan.-jun. 2010.

FERNANDA, Isabela. **Literatura marginal brasileira rompendo barreiras a nível internacional**. In.: Literatortura.com, janeiro de 2016. Disponível em: <http://literatortura.com/2013/06/literatura-marginal-brasileira-rompendo-barreiras-a-nivel-internacional/>

FERRÉZ. **Terrorismo Literário**. In: (org.) **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____ **Manual Prático do Ódio**. São Paulo, Editora Objetiva, 2003.

_____ **Os ricos também morrem**. São Paulo: Planeta, 2014.

_____ **Deus foi almoçar**. São Paulo: Planeta, 2012.

FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FOUCALT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

GONZAGA, Sérgio. **Literatura Marginal**. In.: FERREIRA, João Francisco (org.). **Crítica Literária em nossos dias e literatura marginal**. Editora da Universidade UFRGS, Porto Alegre: 1981.

JAMESON Fredric. **Pós-Modernismo - A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**, São Paulo: Ática, 2002

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de estética**. Tradução: Marco Aurélio Werle. Edusp: São Paulo, 2001.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **A questão agora é outra**. Maio, 2016. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-questao-agora-e-outra/>.

HOSSNE, Andrea Saad. **Depoimento ao programa Mundo da Literatura: tradição**. Produção de Ricardo Soares. São Paulo, Rede STV, 2003.

KEEN, Andrew. **O culto do amador: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2009.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Francesco Jordani Rodrigues. **Cantos e cantares em Contos negreiros, de Marcelino Freire**. Via Atlantica: 2008, São Paulo. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/50089/54208>, consultado em maio de 2015.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a nova desigualdade**. São Paulo, Paulus, 2003.

MACHADO, Anny Karine Novaes. **Literatura: espaço de lutas antagônicas?** Em: Anais da ANPUH, 2010. Disponível em:

http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2017%20-%20Anny%20Karine%20Matias%20Novaes%20Machado%20e%20Luciano%20Barbosa%20Justino%20TC.PDF

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 1, Universidade Federal de Pernambuco: 2001. P.79-111.

MIRANDA, Waldilene Silva. **Diálogos possíveis: do rap à literatura marginal**. DARANDINA revisteletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – volume 4 – número 1, 2011.

MUCCI, Latuf Isaias. **Para uma retórica do hipertexto**. IPOTESI, Juiz de Fora v. 14, n.1, p.11-20, jan./jun. 2010.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009.

NELSON, T.H. **Literary Machine**, http://www.literarymachine.com/Im_index2html, acesso em março de 2016.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. **Literatura marginal: questionamentos à teoria literária**. Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>.

PENHA, João. **Atualidade e permanência de Sartre**. Revista Cult, Editora Bregantini: 2016. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/atualidade-permanencia-sartre/>, consultado em Janeiro de 2017.

PEREIRA, C. A. Messeder. **Retrato de época: poesia marginal dos anos 70**. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, 1981.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América**. Edusp, São Paulo: 2009.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

REZENDE, Beatriz. Contemporaneos: **Literatura Brasileira no século XXI**. Casa da Palavra. Rio de Janeiro, 2008.

TAVARES, Wellington e De PAULA, Ana Paula Paes. **Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de Organização de Ações Coletivas no Ciberespaço**. RIGS, Universidade Federal da Bahia, v.4, v.1, jan./março 2015, p. 209-230. Disponível em: http://www.rigs.ufba.br/pdfs/RIGS_v4_n1_art10.pdf, consultado em abril de 2015.

ROMÃO, Wagner de Melo. **As Manifestações de Junho e os desafios à participação Institucional**. In.: Boletim de Análise Político-Institucional / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – n.2 (2013) - Brasília :Ipea, 2013

ROSATI, Luiz Alfredo Reis. **Ficções brasileiras atuais – literatura e realidade**. 2003. 95 fl. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Porto Alegre: Edições Afrontamento, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura?** Ed. Ática, 3ª Edição, São Paulo:2004.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira Contemporânea**. São Paulo, Ed. Covilização Brasileira: 2006.

SERGIO FERREIRA, Rogério de Souza. **Os intelectuais e a internet**. Crop, 8, 2002. Disponível em: <http://200.144.182.130/revistacrop/images/stories/edicao8/v08a21.pdf>, consultado em janeiro de 2017.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: **Classes e ideologias cruzadas**. In.: Novos estudos - CEBRAP no.97 São Paulo Nov. 2013, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000300003&script=sci_arttext&tlng=es#back6

SOUZA, Eneida Maria de. **A teoria em Crise**. In: *Crítica Cult*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

VAZ, Sergio. **A poesia dos Deuses Inferiores – a biografia poética da periferia**. Taboão da Serra, Produção independente, 2004.

_____. **Colecionador de pedras**. São Paulo: Editora Global, 2007.

WHITAKER, F. **Rede: uma estrutura alternativa de organização**. CEDAC/ Ano 2/ nº 3, 1993, 12 p. Disponível em: http://inforum.insite.com.br/arquivos/2591/estrutura_alternativa_organizacao.PDF, acesso em junho de 2015

WELLE, Deutsche. **Literatura marginal brasileira ultrapassa a fronteira da periferia.** In.: Carta Capital, junho de 2013. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/cultura/literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias-5314.html>.

ZIBORDI, Marcos. **Literatura Marginal em Revista.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, 24: 69-88, 2004

SITES CONSULTADOS:

Correio Brasiliense:

http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/07/10/internas_polbraeco,489692/casos-de-linchamento-se-espalham-pelo-brasil.shtml.

Cândido Jornal da Biblioteca Pública do Paraná: Entrevista Ferréz – A quebrada sou eu.

<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1023>

_____ - **Algo em mim quer dar vexame: entrevista com Marcelino Freire.**

<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=360>

Facebook:

<https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2?fref=ts>

<https://www.facebook.com/ferrez.escritor?fref=ts>

<https://www.facebook.com/marcelino.freire.79?fref=ts>

Ferrézblogspot: <http://ferrez.blogspot.com.br/>

Goiânia: Protesto contra aumento da passagem fecha a rua e abre caminhos. Passa

Palavra. Visitado em 23 de dezembro de 2014. Disponível em:

<http://passapalavra.info/2013/05/77238>.

Jornal Opção: Entrevista com Marcelino Freire. Por Sarah Teófilo. Fevereiro de 2015.

Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/movido-pelo-aperreio-marcelino-freire-da-um-belo-vexame-literario-eu-escrevo-e-palavras-socorrem-27648/>

Redução de tarifas no transporte público. Estadão. Visitado em Janeiro de 2014.

Disponível em: politica.estadao.com.br/noticias/geral,haddad-e-alcmin-anunciam-reducao-de-tarifas-do-transporte-publico-em-sp,1044416.

Noticiário Periférico. Entrevista de Sergio Vaz com Marília Gabriela.

Disponível em: <http://www.noticiario-periferico.com/2010/06/marilia-gabriela-entrevista-sergio-vaz.html#.WBiGWvkrLIU>

O Colecionador de Pedras: <http://coleccionadorpedras2.blogspot.com.br/> e <http://coleccionadorpedras1.blogspot.com.br/> .

Ossos do Ofídio: <https://marcelinofreire.wordpress.com/>.

ANEXOS

ANEXO I:

Poesias e contos de Sergio Vaz, citadas no texto, que não foram apresentadas na íntegra:

Somos Nós

Vocês dizem que não entendem
Que barulho é esse que vem das ruas
Que não sabem que voz é essa
que caminha com pedras nas mãos
em busca de justiça, porque não dizer, vingança.
Dentro do castelo às custas da miséria humana
Alega não entender a fúria que nasce dos sem causas,
dos sem comidas e dos sem casas.
O capitão do mato dispara com seu chicote
A pólvora indigna dos tiranos
Que se escondem por trás da cortina do lacrimogêneo,
O CHICOTE ESTRALA, MAS ESSE POVO NÃO SE CALA..
Quem grita somos nós,
Os sem educação, os sem hospitais e sem segurança.
Somos nós, órfãos de pátria
Os filhos bastardos da nação.
Somos nós, os pretos, os pobres,
Os brancos indignados e os índios
Cansados do cachimbo da paz.
Essa voz que brada que atordoa seu sono
Vem dos calos da mãos, que vão cerrando os punhos
Até que a noite venha

E as canções de ninar vão se tornando hinos
Na boca suja dos revoltados.
Tenham medo sim,
Somos nós, os famintos,
Os que dormem na calçadas frias,
Os escravos dos ônibus negreiros,
Os assalariados esmagados no trem,
Os que na tua opinião,
Não deviam ter nascido.
Teu medo faz sentido,
Em tua direção
Vai as mães dos filhos mortos
O pai dos filhos tortos
Te devolverem todos os crimes
Causados pelo descaso da sua consciência.
Quem marcha em tua direção?
Somos nós,
os brasileiros
Que nunca dormiram
E os que estão acordando agora.
Antes tarde do que nunca.
E para aqueles que acharam que era nunca,
agora é tarde.

Flores de Alvenaria

Da-me tua mão amor
a madrugada tem olhos que machucam
e as ruas estão cobertas de pequenas estrelas

anunciando que o passado sombrio
caminha contra a liberdade do futuro.
A neblina tem olhos que delatam
e noites sem pão nem flores
querem de novo sentar à nossa mesa
já tão farta de antigas dores.
Corpos negros sangram nas calçadas
e enquanto o asfalto trama o fim da paz
o sangue dos famintos escorre surdo
no rap triste e nas filas dos hospitais.
No calendário os dias marcham com velhas botinas
é inverno em plena primavera, e o outono não tem fim
deixando marcas profundas em nossos corações
que sonhou ser orquídea com a mesma força do capim.
Não te larga de mim amor
entre cegos e tiranos modernos
entre rosas e espinhos
de mãos dadas tenho força pra caminhar.
O vento sopra os fantasmas para as praças
o ódio com gás é servido nas mesas dos bares
os lobos clamam a carne da desgraça,
e sorrir já não é permitido em nossos lares.
Chama teu amigo amor
a irmã do teu irmão
a amiga do teu amigo
do prédios altos às flores de alvenaria
chama todo mundo
seja lá quem for.
Eles não sabem que te tanto sangrar
Nessa pele dura de nossas mãos calejadas
escorre vinho em nossas veias
e se servem na taça que a vida está por um triz

cantemos em nossa festa:

bora lutar

bora ser feliz.

ANEXO II

Esse anexo apresenta alguns dos contos de Ferréz, analisados ao longo do texto, que não foram apresentados na íntegra:

Fui pra rua

Chegou e entrou pelo corredor com tijolos à vista e o piso cheio de buracos. Pediu para abrir a tranca, o responsável demorava a chegar, gritou para alguém abrir e finalmente uma senhora, negra, 45 anos de idade, aparece, tira uma peça de ferro da cintura, parecida com uma chave de roda e, ao girar a peça, a porta abre e ele entra.

Na porta, alguém se apresenta, branco, alto, cabelo curto, não pega na mão.

– Estou vendo alguém para ficar com eles.

Uma mulher se aproxima, diz para o jovem branco que tem um substituto, ele insiste em outro, parece que ninguém quer a missão de ter de ficar com os alunos.

– Pra mim é tranquilo, eu dou conta, não precisa da presença de um professor, se vocês quiserem.

– Você não conhece os alunos, não tem noção do que eles são.

Ele insiste que não precisa de ninguém, pergunta se os livros da mala estão na mesa.

– Estão, aviso sempre eles, “não rasga o livro, não risca, do jeito que está vai voltar para outros usarem”.

Ele contra-argumenta.

– Não precisa disso, senhora, todo mundo tem direito de rasgar um livro se quiser, livros não são só para serem amados, tem livro que é horrível, então, para quem num teve contato nenhum, tudo vale.

– Mas o senhor não sabe, eu lido aqui com traficante, com ladrão de carro, com furto mesmo, e sei do que tô falando, falo pra eles que o livro tem chip, que a gente sabe onde tá cada um.

Ele ouve essa nojeira saindo da boca dela, um monte de lixo como o que tem na margem da represa do próprio Grajaú, o mesmo monte de lixo que ele vê nas esquinas quando foi pro Guacuri. Olha para o pátio e não vê ladrões, assassinos, menores, vê crianças querendo ter uma oportunidade de aprender.

O pátio está imundo, ele anda com a mala de livros. Desde que decidiu fazer um projeto para estimular a leitura, nunca pensou que seria assim, que voltaria tão desgostoso de cada evento. Foi ao banheiro, procurou uma privada para urinar, mas só existiam buracos no chão, olhou para a mala com os livros, que sentido fazia tudo aquilo? Deixou a mala no banheiro e saiu da escola.

Dona Otacília está na fila há algumas horas, faz 10 minutos está esperando o banheiro desocupar, o lugar tem um cheiro horrível, mas lhe disseram que aquele era o hospital que ia resolver seu problema, por isso pegou três ônibus para chegar.

Uma senhora que estava visivelmente em situação de rua saiu do banheiro, parece que tomou banho, Dona Otacília entrou e não conseguiu usar, saiu novamente.

– Aqui é assim mesmo, vêm os mendigos e usam o banheiro, esse hospital tá uma bagunça.

– Sei.

A senhora olhava para Dona Otacília, admirava seus cabelos arrumados, enquanto ela usava touca e estava suada, Otacília olhou e resolveu perguntar.

– A senhora está bem?

– Tô não, minha filha, cheguei a ficar numa maca, mas fui no banheiro e alguém pegou.

– Nossa, então a senhora está internada aqui? Por que está nas cadeiras de consulta?

– Não tem espaço lá dentro, o corredor precisa estar livre, senão eles fecham o hospital. Então, me mandaram achar outro lugar.

– E como a senhora se alimenta se está doente? Eles trazem aqui?

– Como não tô internada oficialmente, eu saio e compro algo, depois vão me pôr no soro.

Dona Otacília acha um absurdo, mas não consegue mais conversar quando chamam seu número. Dez minutos depois ela está no ponto de ônibus.

– A senhora tem que ir a um posto, uma UBS, aqui não internamos nem tratamos sem encaminhamento, pega no posto e volta se eles mandarem uma senha com a senhora.

– Mas moça, o posto tá demorando mais de ano para essa senha, nunca chega a vez da gente e eu tô com muita dor.

Não adiantou argumentar. Dona Otacília espera o ônibus sentido bairro.

O professor chega cedo, a sala dos professores está trancada. Ele pergunta à funcionária por quê, ela diz que chegaram livros para uma tal de biblioteca, e agora vai ficar trancada até quando arrumarem lugar para pôr aquele monte de papel.

Suas pernas doem, ele veio de outra escola, onde deu aula por quatro horas.

Olha para o colégio, mato em excesso em todo lugar, carteiras quebradas nos corredores, alunos passando e esbarrando nele, logo ele que tentou fazer ali um sarau, ao qual nenhum professor compareceu, que tentou fazer um mutirão de pintura e só dois alunos vieram.

Olhou para sua ficha de presença, pegou e jogou no lixo, saiu pela porta da frente da escola e não olhou para trás.

Sua mãe lhe bateu pela última vez. A alguns metros daquele barraco, ele nunca mais ia voltar, caminhou até o chinelo ficar manchado de suor e lama.

Chegou no centro da cidade, sentou em frente ao Teatro Municipal, olhou para o céu pela primeira vez na vida e pediu a Deus para que arrumasse um lugar para pelo menos dormir.

Uma multidão começou a passar por ele. Era um tal de protesto, alguém gritou, ele entrou no meio.

Igor já estava cursando Sociologia na USP havia dois anos, não entendia por que as pessoas não acordavam, esses milhões para a Copa do Mundo, essa roubalheira toda, seriam mais que motivos. Resolveu ligar para James, seu amigo anarco-punk, iriam tomar um trago logo depois das aulas. James veio com algumas folhas, explicou que estavam num movimento pela redução da tarifa da condução, Igor se juntou a ele de imediato, lembrou do que disse um palestrante.

Um dia, por um menino apanhando de um policial, uma senhora sem atendimento médico, isso pode gerar uma comoção, ou esse ou outro ato qualquer pode começar uma revolução.

Sobre Pássaros e Lobos

Acordou com muita dor de cabeça. Existe muita propaganda para cerveja, mas nenhuma para ressaca.

Colocou sua calça jeans Levi's, vestiu sua camisa Onbongo, pegou o Motorola na mesa, sua carteira da Britt, seus óculos da Ray-Ban, sua chave com chaveiro do Corinthians, e finalmente vestiu seu tênis Nike clássico, modelo couro, com sola desenvolvida pela tecnologia da Nasa e cadarços antideslizantes. Pegou o ônibus da Mercedes e antes de descer no ponto com propaganda da Riachuelo viu 28 placas dos mais diversos produtos. Ao seu lado, um cara usando terno Armani, com sapatos Le Blond, e uma pasta da Past-up, e ainda com um MP4 superior. Mas não foi isso que o irritou, foi saber que dentro da pasta havia com certeza um laptop. Sempre quis ter um, mesmo que não pense em escrever ou nada disso, mas um laptop, ah! Seria legal ter um. Uma palavra tão bonita, só perdia para palmtop, essa era mais elegante.

Desceu em frente ao America, cruzou a rua e entrou, um hot dog, uma Coca-Cola, 29 reais depois ele sai.

Pensa em ter um carro, apóia o governo, pois ele está ajudando as financeiras de carro, isso é muito legal, com 48 ou 72 prestações daria para comprar um, por que não? Todo mundo tem.

Num lugar onde seu sobrenome é o que você possui, nada mais cômodo. O Gil da 7 galo.

O Francisco da Hilux.

O Miltinho do Opala.

Se tivesse uma Dakota queria ver quem ia entrar na frente, pedestre nem ouse. Experimenta ter um Uninho pra ver se alguém te deixa passar.

Nem manobrista quer estacionar carro velho, meu filho. Enquanto o mundo gira, nas Casas Bahia, o segurança desconfiou do menino, porque estava malvestido. Dedicção total a você. Ele não estava tentando roubar, na verdade estava sendo roubado, pois estava com uma nota fiscal na mão, pagando juros altíssimos num país congelado.

Levou um tiro na cara, todos correram, limpam o sangue e o atendimento recomeçou.

–Só foi um susto, pessoal!

O rapaz foi retirado, o segurança nem algemado foi pela polícia, a própria polícia que ainda falou em outros jornais que se tratava de um cidadão de bem. Os mesmos jornais que abrandaram o caso, afinal se trata de um “incidente” envolvendo um grande anunciante.

O rapaz chamava Alberto, estava sem um Nike, nem Zoomp, nem Adidas, talvez uma bermuda um pouco surrada demais, e com certeza de Havaianas, as legítimas. Mas era pouco até pra um comércio em pleno Capão Redondo, onde o cheiro de pólvora se misturou com o escapamento dos ônibus que passavam ali em frente quando a estupidez efetuou o disparo.

O fato é que esses grandes comércios não somam em nada na quebrada, não têm projeto social, não se adaptam à cultura local, pelo contrário. Nas periferias eles barbarizam os idosos, empurrando todo tipo de mercadoria, exploram os desinformados, com uma calculadora rápida e muitos sorrisos. Prometem relógio de brinde, com a dupla sertaneja de apoio.

E o crédito vai sendo aprovado, afinal nosso povo é honesto, sofre, mas não deixa manchar o nome.

Enquanto empresários abrem outra firma, e fecham a antiga pra não pagar as dívidas. Isso é capitalismo, baby! Seja bem-vindo.

A empregada que puxa o celular pra mostrar para a patroa que agora ela pode. Somos todos iguais, e não tem nada melhor que promover a anti-revolução, afinal todos têm o que perder, todo mundo tem crédito, pode comprar tudo, até carro! Pra que ficar revoltado?

Aquele cara embaixo da ponte não sou eu. Aquele pedindo esmola também não. Aquela senhora desempregada muito menos. Eu não. Eu tenho a oportunidade, se puder comprar um caminhão passo por cima da Pick-up, se puder comprar uma Pick-up passo por cima do Palio, se puder comprar o Palio passo por cima da moto, se puder... Mas ainda não posso.

A televisão me disse que vou poder, com apenas uma moeda eu tiro um carro, um lindo carro, só 72 prestações.

Todos nos agarramos em alguma vaidade, casa, carro, construir, luxo, piso de primeira, forro, gesso, móveis de marca, ah! Uma linda piscina, hein? Pra todo mundo pagar um pau mesmo.

Mas terminamos e depois temos que sair de lá, tudo nos sufoca, é melhor ir para um sítio, pra casa de praia. Vinte dias por ano de férias e mantendo o ano todo caseiro, conta de água, luz, telefone, IPTU, tratamento da piscina.

Mas não importa, sabe por quê? Pros meus amigos eu conto que tenho. Pros meus parentes eu mostro que tenho. Pra minha esposa eu provo que tenho, e daí por diante.

A antiga mansão hoje é depósito de lixo. Não tem mais o glamour, elogios, festas, não se escuta a música clássica, talvez um rap ou um funk bem alto do catador de lixo que é novo morador.

Os óculos escuros na Paulista espantam o sorriso, afugentam a humildade e destroem a chance de o menino receber a moeda.

Já passei natal mais feliz em barraco, comendo coxa de frango assado, comprada na padaria com vaquinha. Já passei natal em casa de amigo, que só tinha pra oferecer um prato com arroz e feijão, e a gente ria muito, estávamos tão felizes.

O que viraram as festas e seus símbolos? Papai Noel virou uma foto 3x4 de um comerciante capitalista, distribuidor de brinquedos e de doces, ou o pai fantasiado para enganar o filho e encher o bolso da Ri Happy. O coelho da páscoa virou mascote da Garoto, que a cada ano empurra ovos maiores e mais caros nas crianças de assalariados. Pra periferia? Algum pequeno comerciante de coração mole que compra ovos promocionais, um pequeno empresário que dá brinquedos baratos, ou o traficante da quebrada que dá tudo isso hoje pra colher viciado amanhã.

Tem uma pequena árvore no quintal de casa, esse dia vi um tufo de mato no chão, era um ninho, olhei dentro, talvez encontrasse ovos, mas me surpreendi e vi pequenos pássaros. Chamei um amigo, mostrei e ele se encantou, resolvemos colocar o ninho na árvore. No outro dia fui ver o ninho, e estava no chão, tinha outro buraco do lado, chamei minha mãe.

– Veja, mãe, nem só de rato vive a favela.

Ela olhou e gostou. Lhe mostrei dois pássaros filhotes que estavam no muro, peguei o ninho e vi um lá dentro, de repente o ninho balançou e um saiu voando, e depois saiu outro,

ela correu e conseguiu pegar um e colocamos dentro do ninho, os bichos estavam olhando o mundo pela primeira vez.

Um deles fugiu, mas vi outro pássaro o seguindo, talvez fosse a mãe, pegamos a escada e colocamos o ninho na árvore de novo.

No outro dia encontrei o ninho no chão novamente, estava todo aberto, como algo que já foi usado o suficiente, no mesmo dia vi a mãe dos pequenos pássaros, pousou no portão durante alguns segundos, olhou em direção ao ninho e saiu, fiquei com os meus botões, será que avisaram onde foram? Fui para o jardim, sentei no banco branco que o ex-dono da casa me deixou e li Hesse novamente, como fazia aos meus 15 anos, não era novo, nem encadernado, mas pra mim é meu maior bem. A sensação veio, nada de desgosto e frustração, e apesar de toda a batalha da vida, eu lia sobre o sol, sobre o céu que não é mais tão sinistro, sobre histórias contadas como devem ser, calmamente, levemente, como uma caminhada em boa companhia.

O sol bateu de um lado do banco, recuei para o outro, e de repente voltei para onde estava, senti o calor, o livro também, as páginas se iluminaram, a história continuou, um vento veio ao meu encontro e me fez o favor de aliviar uma mente às vezes tão cansada.

Crianças passavam na rua, minhas mãos de datilógrafo não doíam mais, segurava o livro e olhava para as árvores, suas raízes e seus detalhes que vistos com atenção deixam à mostra a diferença que todos nós temos.

Voltei para dentro de casa, pensei em alguns discos, e me desculpe o Zeca Baleiro e o Chico César, mas nesse dia nenhum som casava com aquilo.

Vieram-me frases, pedaços de vidas, restos de fotos, mas após pegar um simples copo de café, e ver ainda sobre o sofá discos de Paulo Sérgio, eu fui para o banco branco e esperei somente pelos pássaros, os pequenos pássaros que por muita sorte segurei ainda dentro do ninho.

Isso eu não comprei, isso eu não paguei, nem parcelei, muito menos achei num shopping, nem tive que roubar, isso veio de graça, e acho que isso que é a vida.

Pensamentos parte 33.1

Próximo grande passo

Próximo grande fosso

Coma a carne

Roa o osso

E seguem desnorteados o entretenimento

Só problema, sem pensar a resposta

Não sabe, não anda, não tem gente em volta

Mudar de faixa de consumo

E não de classe

A prisão não pode ser melhor que a favela

Vigiar e punir

A prisão não serve pra quem tá preso

Ela existe para controlar quem está solto

O manicômio não é pra loucos

É pra te dizer qual deve ser o padrão

O ofício e a Oração

O ofício e a oração. Noite. O filme está bom, mas paro na metade e vou ver um doc, amanhã é dia de compromisso e a mente tem que ficar a milhão. Lá fora os muleque joga bola, uma barulheira do cão, uns palavrão entra pela sala, a vizinha já proibiu eles de jogarem na porta dela, eu de vez em quando só digo para dar uma maneirada na boca suja. O doc é duro, ideológico, marca presença, foi presente de um mano que me trombou no metrô, disse

que gostava dos meus textos e que tinha um trabalho paralelo na escola onde dava aula, um trabalho de conscientizar a molecada. Subo e pego um livro, Capitalismo de laços, os donos do Brasil e suas conexões. Como dizia o Ghóez temos que estudar os inimigos. Logo o sono chega e amanhã o dia vai ser mais curto. Dia. Lavo o rosto e tomo um gole de café preto, vou pro quartinho separar os livros, alguns Cronistas, alguns Desterro, um exemplar só do Manual e vários Capão Pecado, o que até hoje mais vende nas palestras. Olho a pasta com os textos, alguns contos, algumas crônicas, sempre deixo para escolher na hora o que vou ler, o clima que me diz o que fazer. O telefone toca, o motorista quer saber que horas pode vir, agora que não tenho mais celular tá todo mundo inseguro, pensando que eu não chego, mas sempre chego. Marcamos o horário, nessa palestra vai ter transporte, as vezes num tem, aí o metrô me leva ou arrumo um parceiro para me levar, já pedi favor para tantos que nem sei, num gosto de dirigir para longe, ainda mais quando volto guiando depois de tanta idéia, a cabeça fica voando. A bolsa tá arrumada, a Elaine pegou a máquina fotográfica, nessa ela vai comigo, me ajuda a montar a mesa com os livros, a tirar as fotos, e me faz companhia no caminho as vezes longo. Nessa vamos varar São Paulo, de um extremo a outro, sentido Zona Leste. O motorista é silencioso, dirige com atenção, já peguei uns loucos que cês nem imagina, esse é tranqüilo, em uma hora e meia chegamos, a vã balançava um pouco. Ainda não posso pegar peso por causa da recente cirurgia, mas a mochila vai um pouco cheia, esperança de boas vendas. Entro na escola, a responsável pelo evento vem me abraçar, conversamos um pouco, os alunos estão animados, nunca conheceram um escritor de verdade, segundo ela essa fita eu vou mudar hoje. Já fiz palestra em todo lugar, Fundação Casa, FAAP, na gringa, cadeia, liberdade provisória, escola do interior, cursinho universitário, e nelas já vi de tudo, palestra de autor que só quer se promover, provar que tem seu lugar de destaque no mundo, outros que só falam da obra que ainda vão fazer, tipo uma pré venda tá ligado? Outros vão falando dos seus novos projetos para crianças que não sabem nem quem é ele. Tarde. Vou ao banheiro, olho no espelho. - Senhor me ajude a encontrar o caminho e poder passar um pouco, falar da conspiração da mídia, colocar na cabeça dessas crianças para não seguir o caminho da massificação, lutar contra o consumismo, mostrar a verdade do Ser em vez do Ter. Trazer o amor a família, o valor da periferia, a nossa auto estima, a importância cultural que temos, o valor da nossa cor e da nossa história, me ajude senhor, a trazer consciência, senso crítico, auto valorização, e mostrar o plano maquiavélico que sempre beneficiou a elite e nos massacra financeiramente e culturalmente nesses anos. - Que eu traga em minhas palavras o

inconformismo, que eu transmite o ódio de todos os dias iguais, sem uma vida justa para todos, que eu provoque não a revolução pessoal, mas a mudança da sociedade, não o ganho material mas o valor social de uma vida digna para todos. - Que eu represente senhor, com responsabilidade, os que nunca escreveram, nunca rimaram, nunca sequer tiraram os textos da gaveta, para que esse ofício, a labuta com a caneta seja uma centelha de esperança e não de comodismo. - Me ajude senhor, a pregar contra as marcas que me povo usa, mas que usam mão de obra escrava igual ao meu próprio povo, contra o álcool que contamina nossas crianças, contra a sua evolução as drogas, os alienadores de realidade que é tão dura, mas é nossa verve para ter sucesso pela dor senhor, me ensine a falar com sábias palavras contra a elite que não mostra o nosso real valor, que nos humilha, nos envergonha pelo nariz, pela boca e ri do nosso cabelo, me mestre como nessa uma hora, deixar uma marca nessas vidas, para que eu também tenha um sentido na minha própria vida, sendo verdadeiro e honesto, afinal o gueto reconhece isso logo de cara. Me ajude senhor, para representar todos os amigos que morreram travando a guerra, aos que não puderam ver mais o sol de cada dia, e aos que nunca souberam o valor de uma vida, que eu fale em nome dessa verdade hoje. Da paciência de Mandela, da fúria de Malcon, da verdade de Luther King, das ruas de Lima Barreto, dos versos de Sabotage. O espelho não responde, mas eu encaro ele ainda por alguns segundos, para ter certeza e vou.

Tudo Nosso Nada Nosso

Foi duro para ela ouvir aquilo.

- Você está com eles? Então, fora!

O policial gritava e empurrava.

Camila comprou o sapato na Santa Lolla em quatro parcelas. A blusinha foi na C&A, em três parcelas. A calça foi em mais parcelas, mas uma calça da Coca-Cola vale se apertar um pouquinho por mês.

Renato ficou puto: como pode aquele policial ter chutado sua perna se, há alguns dias, o vendedor da Brooksfield o tratou tão bem naquele shopping?

Brooksfield, marca que o cantor oriundo das periferias Belo usou durante anos, fazendo assim muitos jovens da periferia a desejarem.

Quando Renato foi entrar na loja, o gerente daquele horário olhou para o vendedor mais jovem e deu um sinal: era para atender o “mano”, forma como os periféricos são apelidados pelos funcionários. Diferente dos doutores e jovens ricos que frequentam a loja e quase sempre passam horas e compram somente uma peça, os “manos” entram timidamente, são inseguros, vão direto para as camisas pólos e muitas vezes compram duas ou três peças.

Apenas dez minutos depois de entrar, Renato já está no caixa pagando duas camisas e uma bermuda. A menina do caixa parece legal quando ele diz que o pagamento é a vista e em dinheiro. Renato é acompanhado para fora da loja com o sorriso do vendedor que lhe entrega um cartão. O mesmo vendedor que também mora na periferia da Zona Leste.

Renato, que mora na Vila Calú, anda pela praça de alimentação e vai escolher onde comer seu lanche.

Dias depois, Renato foi avisado de um “rolezinho” pela internet. A mensagem veio pelo Facebook.

Um “rolezinho” foi como os jovens apelidaram uma forma de encontro em alguns lugares, coisa já feita há muitos anos por todas as classes (ou você nunca viu ou participou de um encontro na frente da faculdade?)

A diferença é que, se os universitários não puderem se encontrar na frente da faculdade, o fariam no bar; na periferia, ficar no bar é pagar para vacilar e virar número que engorda as matérias sobre chacinas.

O País há muitos anos é vendido como rico. "Estamos em ascensão". "Tudo está melhorando". "Todos fazem parte dessa evolução".

Balela, mentira. A elite não está preparada para dividir seus espaços, seus feudos, sua exclusividade, mas uma coisa é certa: ela vai ter que aprender.

"Por que eles não ficam no lugar deles?"

Porque o lugar deles é ruim. Ninguém quer ficar mais desfilando de Mizuno de 1.000 reais em frente ao córrego, quem gosta de córrego é rato.

A periferia há muitos anos está defasada de algo que atraía o jovem. Não temos meio nenhum de entretenimento para alguém que hoje completa 14 anos.

A biblioteca mais próxima é um CEU da prefeitura (tem 3.000 títulos para mais de um milhão de habitantes).

A piscina pública é também no CEU (tem que cadastrar e esperar sua vaga para nadar no horário determinado pela instituição).

Um exemplo é um parquinho que fizeram aqui no Engenho Velho na Zona Sul onde moro.

A prefeitura executou a obra há duas semanas, com três gangorras feitas de pneus e correntes, dois gira-giras, e um escorregador. O parquinho nunca ficou vazio: crianças disputam espaço com jovens que, às vezes, ficam sentados horas ali, como é comum ficarem ociosos em calçadas por todas as periferias.

Jovem é jovem, não importa a classe. Quer usar roupa que o valorize, quer sair para um lugar melhor, está tão cheio de dúvida que quando olha para o espelho ainda não sabe o que é, nem o que vai ser.

No estacionamento, Carlos, advogado e classe média, escuta na rádio: “Com tanta riqueza por aí, cadê sua fração, até quando esperar?”

Ao seu lado, Renato, estudante e balconista, tido como classe baixa, escuta no rádio: “Nota de cem, nota de cem, joga os plaquê de cem”.

Em alguns minutos Carlos vai entrar no shopping tranquilamente com sua camisa Hering e sua bermuda comprada num brechó de uma amiga, enquanto Renato, com sua camisa da Abercrombie e Fitch, sua calça da Fórum, seu tênis Nike SB, seu óculos Oakley, e seu relógio Invicta, vai ser barrado na porta por ser periférico.

Da ponte pra cá, a vida nunca foi mamão e, de uns anos pra cá, vem sendo notório que tudo está mudando, todos estão tendo acesso (nem que seja em parcelas) e querem também o que o “outro lado” tem a oferecer.

Anos de exclusão, cozinhando e chegando em casa sem alimento, cuidando do transporte e não tendo como voltar para seu barraco, ensinando uma elite que lhe dá o desprezo em contrapartida. Ninguém nasceu para ser coadjuvante de ninguém, a nova geração é mais desassistida, com escolas piores, sem exemplos de vida contundentes, sem expectativa para de fato construir uma família, afinal muitos vem de uma desconstrução.

Muito barulho, porque é no quintal da elite. Enquanto era no nosso, tudo tranqüilo.

Proíbe som alto, baile funk, passeio deles no shopping, proíbe, proíbe, proíbe. Sai mais barato criar leis do que dar conhecimento.

O conhecimento é a chave, para discernir o que é melhor, desde o consumo pregado há tantos anos pelas mais competentes agências de propaganda (se esses jovens estão loucos por essas marcas, o trabalho deu certo, parabéns).

Não existe educação que funcione hoje neste país, por isso o "rolezinho" não é em bibliotecas.

Só não vale depois depositar toda a culpa no som que é feito no barraquinho da favela. A maldição é o funk falando de suas roupas e carros?

O menino do morro no palco é só a repetição de campanhas de marketing agressivas, que o fizeram ter vergonha de ser o que é, e querer se blindar de garantias de aceitação.

Mas roupa não esconde pele, olhar, postura, serão esses os quesitos para barrar nas entradas dos impérios elitistas?

A frase mais incompleta do país.

Um país de todos.

Vamos completar.

Desde que cada um fique no seu quadrado.

O caminho para a evolução nos nossos tempos não é ouvir funk carioca no pancadão, mas também não é fazer pilates trancado no seu presídio de luxo.

Tanto discurso de inclusão durante os almoços, um país para todos, globalização.

Mas na vida real balbucia a todo momento.

- Mas esse povinho demora quando entra no avião.

O acesso ao conhecimento tem de ser para todos.

- A feira literária de Parati hoje é cheia, antigamente era tão bom.

Tempos novos, novos acessos, muito ainda virá. Aposte no caos se não houver inclusão.

ANEXO IV

Entrevistas completas do poeta Sergio Vaz ao site *Doladodecá* e fotos do projeto Poesia nos Muros.

POR POETA SÉRGIO VAZ:

“A poesia vai tomar conta das quebradas. O objetivo deste projeto é o de levar a literatura periférica para as ruas, literalmente. Extraí-las das páginas dos livros e apresentá-la em um novo suporte, um suporte público e temporário, no entanto com grande potencial atrativo e mais abrangente, o lambe-lambe. A poesia vai aparecer inusitadamente. Virá como um presente, um desafio, um respiro, uma fuga para transeuntes, motoristas, passageiros, uma quebra na rotina, uma reflexão para o dia a dia de milhares de pessoas que passam pelas ruas lotadas, cheias de signos e propagandas por todos os lados, e principalmente, um convite à leitura e à uma nova percepção do cenário urbano periférico usando a arte como canal de compreensão do mundo, com um desejo enorme de diminuir a distância tão comum, dada a educação deficiente que nossa classe social recebe, com a literatura e como meio para questionar e transformar a vida urbana cotidiana.

Brasil, São Paulo, capital, Zona Sul, Piraporinha, Chácara Santana, Bar do Zé Batidão, Sarau da Cooperifa, poeta Sérgio Vaz. Ponto de partida. Sim, o jogo de palavras desta intervenção partirá deste poeta de coração e vocação, formado nas ruas e que começou a escrever poesias em papel de pão, lendo pessoas e escrevendo o silêncio sentido do cotidiano das quebradas, de onde já extraiu cinco livros. Através do Sarau da Cooperifa, onde é cofundador, Sérgio Vaz desmitificou a poesia e pediu silêncio para escutar o povo, e conseguiu levantar um exército de poetas e um movimento literário lindíssimo, de estética pura e verdadeira, a Literatura Periférica. Ele quer mais, a cidade também.

Para fortalecer essa corrente comunitária de literatura e tentar vencer a informação rápida e superficial, a individualidade e a crescente vontade de TER e não mais SER dos dias

atuais, as palavras do poeta tomarão as ruas durante esta intervenção através da linguagem do Lambe-lambe, uma vertente da arte de rua tão presente em nossos muros e postes, que utiliza cartazes – com frases, desenhos, poesias, entre outros – como manifestação nos meios urbanos e são colados para transmitir uma ideia, realizar divulgação ou fazer protestos, visando criar relações afetivas com o cenário que não a da objetividade funcional que aplaca o dia-a-dia.

Para coordenar e produzir artisticamente esta intervenção, transpondo o suporte desta arte, a ilustradora e desenhadora gráfica das quebradas, Silvana Martins, trabalhará, sobretudo, tipograficamente sobre estas poesias, adequando os conteúdos aos locais que pretendem ser utilizados como plataforma para esta intervenção.”

Fotos do projeto idealizado e originalmente realizado pelo Poeta Sergio Vaz. As imagens foram recolhidas da página Poesia nos Muros, na rede social Facebook, no endereço: <https://www.facebook.com/PoesiaNosMuros/?fref=ts>. Consultado de Janeiro a Outubro de 2016.





EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

POESIA NOS MUROS

Venha conhecer a intervenção poética urbana de lambe-lambes que se espalhou pelas periferias da zona sul de São Paulo. Uma homenagem ao poeta **Sérgio Vaz**, um livro aberto para o povo.

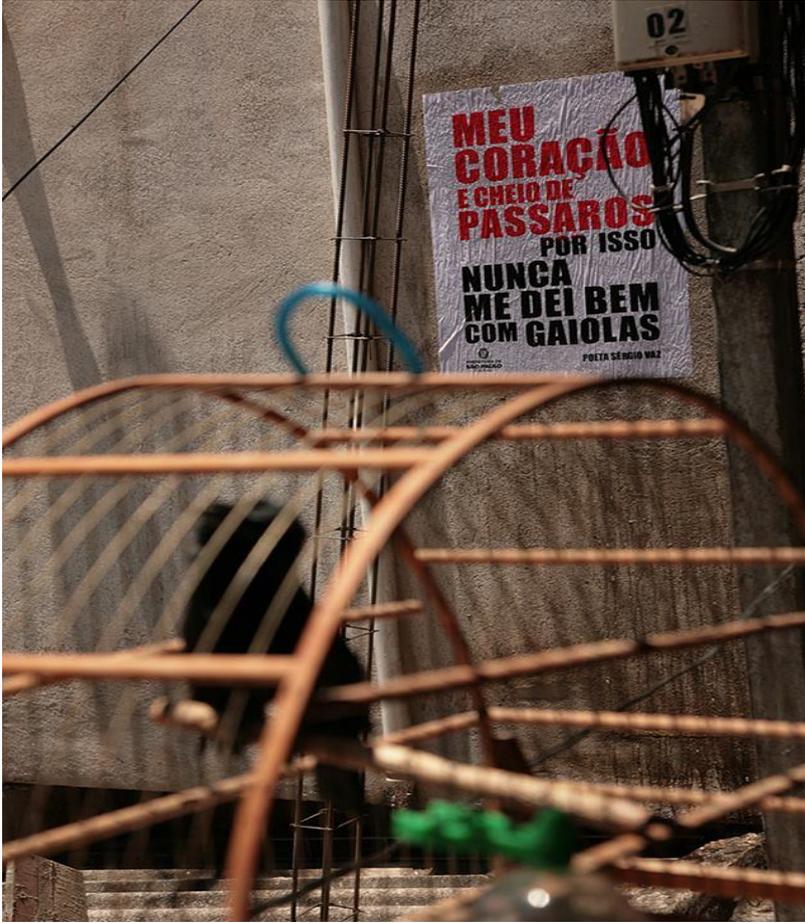
ABERTURA 19 de setembro | 2014 | 19h

De 19 de setembro a 4 de outubro

GALERIA OLIDO

Avenida São João, 473 - Centro - São Paulo









ANEXO V

Entrevista do autor Ferréz à Soraya Sugayma, para o site da Candido Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, disponível, em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1023>.

O escritor paulistano Ferréz é um homem engajado. Ligado ao movimento hip-hop, autor de letras e discos no gênero, também criou o selo Literatura Marginal, que publica escritores da periferia, e a ONG Interferência, voltada à educação infantil. Além disso, tem a própria marca de roupas, a 1Dasul. Mas foi a literatura que escreve desde os anos 1990 que o tornou conhecido e o levou aos projetos acima citados. A partir de *Capão pecado* (2000), romance que retrata a realidade cruel do distrito paulistano Capão Redondo, Ferréz deu início à sua militância em torno da cultura da periferia.

Os ricos também morrem, seu mais recente livro, traz à tona assuntos pouco vistos nos enredos da literatura brasileira contemporânea. São histórias de assassinatos, vida na cadeia, privações de bens e oportunidades e luta de classes. A linguagem, tema de discórdia entre entusiastas e detratores do escritor, continua próxima da fala, da oralidade e informalidade das ruas, dos botequins, esquinas e quebradas, ou seja, do habitat do escritor.

Ferréz fala sobre isso na entrevista que segue. Também explica como se posiciona no mercado editorial brasileiro, onde a maioria dos escritores emerge da classe média. “É simples, eu não tomo cafezinho com o dono da editora, não estou do lado dos donos nem dos assessores, não estou no mercado restrito do livro”, diz o autor, que tenta burlar o esquema engessado de distribuição das editoras ao vender seus livros em lugares como supermercados e bares.

No prefácio de *Os ricos também morrem*, você afirma que escreveu contos que “antes contava ao pé do ouvido dos outros”. De fato, a sua linguagem, desde os primeiros livros, traz referências da oralidade, da conversa. Essa escolha é consciente? A linguagem de sua literatura é a recriação da fala das ruas? E ainda: fazendo um balanço, desde *Fortaleza da desilusão* (1997), o seu primeiro livro, até o mais recente, como é a recepção, por parte de crítica e público, da sua linguagem?

A escolha é consciente sim, esse livro foi criado no dia a dia pra ocupar esse espaço, para poder ser lido nas salas de aula, nos saraus, em todo lugar onde tiver alguém que não tem tanto acesso à literatura e quer ter uma experiência mais oral. Agora, fazer um balanço não é comigo, não tenho esse entendimento, eu vou fazendo e as pessoas vão se identificando ou não, e esses contos foram testados na rua, e o pessoal sempre perguntava, então joguei os outros mais “construídos” fora e parti pro ataque com os futuros leitores que eu trombava.

Ainda no prefácio de *Os ricos também morrem*, você faz uma definição de sua literatura. Escreve que pretende fazer um prefácio “que convença um futuro leitor, que seja escrito com inconformismo, que transmita o ódio de todos os dias iguais, sem uma vida justa para todos, que provoque não a revolução pessoal, mas a mudança da sociedade”. É possível afirmar que a sua literatura é inconformada, traduz a insatisfação daqueles que parecem não ter perspectiva de uma vida melhor e, mais que tudo, busca uma revolução social? O que acha disso?

Minha literatura é um reflexo do que sou também, então sou um cara muito inconformado, eu não entro em nenhuma briga sem argumento, e toda pobreza me incomoda, não consigo aceitar, entre tantas coisas, pessoas idosas que deveriam estar aposentadas, lotando os faróis para vender as coisas, pedindo R\$ 1 na porta do “Bom Prato”. Não aceito os meninos com olhares vazios aos 12 anos de vida, muita coisa me deixa inconformado, um cara num carro de R\$ 200 mil e ao lado um cara embrulhado com papelão. Essa elite que odeia tanto o pobre, que só fica reclamando da Bolsa Família, que tem argumento gratuito pra tudo, sendo que não sabe a real situação do povo, não entende o drama dos pobres, que olham toda a evolução e não fazem parte de nada, nada. De fritar a melhor carne pra elite e não ter ovo em casa, de proteger os portões de mansões e chegar em casa após a chuva e ter perdido o barraco.

Em *Os ricos também morrem*, há contos que apresentam, entre outras questões, a realidade daqueles que estão presos, como “Canto da sereia”, a falta de perspectiva de quem não tem acesso a quase nada, como “A história do ovo”, e até mesmo a falta de segurança que atinge tudo e todos, mesmo os ricos, como “Imagens flagram”. De um modo geral, não parece existir redenção para os seus personagens. O mundo a respeito do qual você escreve não tem solução? Não tem luz no fim desse “túnel”?

Tem luz, mas é só pra quem pode pagar por ela, tem energia pra quem tem acesso a isso, e o outro lado do povo está assim. Não inventamos essas histórias como ficção, eu amarro como ficção, dou argumentos para reduzir essa realidade a um nível de desconforto que seja até tolerável. Tento na verdade empacotar um pedaço dessa realidade, mas é vista por mim. Comida e regurgitada por mim, então não é uma realidade pura. Eu só escrevo quando sinto de verdade que aquela história tem que ser contada. Se eles têm esperança? Sim! Se há esperança? Difícil.

Em Ninguém é inocente em São Paulo, de 2006, havia mais contos escritos em primeira pessoa do que em Os ricos também morrem, de 2015, onde aparecem mais textos literários em terceira pessoa. Essa escolha, entre primeira e terceira pessoa, foi calculada? Prefere escrever em primeira ou em terceira pessoa? Qual a diferença?

Bom, mais fácil é em primeira pessoa, mas eu queria dar voz autêntica a esses personagens, então a terceira é melhor para dizer isso dessa forma. Tem voz ali que é só ela por si só, não tem que ter nem introdução nem nada, você entra no pedaço daquela história, naquele momento, e sai dele também no meio, pois a vida é assim, nem tudo tem final.

Você costuma usar o termo “literatura marginal” como marca identitária para seus escritos e de outros “escritores periféricos” — como na publicação que organizou, intitulada *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica* (2005). O termo também já foi usado, com outra conotação, pelos escritores dos anos 1970. O que esse termo representa para você? É uma forma de colocar seus textos no centro da periferia (produção, circulação), ou, de algum modo, marcar-se como fenômeno de resistência diante de uma “cultura hegemônica”, que historicamente inventa seus cânones?

É simples, eu não tomo cafezinho com o dono da editora, não estou do lado dos donos nem dos assessores, não estou no mercado restrito do livro. Não exerço influência dessa forma, então minha luta é na rua, nas escolas, nas palestras que faço, e pra isso a identidade de literatura marginal, que vem das margens, que vem do povo, que tem o sapato com pó da rua. Não vivemos disso 100%, pois temos que trabalhar para comer, para vestir, e a literatura se mistura com essa militância. Então nas ruas somos tratados como um cantor de rap é tratado,

pedem fotos, pedem autógrafos, porque eles veem essa luta nos bairros, nas quermesses, nos *shows*, a gente tá sempre encostando e mandando ali um texto. A nossa literatura é marginalizada, mesmo estando em grandes editoras, porque um ladrão não deixa de ser ladrão porque roubou um banco, então o crime do raciocínio crítico que a gente promove ainda é crime. Não engrossamos a fila desses tipos, não pertencemos a esse mundo, enquanto eles discutem quem vai ganhar tal prêmio, a gente tá preocupado com a próxima chacina, com o próximo mano que não vai voltar pra casa.

Você tem leitores tanto “no centro” quanto “na periferia”. Como se relaciona com esses diferentes públicos, haja vista que sua obra também é publicada fora do país?

Meu relacionamento é assim: quando tem evento, e sou contratado pro centro, então faço meu trampo, quando tô na minha vida normal, tô na quebrada, ou andando por outras que me chamam, seja pra comer na casa de alguém ou pra fazer um recital de poesia, ou uma palestra, eu encosto também.

Aliás, seus livros já estão traduzidos em alemão, inglês e espanhol. O escritor Cristovão Tezza costuma dizer que a literatura brasileira não existe fora do país, é lida em círculos muito restritos no exterior, como nos departamentos de Letras das universidades. Concorda? Como é sua relação com leitores e editores estrangeiros?

Bom, agora chegou a notícia de que o livro infantil que fiz está acabando de ser traduzido pra Coreia do Norte, e assinei contrato também para uma tradução em espanhol. Em casos como a Argentina, já estou indo pro quinto livro lançado. Então tem tido um progresso, no meu caso, quando vou pra outros países, faço os eventos principais, e também os que os militantes me chamam, então vejo a literatura circular por esses lugares também. O Tezza tem esse pensamento, que também tem seu sentido, mas eu sempre fico além do tempo nos eventos e vou costurando novas formas, saio do modelo formal de ficar ali sentando só pra autógrafo no dia da feira, e estico mais eventos e mais coligações, sejam movimentos feministas, espaços de hip-hop, cultura *underground*. Onde chamar a gente tá colando. Já estive em países sem estar em evento oficial, e fiquei por lá nos movimentos alternativos, nas escolas, e depois de

um tempo, houve pedidos para voltar, dessa vez, para eventos oficiais. Nunca foi fácil, então a gente vai construindo de pouco em pouco.

Há alguns anos a literatura brasileira viveu uma onda de autoficção, livros que retratavam, em maior ou menor grau, experiências do próprio autor. Capão pecado, logicamente, fala sobre a sua realidade. Você considera seu primeiro romance um livro de autoficção?

Nem a pau, o livro é ficção, e claro que tem um pedaço de mim ali, mas tem muitas vidas de outros, e muita história também criada. Autoficção deixa pra quem sabe fazer bem, como o Ricardo Lisias. Quando fiz Capão pecado, tava numa crise foda, desempregado, passando dificuldade, então é um livro que só existe pela teimosia. Nunca pensei nele por esse lado. Peguei amigos como referência para os personagens, mas mutilei suas vidas e ficcionalizei quase tudo. É um livro de um menino que queria ser escritor, um menino que não conseguia dormir à noite por causa da troca de tiros. Pior que vendo assim, talvez você tenha razão.

A literatura brasileira é feita pela e para a classe média. Como você, que veio da periferia, analisa essa produção feita por professores, jornalistas e críticos? Ou, em outras palavras, a literatura brasileira fala, também, para a periferia?

Não. Ela fala em sua maioria para quem convive com eles, a maioria não consegue saber o que é essa literatura. As pessoas gostam do que é bom, mas elas primeiro tem que ter acesso a isso, e da forma que é feito, é pra não ter acesso. Você tem exemplares mofando nas prateleiras, e as editoras conservadoras não criam métodos de vendas diferentes. Lembro que uma vez arrumei uma rede de mercados para vender meus livros e uma das editoras que tive falou que não tinha interesse em vender meus livros lá. “Como vamos vender livros pra essas pessoas que estão comprando carne e arroz?”, disseram. Então elas passam pelo caixa e compram revistas como Playboy, Caras, que é o que tem. Podiam muito bem comprar livros do Marcelino Freire, Fabrício Carpinejar, João Carrascoza, se esses autores estivessem disponíveis lá.

Historicamente, temos uma cultura que se pretende comum. Um tipo de cultura carregada de marcas de distinção social, muitas vezes, de visão conservadora. Você já foi ameaçado de ser preso por seus escritos e já teve o *Capão pecado* contestado como leitura indevida, por conta da linguagem, em algumas escolas do país. O que pensa sobre o assunto?

Quando fui algemado e levado pra delegacia, não imaginei que um texto tivesse essa força, meu pai não acredita até agora. E quando professores foram demitidos por terem adotado o *Capão pecado* nas escolas, fiquei muito triste, pois esses jovens vão ter contato de outra forma com esse mundo. Mas não podia ser de outra maneira: o dia em que parar de incomodar, a gente vai estar fazendo coro com o inimigo.

Você estreou com um livro de poesia, *Fortaleza da desilusão*, mas foi com o romance *Capão pecado* que se tornou conhecido. Desde então, não voltou mais à poesia. A prosa é a linguagem em que você se encontrou como escritor? Pretende ainda voltar à poesia?

Faço poesia toda semana, só não publico, guardo pra mim. Amo a poesia e aqui, na zona sul, ela conversa muito com o rap. Então faço um mix disso, uma literatura hip-hop, que só recito em espaços da molecada, em shows, quermesses, aí a gente joga pra ganhar. Também estou numa fase de contos e crônicas, e estou curtindo muito. Fora os livros infantis que cada vez amo mais escrever.

Você também tem uma experiência como editor, com o Selo Povo, da Editora Literatura Marginal. Como é esse trabalho? Como seleciona e distribui autores e livros?

Com as três revistas que lançamos desde 2000 nas bancas, já temos mais de 45 autores e agora estamos editando o quinto livro pelo Selo Povo, de um menino de Itapecerica da Serra, chamado Wesley Barbosa. Ele tem 22 anos e até final do ano sai seu livro, que é um trabalho de militância pela cultura, mas, principalmente, para que o novo surja. Somos críticos e editamos o livro com muita cobrança, para que os autores permaneçam no mercado e consigam seguir suas carreiras. A periferia é muito mais cobrada, então temos que prestar atenção nisso. Temos, como toda editora pequena, problemas na distribuição, mas a gente

supera isso fazendo o caminho inverso, transformando cada leitor e escritor num multiplicador, então assim vai caminhando.

Os títulos dos seus livros são impactantes, como *Manual prático do ódio*, *Ninguém é inocente em São Paulo* e *Os ricos também morrem*. Como, em geral, eles surgem?

Toda vez que termino um livro, aparece o título do próximo bem na minha cara, até me cansa isso, pois às vezes o título surge e eu tenho que fazer algo com ele. É dessa forma. O conteúdo vai sendo criado no dia a dia, na correria entre um trabalho e outro que faço, aí paro em qualquer lugar e escrevo um trecho, sempre à mão, depois junto todos esses papéis picados e monto o livro. Agora estou mais moderno e tenho uns caderninhos pra não ficar tanta zona.

Você costuma dizer que no *Capão Redondo* “a miséria é senhora”. Mas o perfil de seus personagens em *Capão pecado*, *Manual prático do ódio* e *Deus foi almoçar* mostra que a miséria está muito mais na falta de estrutura “da quebrada”, e menos nos personagens. Até que ponto acha que a precariedade da periferia desenha os sujeitos que nela habitam?

O fluxo é esse, não tem como conviver com tanto não e fazer coisas monumentais, a vida na quebrada faz a gente dessa forma. Burlar o sistema é difícil, não impossível, mas a grande maioria segue o ritmo já programado.

A violência é uma marca de sua prosa. Por outro lado, algumas descrições de *Manual prático do ódio* — como, por exemplo, o trecho em que narra a solidão da personagem Eliana — trazem uma melancolia que funciona como respiro na leitura, um contraste com a violência. Como esta violência, no sentido mais bruto, se faz presente na cultura dos moradores da periferia e dos processos de formação de subjetividade?

Na real, essa pergunta é um quebra cabeça pra mim, não sei dizer não, só sei que é assim que vejo e que escrevo. Sinto solidão numa dona de casa que conheço e ela vira uma parte de um livro, se sinto ódio nos olhos de um mano, eu guardo esse momento. O que isso vira depois, aí já não tenho noção pra dizer o que é.

Você, por meio de sua escrita, questiona o acesso aos bens culturais, a dicotomia entre “baixa e alta” cultura, coloca a sua própria cultura como formadora de linguagem. Indica também a necessidade urgente de compreensão do mundo, de como as coisas funcionam, para o levante de autoestima dos periféricos. Ou seja, colabora com processos de construção do conhecimento por vias não formais. Diante disso, poderia falar um pouco sobre como interage com sua comunidade?

Bom, eu tô respondendo esse questionário daqui da loja de roupas no centro do Capão Redondo. Paro um pouco, vou atender um cliente, depois volto a responder, bom, essa é minha vida. Saio daqui, vou pra padaria, tomo um café e vou pra casa, no caminho sempre tem alguém encostando e perguntando se tenho dicas sobre redação, pois o cara vai prestar concurso. Outra encosta e diz se pode caminhar comigo porque tá com uma puta neurose em casa, aí um menino diz que apanhou do pai em casa, eu digo que a gente mora perto do lixo, mas não faz parte dele, que tudo é uma fase e assim a gente vai vivendo.

A ideia da casa como um lar “não ideal” (sempre com aspecto de estar em obra) — carente não só do alimento, mas também de artefatos dignos, de conforto que gera vontade de permanência — está bastante presente em seus textos. No entanto, em *Amanhecer esmeralda*, seu livro infantojuvenil, você indica um caminho possível de mudança, relacionando o cuidado de si, com o cuidado do lar, da casa, que se expande para a comunidade. O objetivo foi fazer um contraponto à sua própria obra, de alguma maneira?

Acho que sim, nunca pensei nisso, só tento contar histórias que possam espelhar, sei lá, trazer mudanças, e a história do *Amanhecer* é pra isso, dizer pra menina e pro menino de quebrada que a periferia tem seu lado bom, que não é só crime, álcool e destruição, que no fim das contas existe mesmo luz no fim do túnel, mesmo que a gente não veja, ela com certeza está lá, e a gente pode imaginar pelo menos.